Profeta, O mensageiro de Deus

Pastora Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape
https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html

Profeta, o mensageiro de Deus

Ministério Seara Ágape
Estudo Bíblico Evangélico

Pastora Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – 2007

Este livro é dedicado aos escolhidos por Deus para serem Sua voz na terra e Seus verdadeiros mensageiros para exortar, consolar e ensinar o povo que Ele separou para Si. Aos que suportam todas as dificuldades, a fim de cumprir o chamado divino visando ao bem e ao crescimento do Corpo de Cristo em amor.

Agradeço ao Rei dos reis e Senhor dos senhores pela Sua sabedoria, amor e paciência de Pai e que tem me sustentado no meu chamado, guiando-me e moldando-me, dia a dia, para que eu possa obedecer-Lhe e servi-lO com todo o meu ser.

“Quem recebe um profeta, no caráter de profeta,
receberá o galardão de profeta” (Mt 10: 41a).

“Eis que eu envio o meu mensageiro,
que preparará o caminho diante de mim...” (Ml 3: 1a).

“Não havendo profecia, o povo se corrompe;
mas o que guarda a lei, esse é feliz” (Pv 29: 18).

Introdução

Você já pensou, alguma vez, em ser um profeta?

O que significa ser um profeta de Deus?

Ser profeta é ocupar o chamado de Deus para este ministério, um dos cinco estabelecidos por Ele (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres).

A bíblia descreve as profecias de dezesseis homens de Deus que receberam dEle esse dom para ser Sua boca na terra, advertir Seu povo e tirá-lo do cativeiro do pecado, guiando-o pelos caminhos da santidade. Segundo a Palavra, existem quatro profetas chamados 'maiores' e doze 'menores'. Os maiores são: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel; os menores são: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Podemos ver em todos eles uma característica básica que foi a *obediência* à vontade de Deus, muitas vezes difícil de ser exercida do ponto de vista humano, mas indubitavelmente factível sob o ponto de vista divino.

Este livro tem por objetivo instruir a respeito do ministério profético; mais do que isso, deixar claras as principais características de um verdadeiro *"homem de Deus",* como também são conhecidos os *profetas*.

Em 1 Co 14: 32 ("Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas"), a bíblia nos dá a entender que a profecia varia de um filho de Deus para outro, em decorrência do seu próprio crescimento e interpretação interior; isso não é a mesma coisa que dizer que há várias manifestações dos dons. Neste versículo em especial, podemos imaginar que a porção humana do homem está envolvida, assim como a sua fé, permitindo maior ou menor grau do fluir do Espírito, da mesma forma que o conteúdo mental e espiritual dá a cada um, uma interpretação diferente do mesmo fato. Entretanto, se lermos o versículo que vem a seguir ("porque Deus não é de confusão e sim de paz...") conseguimos perceber que, mesmo com as particularidades de cada ser humano que o Senhor usa como Seu instrumento, Sua mensagem é concordante no seu cerne, na sua essência. A bíblia também diz: "tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé" (Rm 12: 6), o que vem completar nosso raciocínio acima.

Profeta vem do grego *Prophetes* (Prophêtas), *porta-voz; pro = diante* e *phetes = orador, locutor;* do verbo *phenai = 'falar'*. Profeta significa: porta voz, mensageiro, o que revela os pensamentos divinos, o que interpreta os oráculos (profecia ou a palavra de Deus; conselho, respostas ou declarações divinas; em Hebraico, dabar, דָּבָר, 'coisa', 'palavra', Strong #1697; em Grego: λόγιον, logion, 'respostas ou declarações divinas', Strong #3051), o que é movido pelo Espírito de Deus e, a partir daí, se dispõe, solenemente, a declarar ao homem o que tem recebido dEle por inspiração; o homem que é usado pelo Espírito Santo e lhe é dada autoridade e sabedoria na Palavra para que ela tenha o peso que deve ter; também significa poetas. O profeta tem *poder para instruir, confortar, encorajar, repreender, convencer do erro, declarar culpado e estimular as pessoas*. Há referências no NT sobre profetas em At 11: 27; At 13: 1; At 15: 32; At 21: 10 – o que nos faz pensar que não só no AT eles existiam, mas na Igreja Primitiva também. Mesmo dentro do ministério profético existem diversas manifestações do Espírito, pois uns são dotados de vidência (predição do futuro), outros não. Uns são mais usados por Deus para a exortação, outros para a instrução e revelação na Palavra e assim por diante. Em Mt 10: 41 está escrito: "Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta". A palavra de Deus também nos diz

que é para julgarmos todas as coisas e retermos o que é bom (1 Ts 5: 21). Como eu vou saber se um profeta vem realmente de Deus? Veja algumas referências importantes em Jr 23: 31-32; Dt 13: 1-5; Dt 18: 21-22. Resumidamente, o profeta que vem de Deus não induz ao erro ou ao pecado, não traz jugo ou mentiras, não fala coisas da sua carne nem relata sonhos ou visões que não são do Senhor e, o mais importante de tudo, o que vem da boca de Deus se cumpre. As falsas profecias, mais cedo ou mais tarde, vêm à luz e são desmascaradas, pois o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que estão em contradição com o projeto divino para a nossa vida. Além disso, o dom de discernimento de espíritos (dado pelo Espírito Santo) nos ajuda a distinguir o verdadeiro profeta do falso.

A principal função do profeta no NT era transmitir as revelações divinas de significação temporária, que proclamavam à Igreja o que a mesma necessitava saber e fazer em circunstâncias especiais. Sua mensagem era de *edificação, exortação (gr. paraklesis)* e *consolação* (1 Co 14: 3 e Rm 12: 8: "Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando"; "ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria") e incluía declarações ocasionais de *autoridade* sobre a vontade de Deus quanto a casos particulares (At 13: 1-2: "Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colaço de Herodes, o tetrarca, e Saulo. E servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado") e raras *predições sobre o futuro* (At 11: 28: "e, apresentando-se um deles, chamado Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio"; At 21: 10-11: "Demorando-nos ali alguns dias, desceu da Judéia um profeta chamado Ágapo; e, vindo ter convosco, tomando o cinto de Paulo, ligando com ele os próprios pés e mãos, declarou: Isto diz o Espírito Santo: assim os judeus, em Jerusalém, farão ao dono deste cinto e o entregarão nas mãos dos gentios").

É comum lermos nos livros proféticos a expressão *"Dia do Senhor"*. Ela pode significar um dia específico marcado por Deus para realizar justiça e juízo, como pode também significar a primeira vinda de Cristo ou a segunda e o dia do Juízo Final.

Embora alguns homens de Deus descritos a seguir não tenham sido considerados *profetas* no sentido amplo da palavra, foram usados pelo Seu Espírito para profetizar em algumas situações específicas, por exemplo, a família, como foi o caso de *Isaque e Noé*; outros, como *José,* foram usados para revelar sonhos e interpretar enigmas de reis de outras nações. *Davi* também foi considerado um profeta (At 2: 29-31: "Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, *profeta* e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte [Sl 16: 10], nem o seu corpo experimentou corrupção"). Como vimos anteriormente, um dos significados de *profeta* é *poeta* e ele aproveitou todas as situações da sua vida para, através da poesia, trazer ao povo as palavras do Senhor. Ele mesmo dizia: "O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua" (2 Sm 23: 2). Escreveu também salmos messiânicos com cunho profético, principalmente no que diz respeito ao sacrifício da cruz.

Todos esses homens desenvolveram características importantes a um verdadeiro profeta, a começar pelo *amor* e pela *disciplina*. Em 1 Co 13: 2 está escrito: "Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha a fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei". Isso

nos diz que para ser profeta é necessário desenvolver, em primeiro lugar, a sensibilidade espiritual e o amor de Deus, pois, sem este, o dom não poderá ser corretamente utilizado. Em segundo lugar, precisamos da disciplina, que nos coloca à Sua disposição todos os segundos do nosso dia e faz-nos esquecer de nós mesmos e dos nossos próprios interesses para fazer o que Ele nos ordena. As demais características a serem desenvolvidas num profeta, serão descritas nos capítulos do livro.

Antes de terminar a introdução, torna-se necessário deixar bem claro que uma coisa é ser usado por Deus, *no Espírito,* como um verdadeiro profeta, para apontar um erro com o objetivo de correção e salvação; outra coisa é estar *na carne,* apontando e acusando pessoas, sem o dom de revelação do Espírito Santo, simplesmente por um costume humano de criticar e derrubar o semelhante.

Que através das experiências desses escolhidos, nós possamos crescer e aprender mais sobre as infinitas escolhas do Senhor para nós também.

Boa leitura.

Amo você em Jesus.

Tânia Cristina Giachetti

Notas:

• As palavras ou frases colocadas entre colchetes *[ ]* ou parêntesis *( ),* em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].

• A versão evangélica aqui utilizada é a 'Revista e Atualizada' de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.

• NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).

E-mail: relacionamentosearaagape@gmail.com

Índice

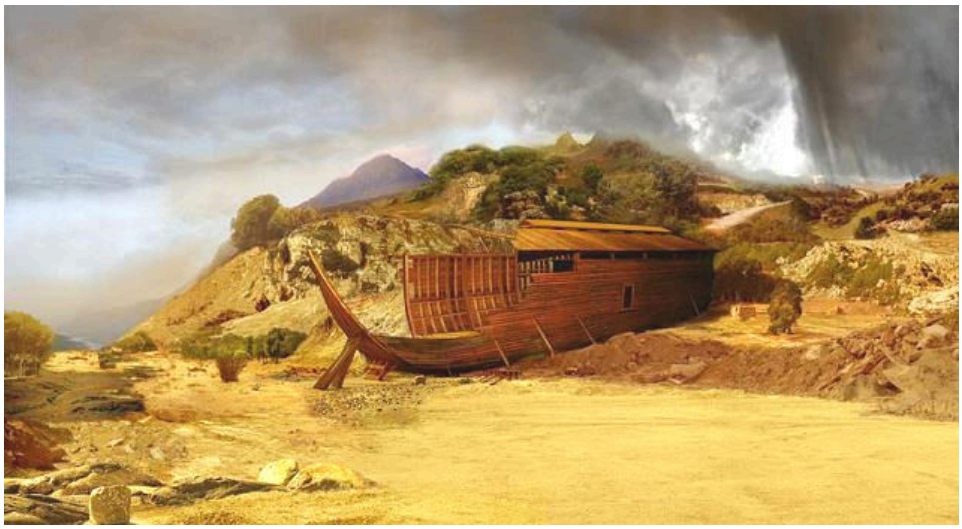
1) Noé 11
2) Isaque 15
3) José 19
4) Moisés 23
5) Josué 27
6) Débora 31
7) Sansão 35
8) Samuel 39
9) Davi 43
10) Elias 49
11) Eliseu 54
12) Jonas 59
13) Isaías 64
14) Jeremias 68
15) Ezequiel 77
16) Daniel 91
17) Oséias, Joel, Amós, Obadias 104
18) Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias 112
19) Ageu, Zacarias, Malaquias 117
20) João Batista 122

O reino dividido

	Judá (sul)	Profetas Sul	Profetas Norte	Israel (Norte)
950 AC	Roboão (931-914 AC) Abias (914-911 AC) Asa (911-870 AC)			Jeroboão I (931-910 AC) Nadabe (910-909 AC)
900 AC	Josafá (870-848 AC)		Elias 875-848 AC	Baasa (909-886 AC) Elá (886-885 AC) Zinri (885 AC) Onri (885-874 AC) Acabe (874-853 AC) Acazias (853-852 AC)
850 AC	Jeorão (848-841 AC) Acazias (841AC) Atalia (841-835 AC) Joás (835-796 AC)	Joel?	Eliseu 848-797 AC	Jorão (852-841 AC) Jeú (841-814 AC) Jeoacaz (814-798 AC)
800 AC	Amazias (796-781 AC) Uzias (781-740 AC)	Isaías 740-681 AC	Jonas 785-750 AC Amós 760-750 AC Oséias 755-715AC	Jeoás (798-782 AC) Jeroboão II (782-753 AC)
750 AC	Jotão (740-732 AC) Acaz (732- 716 AC) Ezequias (716-687 AC)	Miquéias 742-687 AC Joel?		Zacarias (753 -752 AC) Salum (752 AC) Menaém (752-742 AC) Pecaías (742-740 AC) Peca (740-732 AC) Oséias (732-723 AC) Queda de Samaria 722 AC

Últimos Anos do Reino de Judá

	Reis	Profetas
700 AC	Manassés (687-642 AC)	Naum (663-612 AC)
650 AC	Amom (642-640 AC) Josias (640-609 AC) Joacaz (609 AC) Jeoaquim (609-598 AC) / 1ª etapa exílio Judá: 605 AC	Sofonias (640-621 AC) Jeremias (626-585AC) Habacuque (610-597 AC) Obadias (605-583 AC) Daniel (605-536 AC)
600 AC	Joaquim (598 AC) Zedequias (598-587 AC) / 2ª etapa exílio Judá: 597 AC Queda de Jerusalém (julho 587 ou 586 AC) Habitantes de Judá levados para a Babilônia-587-586 AC (3ª etapa exílio Judá: 586 AC)	Ezequiel (592-571 AC)
550 AC	Início do domínio persa – 539 AC Ciro, o imperador da Pérsia, ordena a volta dos judeus – 538 AC (1º retorno dos exilados). Em 536 AC começa a edificação do templo (Ed 3: 8) e fica parada até 520 AC (Ed 4: 24). Início da reconstrução do templo 520 AC; conclusão 516 AC 2º retorno a Jerusalém (Esdras) 458 AC Reconstrução das muralhas de Jerusalém 445 AC (3º retorno: Neemias)	Ageu e Zacarias (520-480 AC) Malaquias (450-400 AC)



Noé

Obedecer e não questionar

“Era Noé da idade de quinhentos anos e gerou a Sem, Cam e Jafé... Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus... Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara... No ano seiscentos da vida de Noé, aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram” (Gn 5: 32; Gn 6: 9; 22; Gn 7: 11).

“Bebendo do vinho, embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã, vendo a nudez do pai, fê-lo saber, fora, a seus dois irmãos. Então, Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros de ambos e, andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem. Despertando Noé do seu vinho, soube o que lhe fizera o filho mais moço e disse: Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos. E ajuntou: Bendito seja o Senhor, Deus de Sem; e Canaã lhe seja servo. Engrandeça Deus a Jafé, e habite ele nas tendas de Sem; e Canaã lhe seja servo” (Gn 9: 21-27).

Noé

Noé era um homem justo e andava com Deus. Era uma pessoa diferente de todas as de sua época, que estavam corrompidas pelo pecado e não temiam o Senhor. Achando graça diante do Altíssimo, ele recebeu uma incumbência: construir uma arca para abrigá-lo e a sua família durante o tempo de tribulação e destruição decretada pelo Criador devido à maldade e à corrupção do gênero humano e que viria a seguir. Se pensarmos nas condições humanas de Noé naquela época, teremos quase que certeza da impossibilidade de se construir uma arca do tamanho estipulado por Deus a ponto de comportar dentro dela todas as espécies animais a serem preservadas e que repovoariam a terra após o Dilúvio. Os únicos materiais disponíveis eram o betume para calafetar a madeira, a pedra de pederneira e instrumentos precários de bronze (talvez ferro – cf. Gn 4: 22) para transformar troncos de árvores em toras e vigas. Assim, a *obediência de Noé à voz de Deus sem questionar*, colocou-o num patamar de liderança diante de todo o povo, até mesmo diante de sua própria família. O fato de ouvir Sua voz, como descrito na Palavra, já nos faz deduzir que havia uma intimidade entre ele e o Senhor.

A bíblia fala que Noé levou cem anos para construir a arca e, durante esse tempo, deve ter enfrentado todo o tipo de oposição tentando fazê-lo desistir do projeto divino. Entretanto, sua atitude perseverante e decidida já era, por si só, uma forma profética de mostrar ao povo o seu pecado, sua pequenez espiritual e de conclamá-lo ao arrependimento para não sofrer debaixo da ira de Deus.

Podemos imaginar que durante esses cem anos construindo a arca, ele foi igualmente forjado pelo Criador aumentando sua comunhão com Ele e lhe dando a segurança como líder. Da mesma forma, sua sensibilidade às coisas espirituais foi aperfeiçoada, não apenas em relação à atitude pecaminosa das pessoas ao seu redor, como também às atitudes pecaminosas e distorcidas dentro de si mesmo e dentro da própria família. Possivelmente, teve tempo para observar as perversões humanas com outros olhos e discerni-las da santidade de Deus. Dessa maneira, com as revelações divinas clareando seus pensamentos e emoções pôde se sentir seguro para proferir a bênção sobre seus filhos Sem e Jafé e a maldição sobre Cam. Nessa fase do seu crescimento espiritual já tinha a capacidade de colocar a aliança com Deus acima dos laços carnais e julgar o pecado dentro da própria família com justiça e retidão.

Trazendo essa experiência para os nossos dias, podemos dizer que o profeta deve ter, em primeiro lugar, uma vida de comunhão com o Senhor para poder estar atento à Sua voz e, assim, desempenhar seu chamado. Em segundo lugar, o profeta deve ter a mesma atitude que teve Noé: *a obediência, sem questionar* ou pensar nas suas possibilidades humanas. Provavelmente, Noé pensou consigo mesmo na loucura do projeto divino diante da sua fraqueza carnal. Entretanto, a bíblia não diz que ele ficou a contender ou dialogar com Deus até decidir realizar o trabalho que lhe foi proposto; ele simplesmente obedeceu. Nós, muitas vezes, andamos no Espírito, ouvimos Sua voz, recebemos Suas revelações, mas a primeira coisa que fazemos é apresentar a Ele as nossas fraquezas e impossibilidades. Aqui entra um fator de extrema importância que nos faz superar tudo isso e nos transporta para um patamar de unção maior. Estou falando da fé, não só da *medida comum de fé* que é gerada no coração do homem pelo próprio Deus (Rm 12: 3), mas do *dom da fé* (1 Co 12: 9), dado pelo Espírito Santo para nos capacitar para a Sua obra. Um verdadeiro profeta de Deus obedece a Ele, simplesmente, porque a fé que tem dentro de si fala mais alto do que a razão. Não se deixa levar pelas palavras ou pelas oposições humanas dos incrédulos e carnais usados pelo diabo para falir o projeto divino. De posse da certeza do amor de Deus e da Sua

soberana escolha e poder sobre todas as coisas é que o profeta consegue proferir palavras de julgamento contra as obras das trevas, pois a sabedoria do Espírito o capacita para isso. Há uma palavra escrita pelo apóstolo Paulo que diz: "Irmãos, não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto, ao juízo, sede homens amadurecidos" (1 Co 14: 20). O profeta não precisa ter medo das palavras que o Senhor coloca em sua boca, pois Ele mesmo se responsabiliza por elas. A bíblia nos diz que "a palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medula, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hb 4: 12-13).

Noé julgou com sabedoria dentro de sua própria família para impedir que o mal fosse adiante ou que se voltasse a repetir nela os mesmos erros do passado. Por isso, o profeta, ao obedecer a Deus sem questionar, mesmo não sabendo com clareza porque realiza certas tarefas, pode estar seguro que Aquele que deu a palavra é responsável por realizá-la e tem um propósito correto que, muitas vezes, só será compreendido mais tarde. Foi o que Jesus disse aos Seus discípulos: "O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois" (Jo 13: 7).

Noé foi protegido por Deus do Dilúvio, pois sua obediência lhe garantiu essa proteção do alto. Teve confirmada a aliança com o Criador ao ver o arco-íris no céu. Da mesma forma, quando obedecemos ao Senhor e respondemos positivamente ao Seu chamado, podemos ter a certeza de que seremos protegidos de todo o 'dilúvio' que se colocar no nosso caminho e que, além dele, há um arco-íris nos esperando.

"Os lábios do justo apascentam a muitos, mas por falta de senso, morrem os tolos". (Pv 10: 21)

Isaque

Entrega / Ter nas mãos a bênção e a maldição

“Ele se chegou e o beijou. Então, o pai aspirou o cheiro da roupa dele, e o abençoou, e disse: Eis que o cheiro do meu filho é como o cheiro do campo, que o Senhor abençoou; Deus te dê do orvalho do céu, e da exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto. Sirvam-te os povos; e nações te reverenciem; sê senhor de teus irmãos, e os filhos de tua mãe se encurvem a ti; maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar” (Gn 27: 27-29).

“Então, lhe respondeu Isaque, seu pai: Longe dos lugares férteis da terra será a tua habitação, e sem orvalho que cai do alto. Viverás da tua espada e servirás a teu irmão; quando, porém, te libertares, sacudirás o seu jugo da tua cerviz” (Gn 27: 39-40).

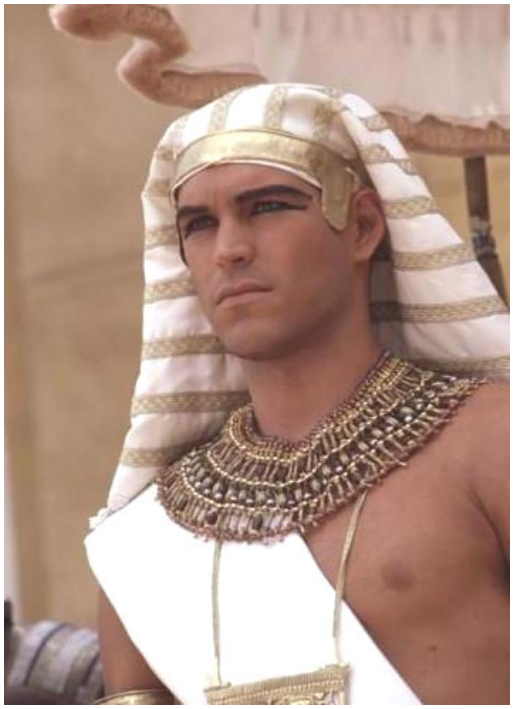
Isaque

Abraão, como *"o pai da fé",* também realizou a vontade de Deus sem questionar, da mesma forma que Noé. De acordo com seu antecessor, andou com o Senhor e falou com Ele, gerando uma grande riqueza para toda sua família (a bênção da prosperidade, da descendência e da intimidade com Deus) e para toda a humanidade. Comparando com a história de Abraão, a história de Isaque é curta, ocupando um espaço bem menor nas Escrituras. Entretanto, nem por isso deixa de ter uma extrema importância para nós, pois Isaque representa o Cordeiro que foi morto pelo nosso pecado, que se entregou incondicionalmente à vontade do Pai sem protestar e, por isso, pôde ser justificado e nos trazer vitória. Assim como Jesus ao morrer na cruz cumpriu o projeto divino e devolveu ao homem o livre-arbítrio para escolher entre a bênção (os que O aceitam como Senhor e Salvador) e a maldição (os que O rejeitam como Filho de Deus), Isaque, por ter permanecido no centro da Sua vontade soberana, recebeu dEle a legalidade de *ter nas mãos o poder de liberar a bênção e a maldição*. Estamos falando sobre a bênção liberada sobre Jacó e a maldição sobre Esaú. Isaque agiu como um profeta, punindo o pecado dentro de sua própria casa. Ao lermos as Escrituras, podemos ver que toda a trama entre Isaque, Rebeca, Esaú e Jacó envolveu a bênção da primogenitura, conseqüentemente, a bênção delegada por Deus para Abraão e para a sua descendência. Na verdade, Esaú não foi amaldiçoado por ser o primogênito ou o segundo filho, pois a única diferença entre o primogênito e os demais filhos é que ele recebia a porção dobrada da herança e a liderança do clã. O pecado de Esaú foi rejeitar a bênção de Deus por causa dos seus desejos carnais. É lógico que tudo foi determinado por Ele e esteve debaixo do Seu controle, pois Ele sabia que, ao dar o livre-arbítrio ao homem desde o Éden, uns seguiriam o caminho da bênção, outros da maldição, simplesmente por rejeitá-lO como Senhor de suas vidas. Dessa forma, Isaque, por ter se submetido à vontade de Deus, recebeu dEle a unção profética para julgar as circunstâncias. Jacó, igualmente, mesmo lutando da maneira errada, desejou ser abençoado por Deus, pois conhecia a diferença entre bênção e maldição e pôde, mais tarde, abençoar seus filhos. Esaú não deu valor à bênção, nem à aprovação de Deus; jogou fora sua chance de ser feliz, por isso foi amaldiçoado por Isaque. As coisas pioraram para ele ainda mais por guardar ódio de Jacó e desejar matá-lo. Esaú agiu como os que hoje rejeitam Jesus como Senhor de suas vidas e desprezam a herança da *VIDA ETERNA* que Ele conquistou para nós. Em outras palavras: hoje nós podemos agir acertadamente como Jacó, dando valor às coisas de Deus, portanto, sermos abençoados, ou agir como Esaú, rejeitando o Filho, portanto, escolhendo a maldição. O interessante na história de Isaque e Esaú é que mesmo amaldiçoando-o a viver nos lugares estéreis da terra, ser servo do irmão mais moço e lutar com seu próprio braço para sobreviver, Isaque deixa para Esaú uma opção de retorno à bem-aventurança: "Quando, porém, te libertares, sacudirás o seu jugo da tua cerviz" (Gn 27: 40b). Isso significa que, se ele se arrependesse do seu pecado, poderia desfrutar da 'bênção do segundo filho', não mais viver a maldição. Ele mesmo se libertaria através do arrependimento sincero. Esaú, depois de muitos anos de sofrimento, entendeu o valor das coisas de Deus e da herança da família, se arrependeu, deixou de odiar o irmão e de desejar matá-lo, reconciliou-se com ele e foi abençoado pelo Senhor também com a prosperidade e com a descendência.

Trazendo essa experiência para os dias de hoje, podemos dizer que o profeta de Deus, quando Lhe obedece e permanece debaixo de 'Suas asas', mesmo diante das provações, recebe dEle a capacidade de julgar o bem e o mal, de proferir a bênção e a maldição. Portanto, a unção do profeta não vem sobre ele de uma só vez, mas é

conquistada (aperfeiçoada) através da *entrega*. Isso implica conhecimento profundo e intimidade com o Senhor, pois quando O conhecemos de verdade, passamos a manejar com destreza a espada que Ele coloca em nossas mãos; passamos a ter Sua confiança, pois o que sai da nossa boca não sai com a insensatez nem com a violência da carne, mas com a sabedoria e com o amor do Seu Espírito. Na verdade, nós o deixamos falar por nós. Assim, julgamos com justiça entre o bem e o mal, dando a chance de escolha às pessoas de serem felizes também, através do arrependimento dos seus pecados, pois passamos a ser atalaias do Altíssimo entre os homens. Nos evangelhos, Jesus disse várias vezes que Ele a ninguém julga, pois veio para salvar os homens, mas também deixa claro que quem não crê nEle já está julgado (Jo 12: 46-48: "Eu vim como luz para o mundo, a fim de que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouvir as minhas palavras e não as guardar, eu não o julgo; porque eu não vim para julgar o mundo, e sim para salvá-lo. Quem me rejeita e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue; a própria palavra que tenho proferido, essa o julgará no último dia"). Isso significa que, quando apresentamos a escolha dos retos caminhos diante dos que andam no erro, estamos de certa forma deixando que eles, por si mesmos, escolham entre a bênção e a maldição. Eles mesmos serão abençoados ou amaldiçoados pela própria escolha espiritual. Em Tg 5: 20 está escrito: "sabei que aquele que converte o pecador do seu caminho errado salvará da morte a alma dele e cobrirá multidão de pecados".

"A bênção do Senhor enriquece, e, com ela, ele não traz desgosto". (Pv 10: 22)



José

Integridade / Interpretação de sonhos

“Este lhe disse: Tive um sonho, e não há quem o interprete. Ouvi dizer, porém, a teu respeito que, quando ouves um sonho, podes interpretá-lo. Respondeu-lhe José: Não está isso em mim; mas Deus dará resposta favorável a Faraó” (Gn 41: 15-16).

José

José foi o filho da velhice de Jacó após longo período de esterilidade de Raquel, por isso, muito amado por ele. Por ser o filhinho mimado, José teve certas regalias que os outros não tiveram, nem por isso foi poupado por Deus, que o disciplinou como Seu instrumento. Desde a adolescência de José, o Senhor lhe dava sonhos proféticos; todavia, ainda era imaturo para entender e lidar com o dom que tinha recebido. Sua inocência em relatá-los à família gerava ódio e inveja nos irmãos e temor no pai. Deus esperou pelo momento certo para poder trabalhar com José com o propósito de trazer uma grande bênção para toda a sua casa. Entretanto, isso só foi entendido bem mais tarde, após ter sido forjado através das provações e das experiências da vida, que lhe deram não somente maturidade, como também prudência no uso dos dons que lhe foram conferidos.

Podemos dizer que alguns dos dons espirituais de José eram *os sonhos proféticos e a interpretação desses sonhos*. Outras qualidades, porém, deveriam ser desenvolvidas na sua personalidade, a fim de se tornar um instrumento profético mais afinado com seu Criador. Uma delas, que parece ser sua 'marca registrada' é a *integridade*. Depois de ter sido vendido aos midianitas pelos próprios irmãos e se tornar um escravo no Egito, a integridade de José a Deus começou a ser aperfeiçoada, pois nessa fase necessitava dela mais do que nunca para poder sobreviver num ambiente estranho e hostil. Apesar de estar debaixo de tribulação, como todos os seus antecessores estiveram um dia, José permanecia com a bênção divina sobre si, portanto, se deixou moldar pelo Senhor e aproveitou as circunstâncias adversas para aprender e prosperar; assim, se mostrou digno da confiança do seu senhor, Potifar. Sua resistência às tentações e sua integridade e fidelidade a Deus lhe garantiram a vida durante os treze anos em que esteve no cativeiro. Quando interpretou os sonhos dos dois funcionários de Faraó e, depois, os sonhos do próprio rei, liberando com verdade a palavra profética, José pôde experimentar uma nova fase em sua vida como recompensa do Senhor pela sua perseverança, mostrando que estava pronto para ocupar uma posição de liderança. José não era mais um garoto imaturo, mas um homem de Deus, consciente dos seus dons e da sua posição como Seu escolhido. A partir daí, o Senhor o usaria para resgatar sua própria família e lhe dar a prosperidade prometida.

Se trouxermos o aprendizado de José como homem de Deus para os nossos dias, podemos dizer que a integridade de um profeta é um fator essencial para sobreviver às circunstâncias adversas, pois pode mostrar através dela, 'a diferença entre o que serve a Deus e o que não o serve'. Sonhos proféticos de Deus são dados como dom a alguns de Seus filhos, mas eles necessitam estar debaixo de Seu domínio e sabedoria, principalmente, estar associados ao dom do entendimento e do conhecimento, que permite sua revelação e sua interpretação. Sobretudo, um profeta de Deus necessita aprender, muitas vezes, a guardar certas experiências espirituais para si mesmo, ao invés de contá-las para todo mundo, pois isso pode acarretar não só a inveja nos que são carnais e desejam o mesmo dom, assim como a antipatia nos que não entendem as coisas de Deus e confundem autoridade divina e capacitação espiritual com arrogância humana.

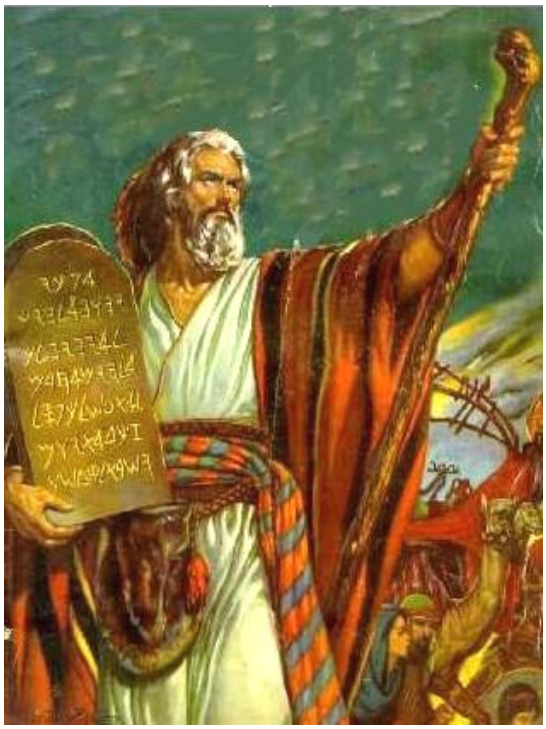
O mesmo dom de interpretação de sonhos foi derramado sobre Daniel, outro profeta de Deus que teve uma caminhada espiritual bem parecida com a de José no que diz respeito a achar graça e honra diante dos ímpios.

Quando mencionamos a palavra *integridade* estamos nos referindo à coerência, à autenticidade, ou seja, andarmos de acordo com o que pregamos; o nosso exterior

refletindo o nosso interior. Um profeta de Deus não pode ser discordante em relação ao que vive e o que prega, senão não ganhará a confiança de ninguém. Não adianta tentarmos ser o que não somos. Não adianta pregarmos uma palavra que não vivemos, pois ela será apenas uma palavra morta que não gera *dunamis,* o poder de Deus para realizar milagres. E o profeta verdadeiro necessita da palavra *rhema* (a Palavra revelada proferida pela boca de Deus) agindo no seu interior para que os milagres profetizados aconteçam. A unção vai aumentando de acordo com o verdadeiro conhecimento da Palavra, ou seja, não só o entendimento intelectual dela, mas sua verdadeira ação de cura e transformação interior, o que apenas o Espírito Santo realiza sem pressa alguma, simplesmente no mover seguro, paciente e persistente de Deus. O uso dos dons os aperfeiçoa e gera outros que interagem e se complementam para que possamos ser instrumentos mais úteis em Suas mãos. José aperfeiçoou esses dons ao longo da sua vida, por isso colheu abundantemente os frutos que semeou. Seu nome significa: *"que Deus acrescente, que Deus adicione"*. Quando José falava, todos sabiam que era Deus falando através dele, pois Sua autoridade era vista sobre ele. Faraó lhe deu o nome de *Zafenate-Panéia*, que significa em hebraico: *"o homem que vive quando fala a deidade" ou "Deus fala e Ele vive"*. Em egípcio significa *"Salvador do mundo"*. Da mesma forma, quando um verdadeiro profeta de Deus fala, Sua luz é vista sobre ele, Sua palavra adquire vida.

Outra característica interessante na personalidade de José é que ele não buscou a glória das realizações para si; pelo contrário, afirmava diante dos egípcios que o que fluía dele provinha unicamente de Deus. Por isso, o profeta do Senhor também deve ter essa humildade. Deve ter sempre em mente que o que fala lhe foi dado como uma mordomia daquilo que não lhe pertence, portanto, deverá prestar contas Àquele que é o verdadeiro dono de todas as coisas.

"José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro. Os flecheiros lhe dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem. O seu arco, porém, permanece firme, e os seus braços são feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel, pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com as bênçãos dos altos céus, com bênçãos das profundezas, com bênçãos dos seios e da madre" (Gn 49: 22-25).



Moisés

Mansidão / Intimidade com Deus /
Ensinar o caminho da liberdade /
Capacidade para superar obstáculos

“Então, disse: Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, eu, o Senhor, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, claramente e não por enigmas; pois ele vê a forma do Senhor; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?” (Nm 12: 6-8).

“O Senhor, teu Deus, te suscitará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, semelhante a mim; a ele ouvirás” (Dt 18: 15).

“Foi Moisés quem disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim. É este Moisés quem esteve na congregação no deserto, com o anjo que lhe falava no monte Sinai e com os nossos pais; o qual recebeu palavras vivas para no-lo transmitir” (At 7: 37-38).

Moisés

Moisés foi um grande homem de Deus, o legislador de Israel, ensinando ao povo escolhido o caminho da liberdade. Nasceu numa época bastante conturbada para toda a nação, pois ela era cativa no Egito e, segundo a ordem dada por Faraó, todos os recém-nascidos do sexo masculino deveriam ser jogados no Nilo para morrer. Graças à intervenção de YHWH, pois Moisés era o Seu projeto para aquela época da humanidade, ele foi resgatado pela própria filha de Faraó e criado como príncipe na corte egípcia. *Moisés* significa: *tirado das águas*, pois do Nilo foi tirado. Ele cresceu e foi treinado como príncipe e guerreiro, mas o Senhor tinha um propósito bem maior para ele. Portanto, após ter matado um egípcio e fugido para a terra de Midiã, onde se casou com a filha de um sacerdote (Jetro, também chamado Reuel), Moisés teve um primeiro e grande encontro com Deus no deserto do Sinai onde Ele lhe falou através de uma sarça ardente. Ali recebeu o seu chamado como libertador do povo. Como todos os profetas, ele se deparou com as próprias fraquezas humanas e tentou argumentar com Deus sobre a aparente impossibilidade do Seu projeto, entretanto, como todos os outros, acabou cedendo à vontade soberana do Senhor e levando adiante o chamado até vê-lo cumprido totalmente. Uma das características marcantes da personalidade de Moisés, trabalhada ao longo dos anos, foi a *mansidão*, ou seja, ele se deixou ser moldado, ser controlado por Deus, aceitou Suas leis e se submeteu a elas. Por isso foi capaz de realizar uma missão de tamanha responsabilidade por quarenta anos. Outro segredo do seu sucesso como profeta, logicamente ligado à sua obediência, foi a *intimidade* que desenvolveu gradativamente com o Senhor. Isso aumentou igualmente sua unção, assim como o ajudou a conquistar o respeito de todos os seus irmãos e o capacitou a superar os obstáculos do seu ministério. Moisés e Arão, seu irmão, falaram a Faraó em nome de YHWH pedindo a libertação dos israelitas, fato que só foi conquistado verdadeiramente após a total rendição do rei egípcio ao Seu poder através das dez pragas enviadas à sua terra, que culminaram na morte de todos os primogênitos, inclusive seu próprio filho. O povo foi perseguido, mas conseguiu escapar através do Mar Vermelho, que se abriu pelas mãos do Senhor, engolindo posteriormente todos os seus inimigos. No deserto, o treinamento de Moisés como líder e profeta iniciou de verdade, pois aí, sim, ele se deparou com as dificuldades de ensinar e dirigir um povo totalmente rebelde e de coração endurecido à vontade divina. Foi no deserto que sua mansidão foi provada, assim como pôde, igualmente, ser honrado pelo Criador, que deixou clara diante de todos a Sua escolha por Moisés como profeta da nação israelita, como Seu arauto na terra. A intimidade com Seu ungido foi crescendo dia a dia através do exercício da sua fé até permitir a ele que visse a Sua glória. Por isso, o Senhor dizia que falava com Moisés de maneira diferente do que já tinha falado com qualquer profeta: boca a boca, face a face, ou seja, claramente e não por enigmas, sonhos ou visões. Foi ele o primeiro a profetizar sobre o Messias, quando disse ao povo que Deus levantaria depois dele um profeta a quem Israel respeitaria.

Dessa forma, podemos aprender grandes lições com a vida desse escolhido de Deus e tirar a essência do seu ministério profético. Em primeiro lugar, um profeta deve desenvolver dentro de si a *mansidão*, que lhe traz aquela calma necessária para superar situações aparentemente sem solução, pelo fato de ter se entregado ao moldar de Deus. Uma pessoa mansa, que se deixa ser dirigida pelo Senhor, consegue ter mais *intimidade* com Ele, pois confia nEle, e vai adquirindo uma paciência e uma tranqüilidade que parece impossível à maioria das pessoas. Ela começa a ter também uma visão espiritual mais clara e mais profunda das verdades divinas e pode, então, superar os obstáculos e

as dificuldades porque conhece e entende o que está por trás de todas as coisas. Ela *"vê a face de Deus"*, isto é, passa a perceber o Seu poder em ação e pode enxergá-lo em todas as pessoas e circunstâncias ao seu redor. Ela tem a certeza de quem detém a soberania sobre tudo. Portanto, a *intimidade com o Senhor* é a segunda característica a ser desenvolvida pelo profeta, ao mesmo tempo, uma recompensa, pois é conseguida através da aliança com Ele e da entrega de todo o seu ser em Suas mãos. Quando a intimidade com o Altíssimo está estabelecida, Sua unção o capacita a ser um instrumento de libertação na vida de outros filhos de Deus e a ensiná-los a conquistar essa liberdade por si mesmos, seguindo o exemplo do líder. Eles começam a descobrir o caminho do altar e ter forças próprias para superar seus próprios obstáculos e vencer.

Moisés como líder, legislador e profeta de Deus enfrentou a dura prova do *ensino verdadeiro*, enquanto a mentira e a idolatria, o pecado da carne e a rebeldia do povo se opunham constantemente à vontade do Senhor. Moisés foi bastante usado para *ensinar* o que era correto, para *exortar*, para *"chamar de volta"* aos caminhos santos, tendo, muitas vezes, que usar sua autoridade de maneira mais firme para que os mais fracos fossem protegidos de um dano maior. Ele não só profetizou e exortou, mas soube *pastorear* aquele problemático rebanho com sabedoria até entregá-lo de maneira santificada nas mãos do seu sucessor; um povo já pronto para conquistar a promessa que tinha sido dada aos seus antepassados. O que podemos aprender com isso é que o profeta de Deus recebe capacitação para ensinar, exortando o povo a permanecer firme no evangelho e abrindo caminho para ele através da palavra profética que é colocada em sua boca; uma palavra que vem removendo as muralhas e as fortalezas do inimigo, iluminando o caminho adiante dos irmãos para que possam atravessar as dificuldades com a certeza da vitória que vem a seguir.

Por diversas vezes a autoridade de Moisés foi contestada, a ponto de tentarem até roubar seu posto, mas em todas essas situações o Senhor lhe deu escape, confirmando Sua eleição sobre ele. Sentiu-se como um simples ser humano que não agüenta mais as oposições, entretanto, buscou forças no Senhor, pois tinha a certeza de quem o tinha comissionado. Assim, o profeta, apesar das oposições, pode ter sempre a certeza de que é *a boca de Deus na terra* e o que Ele fala vai se cumprir; ninguém poderá tomar dele o que foi dado do alto. Por isso, João Batista disse: "O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada" (Jo 3: 27).

"Este é o meu Filho, o meu eleito; a ele ouvi". (Lc 9: 35)

Josué

A força do líder

“Naquele tempo, Josué fez o povo jurar e dizer: Maldito diante do Senhor seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos e, à custa do mais novo, as portas. Assim, era o Senhor com Josué; e corria a sua fama por toda a terra” (Js 6: 26-27).

“Em seus dias, Hilel, o betelita, edificou a Jericó; quando lhe lançou os fundamentos, morreu-lhe Abirão, seu primogênito; quando lhe pôs as portas, morreu Segube, seu último, segundo a palavra do Senhor, que falara por intermédio de Josué, filho de Num” (1 Rs 16: 34).

Josué

Josué, sucessor de Moisés, foi conhecido como o conquistador da Terra Prometida e recebeu nas mãos um povo já transformado na carne pelas provações do deserto, pronto para tomar posse da promessa feita há centenas de anos a Abraão; entretanto, era um povo que ainda precisava ter mais vivências de milagres com Deus para exercitar sua fé nEle.

Josué tinha sido um discípulo fiel de Moisés e aprendera com ele todas as estratégias militares e espirituais, adquirindo sua própria intimidade com YHWH, portanto, recebendo a força do Seu Espírito para levar seus irmãos à vitória. Por ser obediente e submisso, conquistou a confiança dos israelitas e foi colocado em honra por Deus diante deles.

Josué, ao entrar na Terra Prometida, recebeu uma *palavra de força* de Deus, confirmando Sua eleição sobre ele, o que o levou a tomar a terra dos seus inimigos e ser um exemplo e uma segurança para toda a nação. Com as vitórias que ia conquistando, sua unção profética se firmava, assim como a segurança em si mesmo, levando a ter a ousadia de liberar palavras muito fortes, até ameaçadoras, mas que vieram a se cumprir, dando-lhe renome entre os povos idólatras que habitavam em Canaã. Seu nome passou a ser temido, assim como o nome do Deus de Israel. Os estrangeiros que reconheceram o senhorio do Senhor receberam a chance de uma nova vida e se integraram ao povo escolhido, passando a ser, igualmente, herdeiros da promessa dada aos patriarcas. Um dos exemplos disso foi Raabe, que foi honrada por Deus ao ser colocada como uma ascendente de Davi, sendo enxertada na árvore genealógica do Messias por ter visto Sua força através de Josué.

Uma das profecias feitas por Josué em nome de Deus foi que quem tentasse reerguer Jericó pagaria o preço pela desobediência, vendo mortos tanto o seu primogênito como o seu filho mais novo. Séculos mais tarde a profecia se cumpriu e o povo mais uma vez pôde crer nas palavras de um verdadeiro homem de Deus.

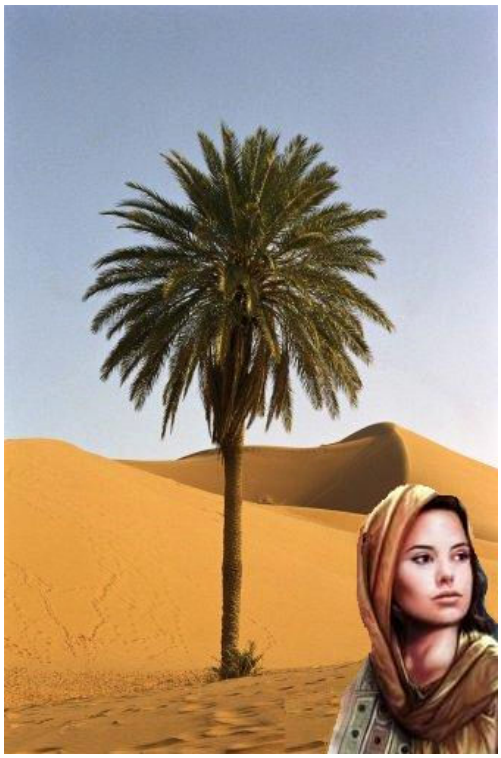
Josué mostrou a *força do Senhor* ao derrotar os enaquins (gigantes) que ocupavam a Terra Prometida, ao derrotar reis poderosos, ao perseverar na aliança passada através de Moisés exortando o povo a observá-la e ao ser um instrumento de milagre tomando a terra dos amorreus, quando o sol e a lua pararam no céu em Gibeom e em Aijalom até a batalha ser ganha. A força do Espírito nele o fez uma testemunha da fidelidade de Deus em relação às Suas promessas, além de revelar ao povo o que Ele pode realizar através daqueles que se consagram a Ele verdadeiramente.

Trazendo essas experiências para os nossos dias, podemos ver que quando um líder escolhido por Deus Lhe é fiel e segue Suas diretrizes, grandes milagres acontecem e o povo que antes não cria nEle passa a ver com os próprios olhos que Ele é real e cumpre cabalmente todas as Suas promessas. O profeta não pode ter medo dos desafios que o Senhor coloca no seu caminho, nem pode temer ou duvidar da palavra que lhe é dada, que muitas vezes é forte e decisiva, pois através dela muitos podem ser libertos ou permanecerem acorrentados. Além disso, Deus confirma que Sua palavra através de um verdadeiro homem de Deus jamais cairá por terra, mas cumprirá toda a Sua vontade.

Algumas das unções derramadas sobre Josué para lhe dar vitória foram *ousadia* e *conquista*. Quando Deus nos leva à terra que já determinou para nós, podemos sentir certo temor de seguir em frente. Temos a tendência de olhar para trás, nos apegando às derrotas sofridas para chegar até este ponto ou às vitórias conquistadas, nos conformando com elas e achando que o que temos é o bastante, que não precisamos de mais nada. Entretanto, nosso crescimento com Ele não pára. Enquanto estivermos vivos

estaremos em constante crescimento e transformação, sendo forjados para conquistas maiores para o Seu reino. Por isso, não precisamos ter medo de querer mais dEle ou de ouvir o que Ele tem para nós, pois podemos ter a certeza de que jamais nos deixará desprovidos de suprimento nem de unção. Dessa forma, o profeta de Deus, além de necessitar da ousadia para liberar Sua palavra, necessita também dessa mesma ousadia e unção de conquista para agir de maneira concreta na terra, trazendo ao mundo natural aquilo que profetizou e viu no mundo espiritual. A ação complementa a oração, como uma forma de mostrar a Deus e aos homens uma fé ativa que foi colocada dentro de nós. Nosso exemplo levará outras vidas a conquistar suas próprias vitórias e a servir o mesmo Deus que nós. Josué esteve em Sua presença, ouviu Sua voz, creu na promessa e agiu de maneira prática para poder cumprir a missão que o Senhor já tinha determinado para ele. Quando um profeta segue esses passos, conquista a vitória que almeja e fortalece sua fé.

> "Eis que, já hoje, sigo pelo caminho de todos os da terra; e vós bem sabeis de todo o vosso coração e de toda a vossa alma que nem uma só promessa caiu de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor, vosso Deus; todas vos sobrevieram, nem uma delas faltou". (Js 23: 14).



Débora

Decisão e avivamento

“Débora, profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. Ela atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo” (Jz 4: 4-5).

“Ficaram desertas as aldeias em Israel, repousaram, até que eu, Débora, me levantei, levantei-me por mãe em Israel” [NIV: Já tinham desistido os camponeses de Israel, já tinham desistido, até que eu, Débora, me levantei; levantou-se uma mãe em Israel]. Em Hebraico: “Desapareceram os guerreiros em Israel, até que você, Débora, se levantou; levantou-se uma mãe em Israel” (Jz 5: 7).

Débora

Débora julgou Israel no período dos juízes. A bíblia a chama de 'mulher de Lapidote'. Não sabemos bem se Lapidote *[Hebr.: Lappidoth (lapiïdhôth), tochas]* se refere ao nome do seu marido ou se é uma referência à sua unção *(uma "mulher de chamas" ou uma "mulher de relâmpagos"* – este termo é dado por aqueles que acham que Débora era mulher de Baraque, em hebraico: *bãrãq, relâmpago),* pois a palavra de Deus saía de sua boca como tochas, tal era o *avivamento* que estava sobre ela. De qualquer forma, Débora assumiu essa posição na sua nação, pois nenhum outro se levantou para julgá-la e libertá-la dos seus inimigos. Como profetisa, Débora atendia debaixo da palmeira de Débora e todos os filhos de Israel vinham a ela para julgar suas causas. A bíblia diz que ela se levantou como 'mãe em Israel', ou seja, autoridade em Israel, portanto, sua *decisão* em liderar o povo e livrá-lo da opressão garantiu a proteção e a capacitação de Deus para este trabalho. Através de Débora, muitas vidas foram avivadas, a começar por Baraque, o comandante do exército israelita que levou dez mil soldados ao ribeiro de Quisom onde o povo alcançou vitória definitiva sobre seus opressores. Isso nos faz pensar que quando uma vida está no centro da vontade de Deus e ocupa sua posição, pode estimular outras que ainda não estão.

Débora, provavelmente, tomou uma decisão arriscada e incomum, pois era mais fácil aceitar que um homem fosse comissionado por Deus para liderar Seu povo; entretanto, como ninguém mais se levantou, ela mesma se colocou em Suas mãos, a fim de ser Seu instrumento de bênção para muitas outras vidas. Decidiu colocar à Sua disposição não só sua vida, mas seus dons. O Senhor, por sua vez, a recompensou derramando Sua autoridade sobre ela, fazendo com que ela adquirisse a confiabilidade de todos. O povo reconhecia que Deus falava através de sua boca e a obedecia. As Escrituras afirmam que, durante o exercício do ministério de Débora, a terra ficou em paz quarenta anos.

Muitas tribos a ajudaram e estiveram ao seu lado e ao lado de Baraque no combate contra Jabim, o rei cananeu, e Sísera, o comandante do seu exército. Outras se distanciaram e ignoraram o chamado de Deus, porém, nem por isso ela desistiu. A vitória foi conseguida por meio daqueles que se colocaram à disposição de YHWH para o desafio. Mesmo sem a unidade entre eles, a vitória foi conquistada; entretanto, o ato de uma mulher, Jael, ser o ponto final na opressão matando Sísera dentro de sua própria tenda, ensinou uma lição importante ao povo: Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos. Ensinou também que todos os que não se omitiram tiveram seu galardão, sendo colocados em honra no *"cântico de Débora"* para as futuras gerações.

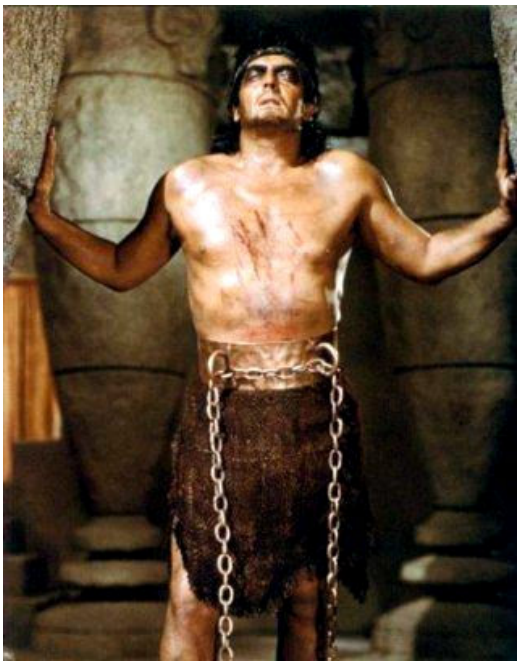
Trazendo o aprendizado dessa mulher de Deus para os nossos dias, podemos perceber, em primeiro lugar, que o profeta recebe uma ordem diretamente do Senhor, sem que outros o ordenem para a tarefa que já foi determinada por Ele. É só estar atento à Sua voz e ter o coração ousado e disponível para o serviço. Em segundo lugar, quando uma situação incomoda, não só a nós quanto a toda a comunidade à nossa volta, torna-se necessária uma decisão forte para que a situação de cativeiro tenha um fim. Ao caminhar, passo a passo, debaixo da direção de Deus, o profeta vai ganhando força e segurança para atingir os objetivos que já foram determinados por Ele. O fogo do Espírito começa a se fortalecer nele e a ser aceso em outros corações, *avivando* os que estavam mortos pelos seus pecados. Através da atitude de fidelidade, obediência e retidão do profeta, outras vidas se posicionarão e se levantarão até como um fator de ajuda para que a obra de Deus tenha sucesso. O terceiro fator importante na história de Débora é que justamente as tribos que já estavam acostumadas à opressão e ao trabalho

duro é que vieram em socorro; as que estavam acostumadas com certo bem-estar negaram ajuda. É o que acontece com qualquer profeta que conclama o povo de Deus a um desafio, mas tem que enfrentar as barreiras do comodismo e do egoísmo de certos irmãos, acabando por enfrentar as lutas apenas com os poucos que se dispõem verdadeiramente a ser servos.

Com respeito ao dom profético de Débora, podemos ver uma particularidade interessante que era a força da palavra de Deus através do cântico espiritual, não só relatando o fato da vitória em si, como a selando para as futuras gerações. Muitos profetas de Deus, ao cantar a Palavra, liberam a cura, abrem os caminhos para o altar, removem barreiras espirituais e descrevem o que Deus está fazendo e ainda vai fazer por Seus filhos.

Se você tem chamado profético, mas ainda não decidiu assumi-lo, seja por que causa for, lembre-se que talvez o Senhor esteja lhe dando uma oportunidade ímpar para liderar um povo que ainda não viu a luz e precisa ter aceso o fogo do Espírito em seus corações; que precisa ver o impossível de Deus materializado na vida de um semelhante, a fim de criar coragem de lutar pelas suas próprias causas e de assumir sua posição espiritual.

"Assim, ó Senhor, pereçam todos os teus inimigos! Porém os que te amam brilham como o sol quando se levanta no seu esplendor". (Jz 5: 31)



Sansão

Separação exclusiva / Vigilância para manter a unção

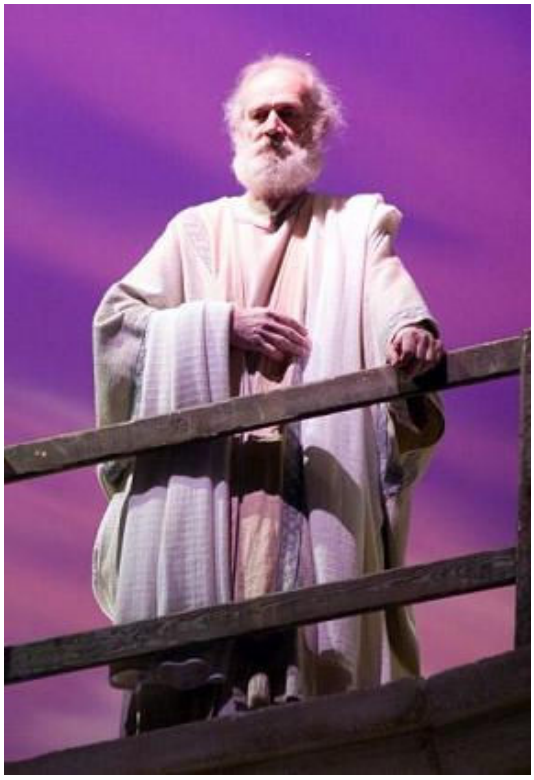
“Agora, pois, guarda-te, não bebas vinho ou bebida forte, nem comas coisa imunda; porque eis que tu conceberás e darás à luz um filho sobre cuja cabeça não passará navalha; porquanto o menino será nazireu consagrado a Deus desde o ventre de sua mãe; e ele começará a livrar a Israel do poder dos filisteus” (Jz 13: 4-5).

Sansão

Sansão foi um dos juízes de Israel. Sua mãe era estéril e recebeu do Senhor a bênção de ter um filho, que Ele declarou consagrado ao Seu serviço desde o ventre materno como Nazireu. Sansão foi, então, criado de acordo com as determinações de Deus quanto ao Nazireado *(separação exclusiva para Deus),* mas desobedeceu a todas elas durante os anos que se seguiram em favor dos seus desejos carnais. Embora não sendo profeta divinamente estabelecido, podemos tirar alguns exemplos para nós sobre as condições necessárias ao ministério profético e que Sansão não cumpriu. Em outras palavras: através de sua atitude errada, nós podemos extrair informações *"ao contrário"* sobre as características espirituais que também devem fazer parte da vida de um homem de Deus. Uma das condições impostas ao Nazireu era não beber vinho ou bebida forte, nem comer qualquer fruto proveniente da videira, assim como não deveria tocar em cadáver e não cortar os cabelos. Tudo isso se apresenta a nós com o significado de não nos embriagarmos com as coisas da carne, pelo contrário, renunciarmos a elas e termos domínio e controle emocional; de não sairmos debaixo da cobertura divina e de não tocarmos no que é velho, nas coisas mortas do passado que já não servem ao propósito de Deus para nós. Durante o seu ministério, Sansão saiu várias vezes da cobertura do Espírito pelo fato de não poder dominar suas paixões, tocar em cadáver (no caso do leão morto) e se deixar dominar por uma mulher como Dalila que lhe cortou os cabelos e permitiu que os inimigos o capturassem, levando-o como escravo. Por isso, Sansão foi um exemplo para nós do que o desprezo pelo chamado do Senhor e do que a falta de *vigilância* na área espiritual podem pôr a perder um projeto e prejudicar muitos inocentes. O povo de Israel, mesmo sendo liberto dos filisteus pelas mãos de Sansão, sofria com as represálias dos inimigos quando ele tomava alguma atitude intempestiva.

Para a nossa vida prática, fica o aprendizado que o profeta deve 'investir' na sua santidade e na sua separação exclusiva para Deus, não permitindo que outros deuses interfiram na sua vida com o Senhor, se entregando cada vez mais ao domínio do Espírito sobre sua carne, pois quanto mais ele estiver próximo do trono, mais pessoas vão ser abençoadas por seu intermédio. Caso negligencie seu chamado e o trabalhar da sua santidade, muitos podem ser afetados e até desviados da sua comunhão com Deus. Caminhando ao lado da separação vai a vigilância, sob todos os aspectos, inclusive sobre o que sai da sua boca, pois além da palavra ter uma força de unção maior para o bem, tem também um poder destrutivo maior. Tanto sobre sua própria vida como sobre a vida dos seus semelhantes, a palavra que sai de sua boca vai gerar edificação ou assolação espiritual. A vigilância do profeta abrange a carne quanto a feridas e pecados não confessados, pois podem ser brechas para Satanás agir e destruir. Também diz respeito aos seus relacionamentos e ao seu comportamento santo diante daqueles que são ímpios para que o testemunho a seu respeito seja positivo entre os que 'são de fora', como diz a palavra (1 Tm 3: 7: "Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo". Paulo falava sobre a atitude dos presbíteros, mas isso também se aplica a qualquer filho de Deus, principalmente aos que têm cargo em algum ministério). Sansão 'deu com a língua nos dentes', como se diz, revelou seus segredos a quem não era merecedor de sua confiança e, por isso, perdeu a unção.

“Do fruto da boca o coração se farta, do que produzem os lábios se satisfaz. A morte e a vida estão no poder da língua; e o que bem a utiliza come do seu fruto” (Pv 18: 20-21).



Samuel

Dedicação, Retidão, Fidelidade

“E fez um voto, dizendo: Senhor dos Exércitos, se benignamente atentares para a aflição da tua serva, e de mim te lembrares, e da tua serva te não esqueceres, e lhe deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias da sua vida, e sobre a sua cabeça não passará navalha” (1 Sm 1: 11).

“Crescia Samuel, e o Senhor era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra. Todo o Israel, desde Dã até Berseba, conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do Senhor” (1 Sm 3: 19-20).

Samuel

A partir de Samuel, com exceção de Moisés, os homens de Deus usados como atalaias no meio do Seu povo começaram a ser reconhecidos verdadeiramente como profetas. Segundo a História, Samuel, assim como Sansão, nasceu de uma mulher anteriormente estéril, mas que foi ouvida pelo Senhor e abençoada por Ele com um filho. No caso de Ana, mãe de Samuel, ela mesma consagrou seu filho como Nazireu vitalício. As Escrituras dizem que naquela época as visões de Deus eram raras e, desde muito jovem, Samuel recebeu o chamado do Altíssimo para ocupar o lugar do sacerdote Eli, pois tanto ele como os seus filhos tinham se comportado de maneira que o desagradaram. Samuel ouviu o chamado de Deus quando estava deitado na tenda da congregação, onde ficava a arca do Senhor, mas ainda não tinha intimidade com Ele para saber distinguir Sua voz. Quando soube quem o chamava, respondeu positivamente, e então, Deus começou a lhe falar e a confirmar Sua eleição sobre Samuel perante a nação. Três características *(dedicação, retidão e fidelidade)* fizeram de Samuel, além de um grande sacerdote e juiz de Israel, um dos maiores profetas que o povo já respeitou. A Palavra diz que Ana fazia uma túnica de ano em ano e a levava a Samuel, o que significa, simbolicamente, a unção que Deus derramava cada vez mais sobre ele. As Escrituras também falam que as palavras de Deus eram tão fiéis e corretas na boca de Samuel que nenhuma delas caía em terra; todas se cumpriam. Samuel agiu poderosamente durante o reinado de Saul, sendo chamado pelo Senhor para consagrá-lo rei de Israel, atendendo à vontade do povo. Entretanto, como Saul não era obediente às ordens divinas, Samuel teve certo trabalho e até decepções em relação a orientar o soberano nos caminhos de YHWH para a nação. Através de Samuel, Davi foi ungido sucessor de Saul, entretanto, o profeta morreu antes de vê-lo subir ao trono. Samuel teve grande participação nos negócios de Estado, assim como nas questões religiosas. Era uma pessoa completamente dedicada a Deus e ao seu chamado, além do que sua retidão em relação aos mandamentos do Senhor jamais permitiu que se desviasse por caminhos errados. Sua fidelidade a Ele sempre foi incontestável, o que não só lhe garantiram confiabilidade, como fechou qualquer possibilidade de comentários ou falsas acusações sobre sua vida.

Se trouxermos as experiências de vida de Samuel e seu comportamento como profeta para os nossos dias, tiraremos conclusões e aprendizados bastante edificantes que direcionarão corretamente nosso ministério. Diferentemente de Sansão, Samuel soube dar valor ao seu chamado e à sua separação exclusiva para Deus, se dedicando aos seus afazeres como sacerdote e profeta. Jamais deixou de interceder junto ao Senhor pelo povo (1 Sm 12: 23), cumpriu seu trabalho de ensinar e conduzir Saul pelos retos caminhos e alertou os israelitas quanto às conseqüências decorrentes da desobediência às leis divinas, portanto, se *dedicou* de corpo e alma ao seu ministério. Também foi *reto* quanto às orientações e às palavras proféticas que lhe eram dadas do alto, portanto, não compactuou com o erro, mesmo vindo do trono real. Não teve medo de perder a amizade dos homens e preferiu a confiança de Deus sobre ele. Sua *fidelidade* às ordens divinas o levou muitas vezes a sofrer, entretanto, preferiu cumpri-las, pois qualquer erro seu poderia comprometer os inocentes. Permaneceu inabalável e incorruptível, principalmente diante de Saul, declarando-lhe o desejo de Deus de que outro filho Seu o sucedesse no trono. Na sua velhice se retirou das suas funções; morreu em idade avançada e foi enterrado em sua cidade natal, Ramá. Seus filhos, Joel e Abias, não seguiram os caminhos santos do pai.

Dessa forma, o profeta de Deus, de posse dessas três características (dedicação, retidão e fidelidade), pode desempenhar com certeza seu ministério sem correr o risco de incorrer na ira divina, na assolação do diabo ou na crítica humana. Quando nos *dedicamos* ao Senhor e ao Seu chamado para nós de corpo e alma, podemos ter a certeza da Sua proteção e do derramar maior da Sua unção, nos capacitando a realizar nosso trabalho, até mesmo suportar as dificuldades que possam aparecer no nosso caminho. A *retidão*, ou seja, *não se desviar da Palavra,* mesmo diante das propostas impuras, nos garante a justificação divina sobre nossa vida quando alguém vier nos acusar ou nos desviar dos Seus planos para nós. Igualmente, a fidelidade nos mantém presos a Ele quando a nossa própria carne nos tenta a desistir diante dos desafios mais difíceis. A aliança firme com Jesus é o que mantém nosso espírito forte diante das provas duras da nossa caminhada cristã e faz com que a nossa alma permaneça submissa à Sua vontade. Sermos como Samuel nos garante a confiabilidade perante Deus e nos aproxima cada vez mais dEle.

"Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos" (Ml 2: 7).

Davi

Conhecimento de Deus / Aproveitar as oportunidades / Ser exemplo para outros

“Irmãos, seja-me permitido dizer-vos claramente a respeito do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo permanece entre nós até hoje. Sendo, pois, profeta e sabendo que Deus lhe havia jurado que um dos seus descendentes se assentaria no seu trono, prevendo isto, referiu-se à ressurreição de Cristo, que nem foi deixado na morte [Sl 16: 10], nem o seu corpo experimentou corrupção” (At 2: 29-31).

“O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua” (2 Sm 23: 2).

Davi

O reinado de Davi foi de 1010 a 970 AC.

Como vimos anteriormente, *profeta* significa: porta-voz, mensageiro, o que revela os pensamentos divinos, o que interpreta os oráculos (profecia ou a palavra de Deus; conselho, respostas ou declarações divinas; em Hebraico, dabar, דָּבָר, 'coisa', 'palavra', Strong #1697; em Grego: λόγιον, logion, 'respostas ou declarações divinas', Strong #3051), o que é movido pelo Espírito Santo e, a partir daí, dispõe-se, solenemente, a declarar ao homem o que tem recebido de Deus por inspiração; o homem que é usado pelo Espírito e lhe é dada autoridade e sabedoria na Palavra para que ela tenha o peso que deve ter; também significa *poetas*. O profeta tem poder para *instruir, confortar, encorajar, repreender, convencer do erro, declarar culpado e estimular as pessoas*.

Podemos dizer que Davi, além de rei, foi um profeta de Deus, pois através de seu dom de poeta, ele foi um poderoso instrumento do Senhor para edificação do Seu povo. Seu dom profético não apenas se revelou nos conhecidos salmos messiânicos [2 (este salmo não sabemos com certeza se foi Davi quem escreveu), 22, 69 e 110], como também nos que ele escreveu durante as outras oportunidades de sua vida e nos trazem o ensino, a exortação, o conforto, o encorajamento e o pedido de justiça contra os inimigos (na forma de súplica ao Senhor e até imprecações contra eles).

O que é mais interessante em Davi é o seu relacionamento íntimo com Deus, o que podemos perceber em alguns de seus salmos; ele fala com Deus e Deus fala com ele de um versículo para outro. Lemos e, muitas vezes, sentimos tanto a presença divina dentro dele que fica até difícil de distinguir quando é Davi que fala e quando é o Senhor. Seu sentir e seu pensar são os de Deus e os de Deus são os dele. Seu coração é de Deus e o de Deus, dele; uma total entrega ao Criador, todo o espaço do seu ser entregue nas mãos do Espírito.

Vamos dar uma olhada, primeiro, nos salmos messiânicos para entender o que Davi profetizou. Ele, na verdade, estava passando por uma situação de aflição, entretanto, o Espírito de Deus já o estava usando para profetizar o sofrimento e a vitória do Messias na cruz.

Os mais evidentes como eu disse anteriormente são os salmos 22, 69 e 110. Os Sl 2: 7; Sl 16: 10; Sl 31: 5; Sl 68: 18 e Sl 129: 3 também expressam as palavras e os sentimentos vividos por Jesus em Seu ministério na terra, na Sua morte na cruz ou as palavras de Deus Pai para Ele.

Sl 22 – os versículos mais claros da profecia messiânica são:

"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido?...Todos os que me vêem zombam de mim; afrouxam os lábios e meneiam a cabeça: confiou no Senhor! Livre-o ele; salve-o, pois nele tem prazer. Contudo, tu és quem me fez nascer; e me preservaste, estando eu ainda no seio de minha mãe. A ti me entreguei desde o meu nascimento; desde o ventre de minha mãe, tu és meu Deus. Não te distancies de mim, porque a tribulação está próxima, e não há quem me acuda. Muitos touros me cercam, fortes touros de Basã me rodeiam. Contra mim abrem a boca, como faz o leão que despedaça e ruge. Derramei-me como água, e todos os meus ossos se desconjuntaram; meu coração fez-se como cera, derreteu-se dentro de mim. Secou-se o meu vigor, como um caco de barro, e a língua se me apega ao céu da boca; assim, me deitas no pó da morte. Cães me cercam; uma súcia de malfeitores me rodeia; traspassaram-me as mãos e os pés... Repartem entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitam sortes... Hão de anunciar a justiça dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez".

Aqui Davi descreve perfeitamente o que aconteceu na cruz com Jesus e o que Ele teve que suportar: a zombaria humana, a afronta do diabo e seus demônios ('cães, touros'), a tortura física da dor e da desidratação, a sensação de ter todos os Seus ossos desconjuntados e a tristeza de ver Suas vestes sendo repartidas por ímpios; entretanto, como em Isaías está escrito que Ele veria com alegria o fruto do Seu penoso trabalho, aqui também Davi fala que a Sua justiça, por causa da Sua entrega na cruz, será anunciada entre todos os povos.

Sl 69 – "Estou cansado de clamar, secou-se me a garganta; os meus olhos desfalecem de tanto esperar por meu Deus... Pois tenho suportado afrontas por amor de ti, e o rosto se me encobre de vexame. Tornei-me estranho a meus irmãos e desconhecido aos filhos de minha mãe. Pois o zelo da tua casa me consumiu, e as injúrias dos que me ultrajam caem sobre mim. Chorei, em jejum está a minha alma, e isso mesmo se me tornou em afrontas. Pus um pano de saco por veste e me tornei objeto de escárnio para eles. Tagarelam sobre mim os que à porta se assentam, e sou motivo para cantigas de beberrões... Tu conheces a minha afronta, a minha vergonha e o meu vexame... o opróbrio me partiu o coração; e desfaleci; esperei por piedade, mas debalde; por consoladores e não os achei. Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre... Pois perseguem a quem tu feriste e acrescentam dores àquele a quem golpeaste... Sejam riscados do livro dos vivos e não tenham registro com os justos".

Nestes versículos, Davi expressa a experiência na cruz e do que Jesus sentiu com as afrontas e com a decepção de não ter ajudantes, de ter que beber o fel, a amargura do pecado dos homens e o vinagre, pouco antes de morrer e entregar nas mãos do Pai o Seu espírito.

Sl 110 – "Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos pés... o Senhor jurou e não se arrependerá: Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 5: 6; Hb 6: 20; Hb 7: 17; Hb 7: 21). O Senhor, à tua direita, no dia da sua ira, esmagará os reis".

Esses versículos nos falam da autoridade de Jesus, estando assentado à direita do Pai, por ter Lhe obedecido em Seu propósito, que foi a cruz, para a salvação de todos os homens. Seu sacerdócio foi profetizado no AT na pessoa de Melquisedeque, sacerdote de Salém, e Deus Pai o confirma sobre Jesus, como sacerdote vitalício. Na cruz a ira de Deus foi propiciada e esmagou o mal.

Sl 2: 7 (não sabemos se foi Davi quem escreveu este salmo) – "Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: Tu és meu *Filho,* eu, hoje, te gerei" (cf. At 13: 33; Hb 1: 5; Hb 5: 5 – Deus Pai dizendo para Jesus na cruz, ao mesmo tempo em que dizia para Davi, confirmando a Sua escolha soberana sobre ele como rei, pois no AT, o rei era conhecido como filho de Deus).

Sl 2: 12 – "Beijai o *Filho* para que não se irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira. Bem-aventurados todos os que nele se refugiam".

Sl 2: 2-3 – "Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o Senhor e contra o seu *Ungido,* dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas".

No AT, as palavras: *ungido* e *filho* se referem, muitas vezes, aos reis. Mas aqui, a palavra *'Filho'* (também no v. 7), como a palavra *'Ungido'* (v. 2 e título), está escrita com maiúscula, tornando evidente e referência a Jesus e ao fato de merecer a nossa reverência. Isso significa que rejeitar o Filho de Deus, Jesus, o Ungido, o Messias, acarreta a ira de Deus; além disso, a morte *("pereçais no caminho").*

Sl 16: 10 – "Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção" (1 Co 15: 4, em relação à ressurreição de Jesus; At 13: 35). *"Teu Santo",* neste salmo, se refere a Jesus.

Sl 31: 5 – "Nas tuas mãos entrego meu espírito; tu me remiste, Senhor, Deus da verdade". A mesma frase disse Jesus ao morrer na cruz.

Sl 68: 18 – "Subiste às alturas, levaste cativo o cativeiro; recebeste homens por dádivas, até mesmo rebeldes, para que o Senhor Deus habite no meio deles". Davi se referia à nossa redenção conquistada na cruz por Jesus. A mesma palavra foi usada por Paulo em Ef 4: 8: "Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativeiro e concedeu dons aos homens".

Sl 129: 3 (não sabemos se foi Davi quem escreveu este salmo) – "Sobre o meu dorso lavraram os aradores; nele abriram longos sulcos". Sobre como ficaram as costas de Jesus após os açoites.

Outros salmos onde Davi parece ter exercitado seu dom profético são:

• Sl 18: 7-17 em que parece ter tido uma visão espiritual do livramento de Deus sobre sua vida, como João, apóstolo do Senhor, e outros profetas como Ezequiel e Daniel tiveram visões a respeito do trono de Deus e de Sua imagem como Salvador, Libertador e 'Homem de Guerra'.

• Sl 139: 13-16: Será que Davi teve uma inspiração ou revelação divina sobre a formação do ser humano, ou foi apenas uma sabedoria humana, conhecendo a majestade de Deus sobre toda a Sua criação?

• Sl 8: 4-8: Davi teve uma revelação sobre a autoridade que Deus delegou ao homem no Éden sobre toda a criação, ou simplesmente, repetiu o que estava escrito na Torá (Gn 1: 26-28)? Ou repetiu o que estava em Jó (Jó 7: 17-18)?

Se lembrarmos de como os profetas podem ser usados por Deus: *com poder para instruir, confortar, encorajar, repreender, convencer do erro, declarar culpado e estimular as pessoas*, podemos dizer que Davi fez tudo isso, mesmo nos salmos de súplica a Deus, pois aproveitou as tribulações de sua vida para deixar um consolo, uma exortação, um conforto e um encorajamento a todos nós, além de deixar registrados em todos eles a soberania e o poder de Deus sobre todas as situações e pessoas.

Quero deixar separados os salmos por situações específicas, por exemplo:

1) Salmos escritos durante algum tipo de perseguição ou intriga da corte: 3 (fugindo de Absalão); 6; 11; 13; 34; 52; 54; 56 (fugindo dos filisteus); 57; 59; 63; 142 (fugindo de Saul).
2) A respeito da falsidade, da traição e da malícia humana: 12 (v.5); 36; 39; 41; 55 (v.13-14; cf. Sl 41: 9; Sl 35: 12-17).
3) Pecado: 14; 32; 38; 51 (este com Bate-Seba); 53 (v. 6b).
4) Proteção, socorro e salvamento: 17; 20; 25; 26; 28; 40; 60; 108 (guerra contra os sírios); 61; 62 (confiança); 64; 70; 71; 86; 122; 141; 143.
5) Consolo: 23; 62; 131.
6) Pedindo justiça: 35 (v.8); 58 (a sorte dos ímpios juízes); 109; 140.
7) Modelo de bom rei: 101. Não se sabe se o salmo 2 também é de Davi ou de Salomão. Sl 72 (O rei justo e o seu reinado eterno) e Sl 127 (Todo bem procede de Deus) são de Salomão.
8) Salmos de ações de graça: 8; 9; 15; 18; 19; 21; 24; 28; 29; 30; 65; 68; 103; 124; 133; 138; 139; 144; 145.

Com tudo isso, podemos dizer que um profeta deve ter, assim como Davi, uma grande intimidade com Deus, passando a sentir Seu coração como se fosse o seu próprio, dando a chance de ser usado pelo Espírito como um canal de bênçãos. Deve aproveitar as tribulações da vida para exortar, confortar, ensinar, consolar, convencer do

erro, corrigir caminhos tortuosos, amaldiçoar o mal e expulsá-lo de uma vida (espíritos de enfermidade, por exemplo), denunciar a injustiça, repreender e declarar o que Deus pretende fazer ainda com alguém (vidência). Davi tinha o conhecimento de Deus, aproveitou as oportunidades e foi exemplo para outros.

"O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua". (2 Sm 23: 2)

Elias

Autoridade / Ser canal para o poder de Deus

“No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias e disse: Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo e que, segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas” (1 Rs 18: 36).

“Sabei, pois, agora, que, da palavra do Senhor, pronunciada contra a casa de Acabe, nada cairá em terra, porque o Senhor fez o que falou por intermédio do seu servo Elias” (2 Rs 10: 10).

Elias

O período de exercício profético de Elias varia de 875–848 AC, que abrange os reinados de Acabe, Acazias e Jorão.

Elias *[’lïyyâhü e ’elïyyâ*, do hebraico; *Eleiou* (Septuaginta) e *Eleias,* gr. NT, *YHWH é Deus]* foi o profeta do reino do Norte.

O local do nascimento de Elias é incerto; a bíblia fala sobre Tisbe, em Gileade, treze quilômetros ao norte do rio Jaboque.

Quando a bíblia fala das suas lutas contra Baal, se refere a *Baal-Melcarte,* a divindade oficial protetora de Tiro, que estava ligada à natureza.

Elias participou de episódios importantes na vida de Israel. Veio ao rei Acabe e predisse uma seca. Depois, segundo a orientação do Senhor, fugiu para o lado do Jordão, junto à torrente de Querite, onde ele bebia a água da torrente e os corvos lhe traziam alimento (pão e carne), de manhã e ao anoitecer. Com o passar do tempo, por não chover, a torrente também secou. Então, o Senhor enviou Seu profeta a Sarepta, no território de Sidom, fora dos limites de Israel e ali, por milagre, uma viúva o sustentou por três anos, vivendo um verdadeiro milagre de suprimento de Deus. Foi quando o filho da viúva faleceu. O Senhor o usou mais uma vez, ressuscitando-lhe o filho. Logo após, Ele ordenou a Elias que voltasse para Israel e se apresentasse diante de Acabe, pois haveria chuva sobre a terra. Jezabel, mulher do rei, tinha exterminado todos os profetas verdadeiros, mas seu mordomo Obadias, que era temente a YHWH, escondeu cem deles e os sustentou com pão e água. Elias se apresentou a Acabe e o mandou ajuntar todo o povo de Israel e os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal, assim como os quatrocentos profetas do poste-ídolo (Aserá) no Monte Carmelo. Quando invocou o nome do Senhor sobre o holocausto que havia sido preparado, caiu fogo do céu e consumiu tudo o que estava sobre o altar. O povo reconheceu o milagre e se prostrou diante do Senhor. Os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal foram mortos no ribeiro de Quisom, assim como os outros quatrocentos profetas de Aserá. Também disse a Acabe para subir no carro porque já viria a chuva. Elias subiu ao cimo do Carmelo e se encurvou com o rosto entre os joelhos; disse ao seu moço para subir mais alto no monte e olhar para o lado do mar. Ele assim o fez por sete vezes. Na sétima vez, o moço viu uma nuvem do tamanho de uma mão de homem. Aí Elias o mandou avisar Acabe que a chuva estava vindo. Veio um grande temporal como havia previsto o profeta. O rei subiu no carro e foi para Jezreel. A mão do Senhor veio sobre Elias, que correu adiante de Acabe montanha abaixo pela estrada até a entrada daquela cidade.

O rei contou a Jezabel tudo o que tinha acontecido e ela mandou um mensageiro a Elias ameaçando-o de morte. Elias, com medo do que tinha ouvido, fugiu para salvar sua vida e se foi para o deserto. Pediu a Deus que o matasse. Vencido pelo cansaço dormiu e, então, um anjo o tocou dizendo para levantar e comer, pois ao seu lado tinham sido postos um pão e uma botija com água. Comeu, bebeu e voltou a dormir. Pela segunda vez, o anjo do Senhor o acordou e lhe ordenou que comesse. Com a força desse alimento, caminhou quarenta dias e quarenta noites até *Horebe (=seco, deserto),* conhecido como *‘o Monte de Deus’*. Horebe era a montanha sagrada onde Deus fizera aliança com Moisés. Elias, figuradamente, estava voltando para a própria fonte da fé pela qual ele havia contendido. Ali ele entrou numa caverna e foi onde teve um encontro com o Senhor renovando suas forças para continuar seu ministério. YHWH lhe revelou que tinha conservado em Israel sete mil pessoas que não se dobraram a Baal (1 Rs 19: 18).

Depois disso, houve o incidente com Nabote, quando Acabe anexou a vinha do seu súdito aos terrenos do palácio real (1 Rs 21: 19). Segundo o pensamento israelita, a terra possuída por uma família ou clã era entendida como um dom vindo de Deus e todos deveriam respeitar esse direito. Por isso, esse incidente foi considerado uma violação de direito, movendo Elias mais uma vez até Samaria por ordem do Senhor para profetizar a sorte de Acabe, de Jezabel e de sua descendência (1 Rs 21: 17-29). Acazias, filho de Acabe, reinou em seu lugar. Acazias dependeu do deus da vida sírio, *Baal-zebul ou Belzebu (senhor ou mestre, o príncipe),* a quem o povo de Deus ridicularizava chamando de *Baal-zebube (o senhor das moscas)* para saber se viveria ou morreria, pois estava doente por ter caído pelas grades de um quarto alto em Samaria. Elias foi enviado por Deus para repreender o rei e confirmar sua morte. Acazias enviou a Elias duas companhias de soldados, mas Deus usou novamente Seu profeta com fogo do céu matando cento e dois deles. A terceira tropa foi enviada; então o Senhor ordenou ao Seu ungido que fosse com eles. Acazias morreu segundo tinha sido profetizado, e Jorão, seu irmão, reinou em seu lugar, pois aquele não tinha filhos.

Elias foi, então, arrebatado por Deus num redemoinho. Eliseu o sucedeu como profeta de Israel.

Quando lemos a história de Elias, podemos notar que Deus o escolheu aparentemente do nada, pois nenhuma referência a ele é feita antes do episódio da seca que assolou Israel. A autoridade divina que lhe foi concedida lhe proporcionou, não só grandes experiências com o Senhor, como mostrou a toda a nação quem era o seu verdadeiro Deus e o poder que Ele poderia derramar sobre os que Lhe obedecessem. Podemos resumir as ações de Elias *no uso correto da autoridade e na entrega ao Senhor para ser um canal do Seu poder.* Coisas aparentemente impossíveis de acontecer se tornaram possíveis pela fé do profeta e do uso correto da sua autoridade, denunciando a idolatria e o pecado da nação, não se importando com as conseqüências, principalmente por estar denunciando-os perante o próprio rei. Elias só vacilou diante das ameaças da rainha por causa do extremo cansaço que tomou conta dele depois de uma batalha decisiva contra o mal. Entretanto, nem por isso deixou de ser instrumento nas mãos do Senhor; ao recuperar as forças, retomou sua missão até ela ser plenamente cumprida.

Dessa forma, um profeta deve ter em Elias o exemplo de *entrega e obediência, a fim de ser um poderoso canal para Deus* realizar Seus planos, seja para derramar bênçãos sobre os humildes e necessitados, como para executar a justiça sobre certas situações. É claro para todos que Jesus, ao morrer na cruz, realizou a salvação dos pecadores e sua justificação, assim como a reconciliação com o Pai. Mostrou também a revelação do caráter de Deus através desse ato, a saber, Seu amor e Sua justiça; e, por último, a conquista sobre o mal, representada pela vitória sobre o diabo, a carne, o mundo, a lei e a morte. O sacrifício da cruz trouxe, além disso, um novo patamar de relacionamento com Deus, baseado em ousadia, amor e alegria. Hoje, o nosso ministério profético é diferente daquele do Antigo Testamento, mas nem por isso o Senhor nos poupa de tomar certas atitudes e de falar a Sua palavra para que a Sua justiça possa ser feita. Exortando e revelando o erro, mostrando o caminho correto e não compactuando com o pecado, nós seremos como Elias, um canal para o poder divino se manifestar. A bíblia fala que Jesus veio para destruir as obras do diabo. Nós como filhos de Deus devemos fazer a mesma coisa; devemos ser um 'Elias' na nossa geração, não dando ouvidos às ameaças do inimigo, pelo contrário, caminhando em fé em direção à nossa promessa e trazendo outras vidas para o reino do céu.

"Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o Senhor; o meu Espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela, nem da de teus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o Senhor" (Is 59: 21).

Eliseu

A bênção do primogênito: porção dobrada da unção.
Liberar a cura e o milagre

“Havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti. Disse Eliseu: Peço-te que me toque por herança porção dobrada do teu espírito” (2 Rs 2: 9).

“Tendo o profeta chegado a casa, eis que o menino estava morto sobre a cama. Então, entrou, fechou a porta sobre eles ambos e orou ao Senhor... e se estendeu sobre o menino; este espirrou sete vezes e abriu os olhos... Ele a chamou, e, apresentando-se ela ao profeta, este lhe disse: Toma o teu filho” (2 Rs 4: 32-33; 35a-36).

Eliseu

O exercício profético de Eliseu vai de 848–797 AC.

Eliseu *(' ^{e}lïshã, Deus é salvação)* foi profeta do reino do Norte e contemporâneo de Acabe, Acazias, Jorão, Jeú, Jeoacaz e Jeoás, portanto, seu ministério abrangeu aproximadamente cinqüenta anos da história de Israel.

Podemos dizer que o ministério de Elias foi reproduzido por João Batista, assim como o de Eliseu foi uma sombra do futuro ministério de Jesus.

Eliseu foi chamado ainda jovem e seu chamado foi uma *ordenação*, quando Elias jogou sobre ele o manto profético (1 Rs 19: 19-21). A partir daí, serviu seu mestre.

Alguns anos se passaram e, quando o Senhor estava para tomar Elias ao céu por um redemoinho, Eliseu acompanhou o mestre de Gilgal até Betel, depois para Jericó e para o Jordão, onde as águas se dividiram ao toque do manto de Elias. Cinqüenta discípulos dos profetas os acompanharam, tentando dissuadir Eliseu de seguir Elias. Quando passaram o rio, Elias perguntou a Eliseu o que ele queria antes de ser tomado por Deus. Eliseu pediu *porção dobrada do espírito* que estava sobre seu mestre, ou seja, o dobro do seu poder espiritual, assim como o filho mais velho herdava dupla porção da propriedade do pai (Dt 21: 17). De qualquer maneira, Eliseu queria o poder divino para cumprir sua nova missão como líder espiritual da nação (2 Rs 2: 9; 15). Elias lhe disse que isso ele teria se o visse quando fosse arrebatado. Continuaram andando até que um carro de fogo (símbolo da autoridade espiritual de Deus), com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho. Então, Eliseu verbalizou o que estava vendo. Rasgou suas vestes em duas partes e tomou o manto que Elias deixara cair. Como seu mestre tinha feito, feriu as águas, elas se dividiram e Eliseu passou. Os discípulos dos profetas viram tudo e reconheceram sua autoridade como profeta de Israel (2 Rs 2: 15).

Eliseu foi usado por Deus de maneira poderosa como o foi Elias. Dentre os muitos fatos dos quais Eliseu participou e mostrou o poder de Deus foi o caso das águas de Jericó que eram ruins para beber, mas que ficaram saudáveis (2 Rs 2: 19-21) porque Eliseu jogou sal nelas. Outro incidente que mostrou o poder de YHWH sobre o profeta foi a zombaria dos quarenta e dois rapazes sobre a sua calvície. Ele os amaldiçoou em nome do Senhor e eles foram mortos por duas ursas. Não foi um caso de vingança contra jovens inofensivos, mas um juízo de Deus contra uma geração que demonstrava crescente desrespeito para com Ele e Suas leis. O insulto deles não era, na verdade, uma zombaria contra a calvície de Eliseu, e sim uma zombaria contra o Deus que o profeta representava; uma rejeição de sua autoridade profética.

Com Eliseu aconteceu milagre semelhante ao que fez Elias com a viúva de Sarepta (1 Rs 17: 8-16). Dessa vez, foi com uma mulher também viúva dos discípulos dos profetas (2 Rs 4: 1-7) que estava endividada e temia que os credores levassem seus filhos como pagamento (seriam escravos). Eliseu lhe deu instruções detalhadas sobre como levantar recursos colocando óleo em vasilhas. Ela obedeceu às ordens, viu o milagre de Deus, pagou sua dívida e aumentou sua fé no Senhor.

Havia uma cidade na região ocupada pela tribo de Issacar, ao norte de Israel, e no NT correspondente à Galiléia, chamada Suném *(shünem, lugar de repouso).* Ali havia uma mulher rica que lhe ofereceu pão. Todas as vezes que o profeta passava por lá, entrava em sua casa para comer. Foi ela que sugeriu ao seu marido que lhe fizesse um pequeno quarto, mobiliado de maneira simples para quando o profeta voltasse pudesse se abrigar nele. Assim aconteceu. O moço de Eliseu se chamava Geazi e o profeta lhe perguntou o que ele poderia fazer pela mulher para retribuir sua hospitalidade. Geazi

sugeriu que talvez Deus pudesse fazer o milagre de lhe dar um filho, já que ela não tinha nenhum e seu marido já era velho. Eliseu a chamou novamente e lhe disse que dali a um ano lhe nasceria um filho. E o milagre aconteceu como ele tinha predito (2 Rs 5: 16-17). O menino cresceu e um dia adoeceu e morreu. A mãe o colocou sobre a cama de Eliseu e foi procurá-lo. Encontrou-o no monte Carmelo. Contou ao profeta sobre sua dor e ele mandou Geazi colocar seu bordão (o de Eliseu) sobre o rosto do menino. A mãe não queria ninguém mais além do profeta, portanto, ele a acompanhou. Geazi até colocou o bordão como lhe fora orientado, mas nada aconteceu. Então, Eliseu orou ao Senhor e se deitou sobre o menino (seus olhos, sua boca e suas mãos sobre os do morto) e aí o garoto espirrou sete vezes e abriu os olhos. Eliseu tomou o menino e o apresentou à sua mãe.

Após ter ressuscitado o menino, outro episódio que é colocado em seqüência, também parece estar relacionado ao período de sete anos de fome em Israel, descrito em 2 Rs 8; esse episódio trata da fraternidade dos profetas em Gilgal. Eliseu disse a Geazi para colocar a panela grande no fogo e fazer um cozido para os profetas (2 Rs 4: 38-41). Algo no alimento, entretanto, não agradou aos homens; provavelmente, estivesse envenenado pelas ervas que foram ali colocadas. Eliseu colocou farinha na panela e tornou o alimento saudável. Seu próximo milagre antecipa o milagre da primeira multiplicação de pães e peixes feito por Jesus (Mc 6: 35-44). Aqui, Eliseu multiplicou vinte pães de cevada e espigas verdes para alimentar cem homens.

Em 2 Rs 5: 1-27 a bíblia descreve a história de Naamã, que não tem data precisa. Talvez, tenha ocorrido num período em que os assírios tentaram dominar a Síria; talvez, um período de trégua entre a Síria e Israel. Naamã era comandante do exército do rei da Síria e estimado pelo seu senhor. Através dele, Deus dava vitória ao seu povo, mas Naamã supunha que isso vinha de sua habilidade militar. Era um herói de guerra, todavia, leproso. As tropas da Síria tinham feito prisioneira uma menina israelita que ficou ao serviço da mulher de Naamã. Foi ela que falou à sua senhora sobre Eliseu, que estava em Samaria, e que era capaz de curar Naamã da lepra. Ele falou com seu rei que o enviou a Israel. Parou na porta da casa do profeta, que lhe mandou um mensageiro com a instrução de Naamã mergulhar sete vezes no Jordão para ser curado. Naamã se enfureceu, pois esperava outra resposta e outra maneira de ser curado. Cedendo ao conselho dos seus oficiais, fez o que o profeta tinha mandado e ficou curado.

O próximo milagre de Eliseu diz respeito a ele ter feito flutuar um machado (2 Rs 6: 1-7), o que provavelmente ocorreu na mesma época dos outros milagres nas habitações dos profetas.

Eliseu teve uma notável participação política principalmente nas guerras entre Moabe e Israel e entre a Síria e Israel (2 Kings 6: 8-24). Em todas elas, Eliseu, sob a direção de Deus, realizou milagres e confirmou seu chamado como profeta da nação. No cerco da Síria contra Samaria, mais um milagre foi realizado quando o profeta predisse a abundância de víveres em meio à tamanha fome em que estavam. Quatro leprosos invadiram o arraial dos inimigos que, movidos pelo Senhor, tinham fugido, pois Ele os fizera ouvir ruído de um exército e de carros de guerra; entraram em pânico e fugiram deixando tudo. Os leprosos comeram e beberam e viram as vestes e o ouro. Esconderam os despojos e voltaram a Samaria para contar ao rei e aos cidadãos o milagre do Senhor. Constatando o milagre, o rei de Israel saqueou o arraial dos siros. Assim se cumpriu a profecia de Eliseu.

O profeta morreu com mais ou menos oitenta e cinco a noventa anos e o sepultaram. Bandos de moabitas costumavam invadir a terra. Quando os israelitas que estavam enterrando um homem os viram, lançaram o corpo na sepultura de Eliseu e,

quando o cadáver tocou os ossos do profeta, ressuscitou. Esse milagre serviu como um sinal para o povo de que o Deus de Eliseu vivia.

Elias realizou sete milagres ao longo do seu ministério. Eliseu tinha lhe pedido porção dobrada e realizou quatorze milagres (aqui não foram descritos todos eles).

Observando a vida de Eliseu e sua ousadia ao iniciar seu ministério, pedindo a Elias porção dobrada do poder que estava sobre ele, podemos tirar aprendizados importantes no que se refere ao comportamento de um homem de Deus. Em primeiro lugar, *não ter medo da responsabilidade* que Ele coloca em suas mãos. Em segundo, não ter medo de lhe pedir seja o que for; para uma missão grande é necessária a *"porção dobrada do primogênito"*. Em terceiro lugar, o profeta passa a descobrir que em sua boca está a unção *de cura e de realização de milagres*, pois o que sai dela sai da boca do Espírito e é uma *"arma ungida",* cheia de poder para destronar o mal e edificar a vida de muitos. O segredo é nos entregarmos integralmente a Ele, principalmente a nossa boca debaixo do Seu domínio. Dessa forma, não precisamos ter medo do que sai dela, pois sabemos quem é o nosso *Senhor*. Assim como o ministério de Elias simbolizou o de João Batista, que preparou o caminho para o Messias, e o de Eliseu foi uma sombra do ministério ungido de Jesus no que diz respeito aos milagres realizados, nós também podemos dizer que nosso ministério pode ser um espelho vivo do ministério de Cristo em nossos dias, pois Ele mesmo disse: "Aquele que crer em mim, fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai" (Jo 14: 12).

"Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia" (Ap 19: 10 b).

Jonas

Aprender a ouvir a voz de Deus
e a ter compaixão do semelhante

“Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim” (Jn 1: 1-2).

“e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?” (Jn 4: 11)

Jonas

O profeta Jonas atuou durante o reinado de Jeroboão II de Israel (782-753 AC), séc. VIII AC, portanto, entre 785 e 750 AC. Era procedente de Gate-Hefer (Zebulom), perto de Nazaré, e seu pai se chamava Amitai (2 Rs 14: 25). Jonas foi ordenado por Deus para ir a Nínive e protestar contra sua iniqüidade, entretanto, se rebelou e foi na direção oposta, para Jope *[Jafo* – Js 19: 46 – pertencente à tribo de Dã; a palavra hebraica é *yãphô* e a grega é *Ioppe*; o árabe é *Yãfã (Jafa)*, que significa: *beleza, lugar bonito],* onde tomaria um navio para Társis (provavelmente corresponde à atual Espanha). Nínive, uma grande cidade comercial da Assíria, seria saqueada cem anos mais tarde (612 AC) pelos Medos, quando sua impiedade seria castigada. Era sanguinária e cruel, uma cidade guerreira e tinha matado muitas nações por meio de suas prostituições e feitiçarias, por isso o Senhor se voltaria contra ela e a exporia ao ridículo, mas seria o profeta Naum o Seu escolhido para profetizar sua derrota. Jonas, no caso, estava sendo comissionado por YHWH para convencer seus moradores a se voltarem para Ele e serem salvos da Sua ira. O livro de Jonas pretende nos mostrar que o interesse e a misericórdia de Deus se estendem à raça humana inteira. Ele ensinou Jonas a ter piedade de todos os seres humanos (experiência com a planta, no 4º capítulo do seu livro).

Há várias interpretações para a história de Jonas. Segundo a tradição rabínica, Jonas representa a nação de Israel; o peixe representa a Babilônia; o fato de Jonas ter sido devorado representa o exílio etc. Outra interpretação é que se trata de uma parábola com relato moral com finalidade didática, ou seja, quando desobedecemos às ordens do Senhor, poderemos nos perder e sermos 'engolidos pelo inimigo', pois saímos do propósito divino para nossas vidas. Mas ainda prevalece a opinião de ser uma história real, onde a experiência do profeta, por si só, já é uma profecia. Todos nós conhecemos a história de Jonas: ele desobedeceu a Deus e tomou um navio para oeste, em direção a Társis, pois temia realizar a missão que lhe tinha sido confiada, além de não ter vontade alguma de ver o adversário (Assíria) ser resgatado por Deus. Jonas achava que os assírios deveriam ser punidos pela sua crueldade, por isso o Senhor quis lhe ensinar a lição da misericórdia divina que ama o pecador embora odeie e abomine o pecado, sempre buscando dar ao homem uma chance de arrependimento e salvação. Jonas ainda não entendia isso, portanto, fugiu do desafio, todavia, isso lhe custou caro, pois sua rebeldia foi descoberta pelos companheiros do navio que, por medo de morrerem debaixo da ira de YHWH, lançaram Jonas ao mar para não padecerem junto com ele (aliás, a sugestão veio do próprio profeta). Foi engolido por um enorme peixe e ficou dentro dele por três dias, meditando sobre suas atitudes e sobre a majestade de Deus; lembrando-se dEle, Jonas gritou pedindo ajuda. O Senhor o ouviu e ordenou ao peixe que o lançasse à terra (Jn 2: 10). Assim, se dirigiu a Nínive, que se arrependeu do seu pecado e foi resgatada pelo Senhor. Aí terminou o aprendizado de Jonas sobre ter compaixão e misericórdia dos seus semelhantes, deixando para Deus o julgamento.

Além do aprendizado descrito acima sobre *ouvir a voz de Deus e ter a compaixão e a misericórdia pelo ser humano*, que deve fazer parte da vida de um homem de Deus, podemos ver no livro de Jonas uma sombra do que aconteceu com Jesus após ter morrido e passar três dias no túmulo, pois Sua obra de redenção culminou verdadeiramente com a Sua ressurreição. Ao morrer na cruz Jesus realizou uma grande vitória sobre as trevas. Mas a vitória foi mais além, quando após Sua morte, Ele ficou no túmulo por três dias, como Jonas na barriga do peixe, ressuscitou daquele lugar e mostrou-se novamente vivo. Por isso, Jesus fala que o único sinal que Ele daria aos fariseus seria o de Jonas (Mt 12: 38-41 cf. Lc 11: 29-30): "Então, alguns escribas e

fariseus replicavam: Mestre, queremos ver de tua parte um sinal. Ele, porém, respondeu: uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra. Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas".

O que Ele queria dizer é os Ninivitas não viram grandes sinais da parte de Deus, contudo se arrependeram com a pregação de Jonas, após ele ter permanecido três dias e três noites no ventre do peixe. Entretanto, os mestres da lei, mesmo tendo ouvido a pregação de Jesus durante o Seu ministério ainda não acreditavam nEle. Talvez, alguns se convertessem após verem a Sua ressurreição ou, pelo menos, o relato dela pela boca dos discípulos e apóstolos.

O que Jonas sentiu ali dentro da barriga do grande peixe foi como a morte, ou seja, um lugar de escuridão, onde ele se sentiu afastado de Deus, pois o seu pecado de desobediência trouxe aquela punição. O ser humano sempre teve medo da morte. Jesus veio para nos libertar do medo dela (Hb 2: 15; 1 Co 15: 17-20; 25-26). Ele pagou por nós a penalidade do pecado. O diabo tinha o poder da morte (Hb 2: 15) porque todos os homens tinham pecado e ele aprisionava suas almas; mas Jesus veio como homem, sem pecado (Rm 8: 3), vencendo-o em Sua própria carne, comprando-nos através do Seu sangue. Ao ressuscitar e voltar à terra, Ele trouxe consigo as chaves da morte e do inferno, tirando, portanto, de Satanás seu domínio sobre as almas dos homens (Ap 1: 18: "e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno").

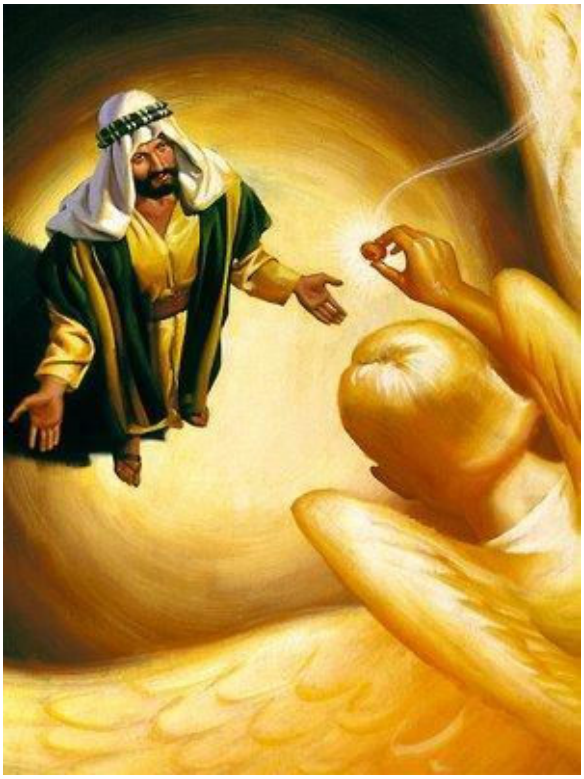
Naquele lugar, Jonas sofreu angústia e opressão, ele clamou a Deus por socorro (Jn 2: 1-2: "Então, Jonas, do ventre do peixe, orou ao Senhor, seu Deus, e disse: na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me respondeu; do ventre do abismo, gritei, e tu me ouviste a voz"). A angústia pela qual ele passou e as dúvidas que lhe foram colocadas na mente quanto à capacidade de Deus de livrá-lo (Jn 2: 3-4: "Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim. Então, eu disse: lançado estou de diante dos teus olhos; tornarei, porventura, a ver o teu santo templo?"), as ondas de terror e maldade que passaram sobre sua alma, os pensamentos ruins que se "enrolaram" em sua cabeça (Jn 2: 5: "As águas me cercaram até a alma, o abismo me rodeou; e as algas se enrolaram na minha cabeça") e as portas que Satanás fechou sobre ele lhe faziam desfalecer a alma, mas continuou a clamar e o Pai o ouviu (Jn 2: 6-7: "Desci até os fundamentos dos montes, desci até a terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim, para sempre; contudo, fizeste subir da sepultura a minha vida, ó Senhor, meu Deus! Quando, dentro de mim, desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo"). No terceiro dia veio seu livramento (Jn 2: 6b: "contudo fizeste subir da sepultura a minha vida, ó Senhor, meu Deus!"), como se as portas que estiveram fechadas sobre ele fossem abertas e as cadeias que o prendiam fossem quebradas. O próprio Deus falou a Satanás (o grande peixe) no versículo 10, ordenando que Jonas fosse solto ('vomitado na terra').

Se o Espírito Santo arrombou as cadeias e as portas fechadas sobre Jonas, se ressuscitou Jesus dentre os mortos, também o fará nas nossas vidas, pois temos o Seu poder em nós. Nada mais pode nos prender. A mão de Deus pode nos alcançar nos lugares mais profundos e escondidos e nos resgatar. Se Jesus triunfou sobre as trevas, nós também triunfaremos sobre o que nos oprime. Não precisamos mais temer a morte; as chaves estão, agora, com Ele, não mais com Satanás. A morte, que significa afastamento de Deus, não mais nos amedronta, pois estamos continuamente com Jesus.

Jonas desobedeceu a Deus e só se lembrou Dele quando foi engolido pelo animal marinho; Jesus obedeceu ao Pai e foi vitorioso no 'interior do grande peixe' (o túmulo), dando a nós a mesma vitória sobre o mal.

Dessa forma, o profeta tem alguns aprendizados importantes com Jonas. O *primeiro,* que já mencionamos, é *ouvir a voz de Deus e obedecer-Lhe integralmente*, sem medo do que Ele possa nos pedir para fazer. O *segundo* é exercitar a mesma *compaixão* e a mesma *misericórdia* que Ele tem por aqueles que estão no erro e não parecem ser nem um pouco merecedores de Sua graça. O *terceiro,* que aconteceu com Jonas dentro do peixe, é *nos lembrarmos de Deus* nas nossas angústias e aflições. Ele é o único que pode nos tirar delas, além do que é o único que nos pode dar o entendimento verdadeiro do porquê estamos passando por elas. O *quarto,* é que precisamos *aprender e crescer sempre*, deixando nossos corações livres ao agir do Espírito, mesmo que não estejamos entendendo o que se passa conosco ou o que está na mente de Deus. O *quinto* é *recebermos dEle* o mesmo amor, a mesma graça e a mesma misericórdia sobre nós, para que nos tornemos cada vez mais fortes para desempenharmos nossa missão.

"Clama a plenos pulmões, não te detenhas, ergue a voz como trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão e à casa de Jacó, os seus pecados" (Is 58: 1).



Isaías

Reconhecer o erro / Estar disponível nas mãos de Deus / Escolha entre o bem e o mal / Respeitar o livre-arbítrio

“Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, ó terra, porque o Senhor é quem fala: Criei filhos e os engrandeci, mas eles estão revoltados contra mim” (Is 1: 2).

“No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas; com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou um homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniqüidade foi tirada e, perdoado o teu pecado. Depois disto, ouvi a voz do Senhor, que disse: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6: 1-8).

Isaías *(hebr.Yᵉsha'yãhii, YHWH é salvação)* era filho de Amoz *('ãmôç = forte, firme).* Seu ministério foi em Judá (740–681 AC). Vivia em Jerusalém (Is 7: 1-3; Is 37: 2) e era de sangue real. Em 722 AC houve o exílio de Israel e em 586 AC, o exílio de Judá. Durante seu ministério quatro reis de Judá reinaram: Uzias (ou Azarias; 781-740 AC – desde 791 AC em co-regência com Amazias), Jotão (740-732 AC – desde 748 AC em co-regência com Uzias), Acaz (732-716 AC) e Ezequias (716-687 AC – desde 729 AC em co-regência com Acaz). Era casado e sua esposa era chamada de 'a profetisa' (Is 8: 3), provavelmente porque ela, igualmente, profetizava. Tinha dois filhos com nomes simbólicos (Is 8: 18): *"Um-Resto-Volverá"* (*shearjashub* – Is 7: 3), em relação ao remanescente do povo de Deus que se voltaria de coração para Ele e *"Rápido-Despojo-Presa-Segura"* ou *"Rápido para o saque, pronto para o despojo"* (Is 8: 1-4 – *Maher-Shalal-Hash-Baz*, por causa da invasão dos assírios na Síria e em Samaria). Durante o reinado de Acaz, Síria e Israel se uniram contra Judá e subiram a Jerusalém. O rei não aceitou a palavra de Isaías sobre pedir um sinal de Deus. Aí Isaías falou sobre Emanuel, que nasceria de uma virgem (em referência a Jesus e a Maria). Acaz buscou socorro no Egito e Deus não aprovou.

No reinado de Sargom II (722-705 AC), rei da Assíria, Isaías (Is 20: 2-3) passou três anos despido (descalço e com as nádegas descobertas) como uma encenação, um sinal contra o Egito e a Etiópia a respeito da assolação da Assíria, que os levaria presos e exilados; isso traria vergonha a Israel, pois tinha buscado nessas nações o seu socorro contra a Assíria também. Durante o reinado de Ezequias, Isaías também profetizou no tempo da campanha de Senaqueribe (701 AC), quando repreendeu Ezequias por mostrar todos os seus tesouros ao rei da Babilônia (após Deus tê-lo livrado de uma doença mortal, assim como a Jerusalém das mãos de Senaqueribe). Quando teve a visão sobre a queda da Babilônia, muito se entristeceu com as condições em que viu o povo de Israel (Is 21: 3-4). Igualmente profetizou sobre Ciro, que tomaria a Babilônia e livraria a nação israelita das mãos do inimigo. Fez também profecia sobre o exílio de Judá e sua salvação por Deus por pecados, tanto do povo quanto dos príncipes, dos profetas e dos sacerdotes, que andavam na idolatria. A salvação viria do Messias.

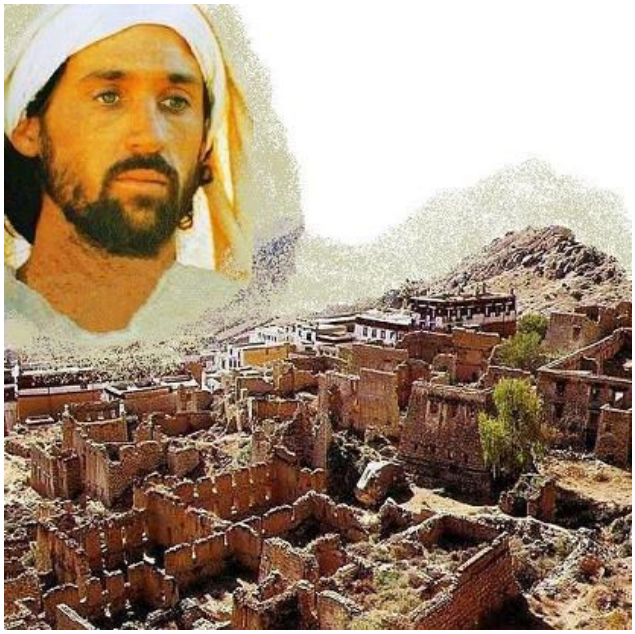
Isaías menciona a religiosidade, a cegueira espiritual e a hipocrisia do povo (Is 30: 10). Este não queria ouvir a verdade, somente coisas boas, mas que eram mentiras; Isaías, portanto, critica a posição dupla do povo de Israel diante de Deus, sua acomodação e falta de amor verdadeiro ao Senhor. O profeta trabalhou para dar ao povo a clareza dessa hipocrisia na esperança de mudarem de atitude. Por meio dele e de sua profecia, Deus mostrou ao povo Seus dois lados: misericórdia e juízo, justiça e perdão, exílio e salvação. Profetizou também a vinda do Messias, por isso foi chamado de profeta messiânico [Is 2: 1-5; Is 4: 2; Is 7: 14; Is 9: 1-7; Is 11: 1-5; Is 16: 5; Is 41: 1-29, em especial os versículos 2 e 25; Is 42: 1-9; Is 44: 26; Is 44: 28; Is 45: 1; Is 45: 13; Is 48: 14-15; Is 49: 1-7 com especial enfoque no v. 7; Is 50: 1-11, com especial enfoque no v. 10; Is 52: 13; Is 53: 1-12, com especial enfoque nos vs. 2 e 11; Is 59: 16-21; 63: 1-6]. Em Is 30: 20-21, ele menciona a restauração da nação após o exílio. Além de profetizar sobre as questões religiosas, ele também se levantou contra as injustiças sociais. Segundo a tradição, Isaías foi serrado ao meio durante o reinado de Manassés (687-642 AC), filho de Ezequias.

Com tudo isso, podemos dizer que Isaías, em primeiro lugar, *reconheceu seu próprio erro* diante de Deus, pois era de linhagem nobre e, como todo o seu povo, tinha lábios impuros e estava um tanto afastado dEle. Ao ser perdoado (visão da brasa viva

queimando seus lábios), colocou-se como um instrumento a serviço do Altíssimo para revelar aos seus irmãos o que o Senhor queria lhes mostrar. Em outras palavras, colocou-se *disponível* para a Obra. Como todos os profetas, Isaías se entristecia, não só pelo pecado da nação quanto pela punição divina sobre aqueles a quem amava, mas que necessitavam ser corrigidos e disciplinados para alcançar a salvação. Entretanto, Isaías *respeitou o livre-arbítrio* dado por Deus a todos os Seus filhos, fazendo das suas profecias um meio muito claro de *escolha entre o bem e o mal*, *entre a bênção e a maldição.* Dando-lhes conhecimento do certo e do errado, eles teriam condições de escolher seu próprio caminho. Isaías não ficou à margem dos conflitos, pelo contrário, se importou com tudo o que comprometia Israel como um todo e o fazia opróbrio entre os povos, tanto na área religiosa quanto na área social. Não se importou com o que pensavam os homens, e sim com o que Deus pensava. Ele sofreu desolação, tristeza, ameaças, confrontos com os poderosos, porém, jamais deixou de dar o recado de Deus ao Seu povo. Podemos dizer que em meio a tanto sofrimento, a visão da restauração após o exílio e a salvação dos homens através do Messias lhe davam forças e consolo para poder levar a cabo sua missão, pois entendia os verdadeiros propósitos e desejos do Senhor para os que eram Seus. Não via as circunstâncias apenas com a visão humana, mas com a visão espiritual. Ele via longe; portanto, podia se alegrar de certa forma com a disciplina divina sobre os judeus porque sabia que no final haveria restauração da honra de Israel.

Da mesma maneira que o profeta, nós devemos, em primeiro lugar, fazer uma *"vistoria interior",* pedindo perdão a Deus pelas nossas falhas e, mais do que isso, nos corrigir, tomando as atitudes que agradam ao Senhor. A partir daí, estamos aptos para *nos colocarmos à Sua disposição* como mensageiros da Sua palavra trazendo vidas para o Seu reino. Outra atitude que precisamos aprender com Isaías é *respeitar o livre-arbítrio* dado por Deus a todos os homens, mostrando-lhes o caminho correto, entretanto, deixando em suas próprias mãos o direito de decidir seu caminho. Isso, muitas vezes, nos custa, pois nos faz sofrer por corações endurecidos e insensíveis, orgulhosos diante de Deus, que não têm a visão espiritual, e sim a carnal, e rejeitam a salvação e a graça. Preferem continuar sofrendo a reconhecer seu erro, preferem estar certos a se arrependerem e serem libertos. Precisamos, na verdade, como profetas, pedir ao Senhor que nos ensine a maneira correta de amar como Ele ama para não carregarmos fardos desnecessários ou fazermos coisas que possam nos tirar da Sua presença. Não precisamos ficar insensíveis às injustiças ou ignorarmos os desafios e as circunstâncias ao nosso redor. O que precisamos fazer é nos manter na presença de Deus e não nos deixar influenciar pelo mal, liberando a Palavra quando Ele nos ordena a fazê-lo e deixando a cargo de cada um o direito de escolher entre o certo e o errado, entre a morte do mundo e a vida de Deus.

"Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!" (Is 52: 7)



Jeremias

Negação do eu / Lealdade à missão /
Administrar o conflito entre carne e Espírito

“A mim me veio, pois, a palavra do Senhor, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saísses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações. Então, lhe disse eu: ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança. Mas o Senhor me disse: Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te disser falarás. Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor. Depois, estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca e o Senhor me disse: Eis que ponho na tua boca as minhas palavras. Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares” (Jr 1: 4-10).

Seu ministério vai de 626 a 585 AC. Os últimos versículos do seu livro foram acrescentados depois de 561 AC, anos após a destruição de Jerusalém. Pelas referências em Jr 1: 1 e Jr 17: 16 nós podemos inferir que era pastor (sacerdote), não só profeta. Seu assistente, Baruque, anotou as profecias à medida que Jeremias as ditava. Ainda jovem ele recebeu seu chamado como profeta para chamar o povo para Deus antes que chegasse a destruição (Jr 1: 4-10, onde, no v. 6, a palavra escrita é *criança (na'ar),* que significa: *infância e os últimos anos da adolescência*, fora da idade média em que os profetas eram chamados, entre 20 e 30 anos). Provavelmente estava ainda no início da sua segunda década de vida quando o Senhor o comissionou. Foi criado numa família sacerdotal (era filho de Hilquias, o sacerdote). Seu nome, Jeremias, significa *"YHWH exalta ou estabelece"*. Profetizou durante o reinado de cinco reis: Josias (a partir do 13º ano do seu reinado), Joacaz [NVI escreve: Jeoacaz] ou Joanã ou Salum (2 Rs 23: 31-34; 2 Cr 36: 1-4; 1 Cr 3: 15 cf. Jr 22: 11-12), Jeoaquim (Eliaquim – 1 Cr 3: 15), Joaquim (Jeconias, Jr 24: 1 e Jr 27: 20; ou Conias, Jr 37: 1) e Zedequias (1 Cr 3: 15; até o 11º ano do seu reinado, filho mais moço de Josias e irmão de Jeoaquim). As últimas profecias atingem até o 5º mês do exílio de Jerusalém (Jr 1: 1-3; Jr 52: 12). Ao morrer Josias, seu filho Jeoacaz (conhecido também como Salum) subiu ao trono, e foi deposto pelo rei do Egito, que colocou em seu lugar seu irmão Eliaquim, rei sobre Judá e Jerusalém, a quem mudou o nome para Jeoaquim (2 Cr 36: 1-4). Ao ser levado para a Babilônia, Joaquim, seu filho, ficou em seu lugar (2 Cr 36: 8b). Na primavera, Joaquim também foi levado à Babilônia (2 Cr 36: 9-10; anos mais tarde foi solto do cativeiro: Jr 52: 31-34) por Nabucodonosor que estabeleceu a Matanias (cujo nome mudou para Zedequias), seu tio paterno, como rei (2 Rs 24: 17. Em 2 Cr 36: 10 está escrito sobre outro Zedequias, o irmão, não o tio de Joaquim ou Jeconias). Zedequias também não se humilhou perante o profeta Jeremias, que falava da parte do Senhor. Foi levado ao exílio como os outros antes dele (Jr 39: 5-7).

No início do seu ministério, Jeremias viu uma vara de amendoeira que *simboliza o pronto cumprimento de Deus às Suas promessas* (Jr 1: 12). A amendoeira é uma das primeiras árvores frutíferas a florescer no inverno. Flores brancas ou róseas são uma analogia com as cãs dos idosos (Ec 12: 5). Produtora de óleo, seu fruto era favorito na Palestina. A amêndoa era usada igualmente como presente. Jeremias foi comissionado pelo Senhor para profetizar contra Israel e contra as cidades de Judá que sofriam com a Sua ira por causa da idolatria (tanto do povo, quanto dos profetas e sacerdotes). Há muitas particularidades na personalidade de Jeremias que fizeram dele um profeta singular na sua geração. Era evidente nele a *autoridade de Deus*; entretanto, sua carne lutava contra o Espírito, pois, além de ser chamado muito jovem e de lhe terem sido negadas as aspirações naturais da juventude [por exemplo, em Jr 16: 2, Deus o proibiu de casar * (explicação no final do parágrafo) para que não sofresse com a destruição que viria sobre Judá], suas *emoções eram vívidas*, era *odiado pelos que amava* (a quem era obrigado pelo Senhor a exortar pelo seu pecado: Jr 11: 19, quando planejaram matá-lo). Várias vezes, Jeremias recebeu o consolo de Deus durante as perseguições: Jr 11: 21-22; Jr 15: 11; 15; Jr 15: 18-21; Jr 17: 12-18; Jr 18: 18-23 (nova trama de morte). Por isso, podemos vê-lo muito parecido com Davi, que sofreu inúmeras perseguições, mas conseguiu vencê-las pelo apoio e pelo consolo de Deus. Em Jr 20: 1-13, Pasur, filho do sacerdote, colocou Jeremias no tronco. *Tronco* (Jr 29: 26), no hebraico, mahpekheth, 'pelourinho'; sadh, 'algemas'; çïnôq (tsiynoq), 'um colar', só aparece nos últimos livros do AT. Em Jr 20: 2-3 a palavra usada é mahpekheth, 'pelourinho', 'prisão', 'cepo'. O

tronco era um instrumento de punição composto de duas grandes peças de madeira nas quais eram inseridos os pés da vítima, e algumas vezes também as mãos e o pescoço. Os profetas Jeremias (Jr 20: 2-3) e Hanani (2 Cr 16: 10) foram postos no tronco. No NT, a palavra grega é xulon, 'madeira', 'árvore', 'vara', 'porrete', 'bastão', e foi empregada para descrever o episódio da prisão de Paulo e Silas em Filipos, quando o carcereiro prendeu os pés dos apóstolos no tronco (At 16: 24).

Em Jr 20: 1-3 está escrito: "Pasur, filho do sacerdote Imer *[o principal da décima-sexta turma de sacerdotes (1 Cr 24: 14)],* que era presidente na Casa do Senhor, ouviu a Jeremias profetizando estas coisas *[O mal que o Senhor traria a Jerusalém por todos os seus pecados, em especial, a idolatria].* Então, feriu Pasur ao profeta Jeremias e o meteu no tronco que estava na porta superior de Benjamim, na Casa do Senhor. No dia seguinte, Pasur tirou a Jeremias do tronco. Então, lhe disse Jeremias: O Senhor já não te chama Pasur, e sim Terror-Por-Todos-Os-Lados (Magormissabib ou mâghor missâbhiybh) *[Jeremias também predisse que ele e sua família haviam de morrer no cativeiro de Babilônia]*".

Voltando ao profeta Jeremias:

*Jeremias, ao contrário de Paulo e João Batista, foi um caso de celibato determinado por Deus (Jr 16: 2: "Não tomarás mulher, não terás filhos nem filhas neste lugar"). Para um judeu, que tem a instituição familiar como algo forte e como um sinal da bênção de Deus sobre si, receber a ordem do próprio Criador para não casar deve ter sido um grande fardo sobre Jeremias, quase que uma maldição, mas era necessária esta atitude para poder desempenhar o ministério para o qual foi chamado. Além disso, era uma atitude protetora de Deus em relação ao profeta, pois muitas famílias em Israel seriam destruídas pelo jugo babilônico, inclusive a de Jeremias, e ele também sofreria com isso. Por aí, podemos ver os conflitos existentes na sua personalidade. Por muitos foi chamado 'o profeta chorão'. Talvez, sua solidão e suas carências, além de sua grande responsabilidade, o tenham feito sentir a sensação de viver um grande fardo, ao invés de uma vida prazerosa, apesar das dificuldades inerentes a ela. Para ele, o mundo

deve ter parecido bem hostil. Apenas a força de Deus sobre ele e sobre o seu chamado deve tê-lo feito superar sua missão.

Seus *conflitos internos* decorriam de ver o que não queria e de dizer o que não pretendia. Ele profetizava, via os horrores que sobreviriam sobre o seu povo e se contorcia em dores (Jr 4: 19-21; Jr 20: 8-9). Na verdade ele sentia, assim como Davi, as dores de Deus. Profetizava *contra os falsos profetas* que profetizavam paz e que o Senhor não os destruiria pelo seu pecado, pois não queriam reconhecer seu erro (Jr 14: 14; Jr 23: 9- 40). Podemos sentir a tristeza do profeta (Jr 8: 18; Jr 8: 21-22; Jr 20: 10) pelo engano, calúnia, traição entre irmãos; é como se Deus visse Seus filhos errando e perseverando no pecado. Fala também sobre o futuro exílio. Jeremias pergunta a Deus sobre a perversidade dos homens e é consolado por Ele (Jr 12: 1-6). Chega a amaldiçoar o dia do seu nascimento (Jr 20: 14-18). O pecado da nação era tão grande e a determinação de Deus era tão definitiva em puni-la que Ele rejeita a intercessão de Jeremias por várias vezes (Jr 7: 16; Jr 11: 14; Jr 14: 11; Jr 14: 13-18: título; Jr 14: 19-22: título; Jr 15: 1).

Jeoaquim tinha pouco respeito pela pessoa de Jeremias, que repreendeu o rei por se rebelar contra a Babilônia. Por isso foi perseguido e aprisionado, sofreu conspiração e declarado digno de morte. Suas profecias contra Judá, Jerusalém e as outras nações, em forma escrita (rolo) por ordem do Senhor (Jr 36: 2-6), foram destruídas (Jr 36: 23). Posteriormente, Baruque reescreveu o rolo (Jr 36: 28; 32). Jeremias permaneceu intercedendo por Judá, desmascarando os falsos profetas e predizendo a destruição do templo. Zedequias (Matanias) foi o filho mais novo de Josias e nomeado por Nabucodonosor para o trono de Judá. Por ocasião do cerco de Jerusalém, o profeta foi tão rigorosamente maltratado por seus inimigos que perdeu a esperança na vida. Aprisionado sob acusação de estar se bandeando para o lado do inimigo, foi lançado num calabouço. Removido para uma prisão no pátio da guarda perto do palácio e acusado de traição, foi lançado numa cisterna abandonada pelos príncipes de Judá, onde teria morrido se não fosse a intervenção por parte de Ebede-Meleque, o etíope (Jr 38: 7-13). Por ter feito isso pelo Seu profeta, Deus o poupou da morte nas mãos dos babilônios (Jr 39: 17-18). No pátio da prisão, o rei Zedequias se encontrou secretamente com ele (Jr 37: 17; Jr 38: 14). Durante os últimos estágios do cerco, comprou um terreno do seu primo, em Anatote (Jr 32: 7-9), onde profetizou restauração*. Nabucodonosor tratou o profeta com gentileza (Jr 39: 12; 14) e, quando nomeou Gedalias como governador de Judá, Jeremias se juntou a este em Mispa (Jr 40: 5-6). Gedalias foi assassinado por Ismael, o capitão do exército de Israel (Jr 41: 2), e o povo resolveu fugir para o Egito, contra a vontade de Jeremias (Jr 42: 10-12; 17) que foi compelido a ir com eles (Jr 43: 6-7) junto com Baruque, seu escrevente e copista, para a cidade egípcia de Tafnes. Possivelmente, morreu lá.

* Sobre o campo de Anatote comprado por Jeremias, podemos ler em Jr 32: 6-15: "Disse, pois, Jeremias: Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Eis que Hananel, filho de teu tio Salum, virá a ti, dizendo: Compra o meu campo que está em Anatote, pois a ti, a que pertence o direito de resgate, compete comprá-lo. Veio, pois, a mim, segundo a palavra do Senhor, Hananel, filho de meu tio, ao pátio da guarda e me disse: Compra agora o meu campo que está em Anatote, na terra de Benjamim; porque teu é o direito de posse e de resgate; compra-o. Então, entendi que isso era a palavra do Senhor. Comprei, pois, de Hananel, filho de meu tio, o campo que está em Anatote; e lhe pesei o dinheiro, dezessete siclos de prata. Assinei a escritura, fechei-a com selo, chamei testemunhas e pesei-lhe o dinheiro numa balança. Tomei a escritura da compra, tanto a selada, segundo mandam a lei e os estatutos, como a cópia aberta; dei-a a Baruque, filho de Nerias, filho de Maaséias, na presença de Hananel, filho de meu tio, e perante as

testemunhas, que assinaram a escritura de compra, e na presença de todos os judeus que se assentavam no pátio da guarda. Perante eles dei ordem a Baruque, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Toma esta escritura, esta escritura da compra, tanto a selada como a aberta, e mete-as num vaso de barro, para que se possam conservar por muitos dias; porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra".

Anatote era uma cidade no território de Benjamim que fora dada aos levitas na repartição da terra feita por Josué (Js 21: 18); portanto, era terra de sacerdotes, sendo o próprio Jeremias, profeta e sacerdote de Deus (seu pai Hilquias era sacerdote da descendência de Abiatar, que oficiou no reinado de Davi, e da linhagem de Itamar, irmão de Eleazar, este o primogênito vivo de Arão – 1 Rs 2: 26 cf. Jr 1: 1).

Anatote significa: 'orações respondidas'. Para nós, isso significa que somos reis e sacerdotes e, como tal, precisamos orar de acordo com a palavra de Deus, como faziam os sacerdotes, para que os nossos objetivos sejam alcançados. Anatote é o campo das nossas promessas, onde Deus nos garante a paz, a restauração e a volta do cativeiro. Anatote é o campo onde Ele renova nossa esperança e restaura a nossa fé naquilo que está sendo comprado com choro em tempo de cativeiro. A mensagem que Jeremias pregava era rejeitada por seus compatriotas e isso o entristecia, além de sofrer pelos pecados deles. Isso não apenas o entristecia como o enfraquecia. Mas Deus lhe deu a esperança de um futuro resgate para Israel após o seu arrependimento.

Em relação ao motivo pelo qual Deus fez Jeremias comprar o campo de Anatote que era seu por direito, isso era um ato profético do que aconteceria a Israel depois do exílio na Babilônia, quando poderia ter de volta uma terra que era sua por direito divino; ou poderia se tratar do ano do Jubileu (que acontecia a cada cinqüenta anos), descrito em Lv 25, em especial neste caso, nos versículos 31 a 34: "Mas as casas das aldeias que não têm muro em roda serão estimadas como os campos da terra; para elas haverá resgate, e sairão do poder do comprador no Jubileu. Mas, com respeito às cidades dos levitas, às casas das cidades da sua possessão, terão direito perpétuo de resgate os levitas. Se o levita não resgatar a casa que vendeu, então, a casa comprada na cidade da sua possessão sairá do comprador, no Jubileu; porque as casas das cidades dos levitas são a sua possessão no meio dos filhos de Israel. Mas o campo no arrabalde das suas cidades não se venderá, porque lhes é possessão perpétua".

O profeta diz: "Assinei a escritura, fechei-a com selo, chamei testemunhas e pesei-lhe o dinheiro numa balança. Tomei a escritura da compra, tanto a selada, segundo mandam a lei e os estatutos, como a cópia aberta; dei-a a Baruque, filho de Nerias, filho de Maaséias, na presença de Hananel, filho de meu tio, e perante as testemunhas, que assinaram a escritura de compra, e na presença de todos os judeus que se assentavam no pátio da guarda... Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Toma esta escritura, esta escritura da compra, tanto a selada como a aberta, e mete-as num vaso de barro, para que se possam conservar por muitos dias; porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra" (Jr 32: 10-15).

Naquela época, é provável que em tais vendas entre os judeus, duas cópias da escritura fossem feitas: uma selada para ser mantido pelo comprador, e a outra aberta, para ser mostrado aos juízes, e por eles ratificado. Em outras palavras: uma era a original para uso privado do comprador; e a outra, uma cópia que seria colocada no registro público para qualquer pessoa interessada poder consultar ou recorrer a qualquer ocasião. Isso poderia evitar muita injustiça e contenção. As escrituras de compra foram colocadas em um vaso de barro (um símbolo da natureza de todas as garantias que este mundo pretende nos dar, coisas frágeis e logo quebradas) para que pudessem ser

conservadas por muitos dias, para o uso dos herdeiros de Jeremias depois do retorno do cativeiro, pois eles poderiam ter o benefício desta compra (descendentes dos seus primos, por exemplo). Elas seriam conservadas como sinal da promessa de libertação por parte de Deus.

Como dissemos anteriormente, Anatote significa: 'orações respondidas' e isso quer dizer que quando oramos de acordo com a vontade do Espírito, todas as nossas petições serão ouvidas e respondidas por Deus (1 Jo 5: 14-15: "E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obteremos os pedidos que lhe temos feito"). Jesus, através do Seu sacrifício, já comprou espiritualmente este campo para nós, ou seja, podemos entrar livremente em Sua presença para conseguirmos o que quisermos ("Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" – Hb 4: 16). Mas nós, aqui na terra, em momento de dor, sofrimento e cativeiro, compramos o campo de Anatote; pagamos o preço por ele. Depois, Deus providencia a negociação para que ele retorne a nós, como é nosso direito. A garantia de retorno é a promessa de Deus na Sua palavra, assim como o livramento e a restauração. Em outras palavras, para Jeremias havia uma herança e um resgate, o resgate em tempos de angústia. Há uma herança dada a nós por direito aqui na terra e na Nova Jerusalém.

O selo, mencionado acima significa que, da parte de Deus, temos a garantia da resposta e Sua determinação não será revogada. Também significa: a marca e o domínio do Espírito Santo sobre ela, fazendo-a prevalecer. O vaso de barro somos nós, mais especificamente a nossa alma, onde a fé nos faz crer na resposta, tomando posse (materialmente) do que já nos pertence por direito (já foi liberado no espiritual), ao mesmo tempo em que precisamos esperar até que a promessa se cumpra no mundo natural (por isso a cópia aberta). O que pedimos poderá beneficiar muitas vidas e edificar a nossa através das pessoas que o Senhor trouxer para nos abençoar ("casas, campos e vinhas nesta terra") com toda sorte de bênçãos nas regiões celestiais em Cristo. Quanto mais nos achegarmos ao trono através da oração, maior será a nossa unção e mais rápidas serão as respostas que necessitamos, pois é a nossa perseverança que nos ajuda a tomar posse deste campo que nos pertence.

Jeremias encenava suas profecias, a fim de se tornarem mais vívidas, mais facilmente entendidas e captadas. Em Jr 13: 1-11, Deus o fez colocar um cinto de linho, não molhá-lo, depois enterrá-lo e, mais tarde, tirá-lo da cova onde tinha sido posto para mostrar ao povo que Ele faria apodrecer a soberba de Judá e de Jerusalém. Eles não quiseram se apegar ao Senhor, portanto, apodreceriam (morreriam). Em Jr 18: 1-6, YHWH o manda ir à casa do oleiro para mostrar que Ele é que molda o coração dos homens e vai moldar Seu povo. Em Jr 19: 1-15, vemos o caso da botija quebrada que representa o juízo de Deus sobre as prostituições de Judá e Jerusalém. Em Jr 27: 1-22, Deus fala a ele para colocar sobre si canzis (canzil é cada um dos pares da canga, entre os quais o boi mete o pescoço) e enviá-los igualmente às nações ao redor de Israel como sinal divino de que estariam sob o jugo babilônico. Quem assim o fizesse, seria salvo por Ele. Quem se rebelasse e fugisse, morreria. O profeta Hananias tomou os canzis do pescoço de Jeremias e os quebrou (Jr 28: 10) para não ouvir a verdade pela boca do homem de Deus. Hananias pregava aos israelitas a rebelião contra YHWH a respeito de se entregarem à Babilônia. Como foi profetizado por Jeremias, Hananias morreu naquele mesmo ano (Jr 28: 16-17). Assim como Isaías, Jeremias também faz referência ao Messias (Jr 23: 5-6; Jr 33: 15-16).

Há um comentário interessante sobre os recabitas mencionados por Jeremias no capítulo 35. Os recabitas (Jr 35: 2, 3, 5, 18) pertenciam à tribo dos queneus (1 Cr 2: 55: Hamate, pai da casa de Recabe; 2 Rs 10: 15; Jr 35: 1-19), cujo ancestral era Caim (Gn 4: 16 – habitou em Node, a leste do Éden). Eles seguiram os ensinamentos de Jonadabe, filho de Recabe (século IX AC), como uma forma de reação e protesto contra o luxo e a licenciosidade do reinado de Acabe e Jezabel. Os recabitas rejeitavam a vida civilizada agrícola e fixa. Seguiam a vida nômade, conforme sucedeu a Israel durante o período que andou pelo deserto em fidelidade a Deus. Por quase dois séculos e meio eles cumpriram fielmente as suas normas, mas quando Nabucodonosor invadiu Judá em 605 AC (1ª invasão), eles tiveram, então, que abandonar as suas tendas e morar dentro dos muros de Jerusalém.

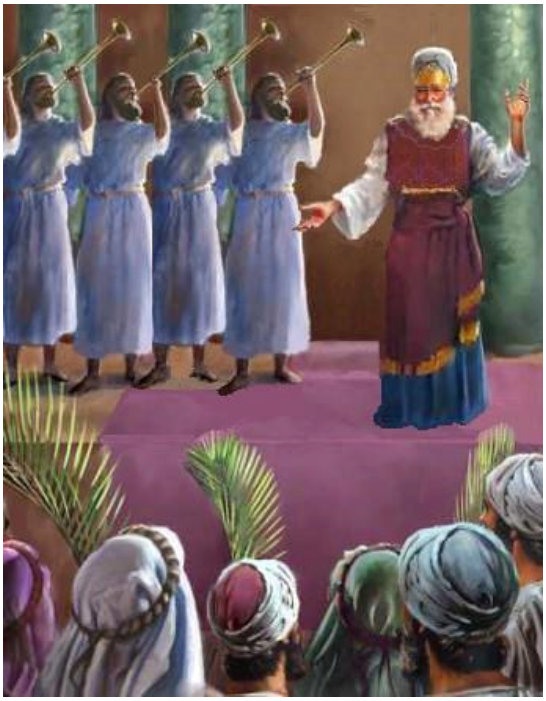
No reinado de Jeoaquim (609-598 AC), Jeremias levou Jazanias ao Templo, juntamente com os seus irmãos e filhos, e lhes ofereceu taças de vinho, tendo eles se recusado a beber, demonstrando assim a fidelidade aos ensinamentos de Jonadabe. Está escrito em Jr 35: 5-7; 10-11: "E pus diante dos filhos da casa dos recabitas taças cheias de vinho e copos e disse-lhes: Bebei vinho. Mas eles disseram: Não beberemos vinho, porque Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai, nos ordenou: Nunca jamais bebereis vinho, nem vós nem vossos filhos; não edificareis casa, não fareis sementeiras, não plantareis, nem possuireis vinha alguma; mas habitareis em tendas todos os vossos dias, para que vivais muitos dias sobre a terra em que viveis peregrinando... Mas habitamos em tendas, e, assim, obedecemos, e tudo fizemos segundo nos ordenou Jonadabe, nosso pai. Quando, porém, Nabucodonosor, rei da Babilônia, subia a esta terra, dissemos: Vinde, e refugiemo-nos em Jerusalém, por causa do exército dos caldeus e dos siros; e assim ficamos em Jerusalém".

O profeta Jeremias foi enviado aos recabitas pelo Senhor como um sinal aos homens de Judá e aos moradores de Jerusalém, para que eles soubessem o que Ele esperava deles em relação aos atos de idolatria que praticavam e da sua rebeldia à voz dos profetas que Ele havia enviado. Os recabitas obedeciam aos mandamentos os seus ancestrais há séculos, mas os judeus não deram ouvidos às palavras de advertência do Senhor até aquele momento. Por isso, seriam entregues nas mãos dos caldeus, enquanto os recabitas seriam poupados.

Trazendo a experiência de Jeremias para os nossos dias, podemos aprender três coisas básicas: *lealdade à missão, negação do eu e administrar o conflito entre carne e Espírito.* Jeremias foi um ser que viveu um grande conflito, pois teve que aprender a *negar a si mesmo* em prol da causa divina, deixando de lado os desejos e as aspirações normais da sua alma para poder desempenhar a difícil missão de revelar a um povo o seu pecado e exortá-lo a voltar para YHWH. Enfrentou grandes oposições e rejeições, principalmente por aqueles a quem ele amava, mas não estavam andando no caminho correto. Como Davi, que muitas vezes sofreu perseguições e conspirações por se colocar do lado da justiça contra o pecado e a hipocrisia, dando mais valor à aprovação de Deus, Jeremias, igualmente, teve que superar todas essas provas para poder ter sucesso. Do ponto de vista humano sua vida foi um fracasso, entretanto, do ponto de vista divino o profeta foi um instrumento santo e ungido, com vitória completa naquilo para que foi designado. Assim, o homem de Deus, mesmo sofrendo oposições e rejeições, se entristecendo com o que vê de errado e tendo que negar a si mesmo em favor dos projetos do Senhor, deve permanecer firme no seu caminho, tendo a certeza do Seu consolo e da Sua aprovação sobre si. Começa a entender a verdade da sua vida e o valor da entrega verdadeira nas mãos do Senhor, o que traz paz e põe um fim ao conflito interior entre sua carne e o Espírito. A visão espiritual mais elevada das circunstâncias e as vitórias que foram conquistadas por si só lhe revelam a grandiosidade do que está no

seu interior e a intimidade que passa a ter com o Altíssimo, o que começa a supri-lo naquilo que não pôde ter material ou emocionalmente. Ele começa a se sentir importante e deixa de lado os valores humanos que buscam uma falsa auto-estima, para encontrar a auto-estima e a identidade verdadeiras forjadas pelo próprio Deus. Nada mais o amedronta, pelo contrário, as provas passam a ser vistas como mais um desafio que gerará crescimento, vitória e conhecimento do seu Criador. Sua *cruz* não mais tem o fardo da obrigação ou da punição e, sim, o sabor da vida e da ressurreição.

> "O profeta que tem sonho conte-o como apenas um sonho; mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? – diz o Senhor. Não é a minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?" (Jr 23: 28-29).



Ezequiel

Esperança / Incentivo / Juízo de Deus sobre o pecado

“Eia, pois, vai aos do cativeiro, aos filhos do teu povo, e, quer ouçam, quer deixem de ouvir, fala com eles, e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus” (Ez 3: 11).

“A ti, pois, filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel; tu, pois, ouvirás a palavra da minha boca e lhe darás aviso da minha parte” (Ez 33: 7).

Ezequiel

A História fala sobre três etapas do exílio de Judá: 605, 597, 586 AC.

Ezequiel, o sacerdote, foi levado cativo para Babilônia. Seu nome provém do hebraico *Yehezqe'l ou Jeezquel*, *Deus fortalece*. Filho de Buzi, Ezequiel foi deportado para a Babilônia em 597 AC (Ez 1: 1-2; 2 Cr 36: 9-10; 2 Rs 24: 14-17 – exílio de Joaquim ou Jeconias, rei de Judá) e se estabeleceu na vila de Tel-Abibe perto do rio Quebar. Cinco anos mais tarde recebeu sua chamada como profeta (Ez 1: 2), provavelmente com trinta anos de idade (Ez 1: 1). Em Quebar começaram suas visões proféticas para os que estavam com ele no exílio, tentando reanimá-los, dizendo que Deus os levaria de volta à sua terra. Temas principais do livro:

1) Advertências do juízo vindouro sobre Jerusalém por causa do seu pecado (a terceira etapa do exílio, e a mais devastadora).

2) Promessas de juízo sobre outras nações.

3) Palavras de esperança para o futuro de Israel.

4) Visão do novo templo e do país restaurado.

Segundo a bíblia, sua esposa morreu subitamente no dia que Nabucodonosor investiu contra Jerusalém (Ez 24: 1-2; 15-18; 21-24; 2 Rs 25: 1-2), ou seja, sitiou a cidade: 10º dia do 10º mês (Tebete – Dezembro-Janeiro) do 9º ano do reinado do rei Zedequias. O estado de sítio durou mais ou menos 1 ano e meio (2 Rs 25: 2-3). No 9º dia do 4º mês (Tamuz – Junho-Julho) do 11º ano do reinado do rei Zedequias, ela foi arrombada e o rei foi levado cativo (2 Rs 25: 3-4; Jr 39: 2-7; Jr 52: 4-12). No 7º dia do 5º mês ('Abh – Julho-Agosto) do 19º ano de Nabucodonosor (586 AC – 2 Rs 25: 8 – 1 mês depois do exílio de Zedequias) Jerusalém foi completamente arrasada, incluindo o templo do Deus de Israel. A morte da esposa de Ezequiel foi também um sinal de Deus para o povo, que não deveria se lamentar ou prantear o exílio, mas se conformar com a decisão do Senhor. Não há menção de filhos.

O primeiro retorno dos exilados a Jerusalém só se deu em 538 AC.

Uma das primeiras visões de Ezequiel foi a dos quatro querubins e da glória de Deus, que tornou claro o seu chamado como profeta (Ez 1 a 3):
https://www.searaagape.com.br/avisaodeezequiel_querubinscomfacesdeanimais.html

Da mesma forma que com Jeremias, Deus usou algumas vezes com Ezequiel a dramatização, para o aprendizado ser entendido como um sinal do que Ele estava fazendo ou viria a fazer ao Seu povo. Uma delas é o tijolo (Ez 4: 1-17), simbolizando o cerco de Jerusalém; outra foi o da espada (Ez 5: 1-4), representando o destino da nação: uns morreriam pela fome ou queimados na cidade que seria tomada pelos babilônios, outros seriam mortos à espada, outros seriam espalhados entre as nações; destes, uns seriam poupados, outros seriam mortos longe de sua pátria.

Antes de falarmos sobre os quatro temas principais do seu livro, vamos voltar ao parágrafo acima, pois se trata de uma das suas encenações mais dramáticas, ou seja, o tijolo como símbolo do cerco de Jerusalém pelos babilônios. A História fala das três etapas do exílio de Israel: 605; 597; 586 AC; e marca o ano de 538 AC como o final do exílio na Babilônia. Ezequiel foi deportado para lá em 597 AC. Vamos começar com o texto bíblico de Ez 4: 1-17 (ARA):

[1] Tu, pois, ó filho do homem, toma um tijolo, põe-no diante de ti e grava nele a cidade de Jerusalém.

[2] Põe cerco contra ela, edifica contra ela fortificações, levanta contra ela tranqueiras e põe contra ela arraiais e aríetes em redor.

[3] Toma também uma assadeira de ferro e põe-na por muro de ferro entre ti e a cidade; dirige para ela o rosto, e assim será cercada, e a cercarás; isto servirá de sinal para a casa de Israel.
[4] Deita-te também sobre o teu lado esquerdo e põe a iniqüidade da casa de Israel sobre ele; conforme o número dos dias que te deitares sobre ele, levarás sobre ti a iniqüidade dela [NVI: Deite-se então sobre o seu lado esquerdo e sobre você ponha a iniqüidade da nação de Israel. Você terá que carregar a iniqüidade dela durante o número de dias em que estiver deitado sobre o lado esquerdo].
[5] Porque eu te dei os anos da sua iniqüidade, segundo o número dos dias, trezentos e noventa dias; e levarás sobre ti a iniqüidade da casa de Israel [NVI: Determinei que o número de dias seja equivalente ao número de anos da iniqüidade dela, ou seja, durante trezentos e noventa dias você carregará a iniqüidade da nação de Israel].
[6] Quando tiveres cumprido estes dias, deitar-te-ás sobre o teu lado direito e levarás sobre ti a iniqüidade da casa de Judá.
[7] Quarenta dias te dei, cada dia por um ano. Voltarás, pois, o rosto para o cerco de Jerusalém, com o teu braço descoberto, e profetizarás contra ela [NVI: durante quarenta dias, tempo que eu determinei para você, um dia para cada ano. Olhe para o cerco de Jerusalém e, com braço desnudo, profetize contra ela].
[8] Eis que te prenderei com cordas; assim não te voltarás de um lado para o outro, até que cumpras os dias do teu cerco [NVI: Vou amarrá-lo com cordas para que você não possa virar-se enquanto não cumprir os dias da sua aflição].
[9] Toma trigo e cevada, favas e lentilhas [NVI: trigo e cevada, feijão e lentilha, painço e espelta], mete-os numa vasilha e faze deles pão; segundo o número dos dias que te deitares sobre o teu lado, trezentos e noventa dias, comerás dele.
[10] A tua comida será por peso, vinte siclos por dia; de tempo em tempo, a comerás [NVI: Pese duzentos e quarenta gramas do pão por dia e coma-o em horas determinadas]
[11] Também beberás a água por medida, a sexta parte de um him; de tempo em tempo, a beberás [NVI: Também meça meio litro de água e beba-a em horas determinadas].
[12] O que comeres será como bolos de cevada; cozê-lo-ás sobre esterco de homem, à vista do povo [NVI: Coma o pão como você comeria um bolo de cevada; asse-o à vista do povo, usando fezes humanas como combustível].
[13] Disse o Senhor: Assim comerão os filhos de Israel o seu pão imundo, entre as nações para onde os lançarei.
[14] Então, disse eu: ah! Senhor Deus! Eis que a minha alma não foi contaminada, pois, desde a minha mocidade até agora, nunca comi animal morto de si mesmo nem dilacerado por feras, nem carne abominável entrou na minha boca.
[15] Então, ele me disse: Dei-te esterco de vacas, em lugar de esterco humano; sobre ele prepararás o teu pão [NVI: "Está bem", disse ele, "deixarei que você asse o seu pão em cima de esterco de vaca, e não em cima de fezes humanas"].
[16] Disse-me ainda: Filho do homem, eis que eu tirarei o sustento de pão em Jerusalém; comerão o pão por peso e, com ansiedade, beberão a água por medida e com espanto [NVI: E acrescentou: Filho do homem, cortarei o suprimento de comida em Jerusalém. O povo comerá com ansiedade comida racionada e beberá com desespero água racionada];
[17] porque lhes faltará o pão e a água, espantar-se-ão uns com os outros e se consumirão nas suas iniqüidades [NVI: pois haverá falta de comida e de água. Ficarão chocados com a aparência uns aos outros, e definharão por causa de sua iniqüidade].

Ez 4: 1-8 fala sobre o tijolo, as fortificações, tranqueiras, arraiais e aríetes ao seu redor, assim como a assadeira de ferro como um muro de ferro entre o profeta e a

cidade; era dessa forma que Jerusalém seria cercada; isto serviria de sinal para a casa de Israel. Para nós, o muro de ferro representa a separação entre Deus e Seu povo, por causa dos seus pecados e do endurecimento do seu coração.

O profeta estaria 390 dias deitado sobre o lado esquerdo simbolizando os 390 anos de pecado da casa de Israel; depois, Ezequiel se deitaria por 40 dias sobre o lado direito, simbolizando os 40 anos de pecado da casa de Judá. Difícil precisar as datas exatas como base para a contagem desses anos. Muitas hipóteses foram feitas, mas não são satisfatórias nem coerentes para Israel e Judá. As cordas ao redor do profeta (v. 8) simbolizavam o cerco de Jerusalém (coincidindo com alguns anos do período de exercício profético de Jeremias [626-585 AC], quando Jerusalém ficou sitiada por 2 anos por Nabucodonosor – Jr 39: 1-2).

Ez 4: 9-17 pode ser resumido em poucas palavras: o pão da ira de Deus e o período de fome passado por Jerusalém durante o cerco babilônico de dois anos (Jr 39: 1-2). O versículo 9 fala sobre os ingredientes usados no preparo do pão: trigo, cevada, favas e lentilhas [NVI: trigo e cevada, feijão e lentilha, painço (uma gramínea [capim] cujas espigas servem de alimento) e espelta (uma espécie de trigo de qualidade inferior)]. Isso significa que haveria um período de fome tão grande que seria uma alegria comer qualquer coisa, como grãos e até gramíneas.

Na NVI o v.12 diz: 'Coma o pão como você comeria um bolo de cevada; asse-o à vista do povo, usando fezes humanas como combustível', simbolizando o pão imundo que os israelitas comeriam diante das nações para as quais o Senhor os lançaria. Como Ezequiel era um sacerdote, ele argumentou com o Senhor sobre as fezes humanas, pois jamais tinha colocado alguma coisa impura na boca. Então, o Senhor disse que o pão do profeta seria preparado (assado) sobre esterco de vacas (v. 15). Como eles nunca tiveram o suficiente com o que fazer um pão, eles o comiam como bolos de cevada, uma porção pequena.

O profeta o comeria durante os 390 dias em que se deitaria sobre o seu lado esquerdo pela casa de Israel. E no v.13 o Senhor mesmo é quem diz: "Assim comerão os filhos de Israel o seu pão imundo, entre as nações para onde os lançarei". O 'pão imundo' seria uma forma de dizer que já que eles rejeitaram o pão espiritual vindo de Deus, assim como o pão material como um sinal de Sua bênção pela fidelidade deles e tiveram prazer na idolatria se alimentando de comida consagrada a ídolos, então eles comeriam o imundo, e isso seria vergonha para eles diante das nações, até porque não fizeram distinção entre o alimento dos judeus e dos gentios.

Os versículos 10-11 dizem que Ezequiel deveria comer 20 siclos (equivale a 240 gr.) do pão e beber a sexta parte de um him de água (500-600 ml de água) por dia. Isso significava que assim como o profeta comeria e beberia com escassez, o povo também comeria e beberia pouco, com ansiedade devido à angústia do cerco (vs. 16-17 – cf. Ez 12: 18-20). Como foi dito acima, Nabucodonosor sitiou Jerusalém por dois anos até invadi-la por completo e queimá-la.

Como falamos no início, um dos teores das profecias de Ezequiel era a advertência do juízo de Deus sobre uma nação rebelde e idólatra. Por ser sacerdote, Ele lhe mostrou claramente as abominações dentro de Sua Casa pelos sacerdotes; o profeta sofreu ao ter a visão da destruição e da abominação no templo. Deus também lhe mostrou Seu juízo contra os príncipes de Judá, que viviam de falsas profecias e aconselhavam erradamente o povo, levando-o à idolatria (Ez 11: 1-13). Outra dramatização feita pelo profeta foi quando preparou a bagagem do exílio e saiu do meio do povo para outro lugar por ordem do Senhor. Isso ilustrava o que acontecera com eles e que ainda aconteceria com o resto que havia ficado em Jerusalém (Ez 12: 11-15). Ezequiel deixava bem claro a Israel que sua rebeldia o impedia de entender a palavra do Senhor, por isso não criam

que as profecias se cumpririam. Entretanto, Deus afirma que elas seriam todas cumpridas e não seriam retardadas (Ez 12: 25-28), diferenciando-as das falsas profecias que eles ouviam. Aliás, o ataque de Ezequiel aos falsos profetas era tão intenso quanto o de Jeremias (Ez 13: 3; Ez 13: 6-9; 16), assim como em relação às falsas profetisas (Ez 13: 17-23; principalmente vs. 21-23). Deus mesmo faria cessar suas falsas visões. O castigo contra a idolatria já tinha sido decretado por Deus (Ez 14: 6-8; Ez 14: 16; Ez 14: 21-22), tanto para os profetas quanto para os sacerdotes, os príncipes e o povo. Em Ez 18: 1-32, YHWH deixa claro que a responsabilidade é pessoal, que Ele respeita o livre-arbítrio dos Seus filhos e que cada um deles vai trazer à sua vida o que praticar; além disso, termina se revelando aos Seus escolhidos, dizendo que não tem prazer na morte de ninguém, mas o que está acontecendo com eles é Sua disciplina, para trazê-los de volta à bem-aventurança e à comunhão com Ele. Sua *santa indignação* contra o comportamento idólatra de Israel e Judá é comparada à indignação de um marido traído pela esposa adúltera (Ez 23: 1-49; Ez 16: 1-63); Sua vingança é certa.

O segundo tópico falado no início deixa clara a punição divina sobre as demais nações ao redor de Israel (Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro e Egito – Ez 25–29), não apenas pela sua iniqüidade particular, por serem nações visivelmente pecaminosas, mas, principalmente, porque se alegraram com o exílio do povo escolhido e com a profanação do templo do Senhor. Quando Ezequiel fala de Tiro, deixa-nos a impressão de transmitir algo mais, como que falando da queda do próprio Satanás (Ez 28: 11-19), que ocorreu no passado, ou da sua nova queda na próxima vinda de Jesus. Como aconteceu com Jeremias, Ezequiel também foi desprezado pelo povo (Ez 33: 30-33), que não dava valor às suas profecias e não as colocava em prática.

Deus reforça para Ezequiel as responsabilidades do verdadeiro *atalaia* (Ez 33: 1-20 – "A ti, pois, ó filho do homem, te constituí por atalaia sobre a casa de Israel: tu, pois, ouvirás a palavra da minha boca e lhe darás aviso da minha parte" – Ez 33: 7; Ez 3: 16-27) e profetiza também contra os pastores infiéis de Israel (Ez 34: 1-10), dizendo que Ele mesmo cuidará do Seu rebanho (Ez 34: 11-31). Alusões ao Messias podem ser vistas em Ez 34: 23; Ez 37: 24; Ez 17: 22-24.

A terceira característica das profecias de Ezequiel diz respeito à restauração da nação após o exílio (Ez 36: 24-28) e que, como um exército de ossos secos, serão ressuscitados (Ez 37: 1-14 – "A visão de um vale de ossos secos"); a nação deixará de ser duas (Israel e Judá), como foi até aquele momento, e voltará a ser unida como nos tempos de Davi (Ez 37: 15-28). Podemos extrapolar esta profecia para a primeira vinda de Jesus, quando Judá e Israel estarão unidos debaixo do Seu amor:

Ez 34: 23: "Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi (= Jesus) é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor".

Ez 34: 24: "Eu, o Senhor, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi (= Jesus) será príncipe no meio delas; eu, o Senhor, o disse".

Ez 37: 22: "Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e um só rei será rei (= Jesus) de todos eles. Nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos".

Ez 37: 24: "O meu servo Davi (= Jesus) reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão".

Completando as profecias sobre a restauração da nação, Deus dá a Ezequiel a visão do novo templo (Ez 40–44), assim como reforça os deveres dos sacerdotes (restauração do sacerdócio Levítico) e das leis mosaicas (Ez 45–48). O templo visto por Ezequiel jamais foi erguido; o templo de Esdras, após o retorno dos exilados à pátria, tinha uma aparência bem mais simples e foi uma tentativa de reconstruir o padrão do de Salomão. Entretanto, erigido ou não, o templo de Ezequiel dava ao povo uma nova esperança de

voltar a se sentir o povo escolhido. Talvez as dimensões e a aparência do templo e da Cidade de Davi a ser reconstruída, mostrados em visão ao profeta, sejam uma alusão à nova Jerusalém (Ap 21: 12-13; Ez 48: 30-38).

Em Ez 47: 1-12, podemos ter a certeza do derramar do Espírito e da Sua unção (simbolizadas pelas águas cada vez mais abundantes sobre o profeta – v. 3-5) para renovar muitas vidas (v. 7-10; 12), bem como o projeto de Deus para os que se arrependerem e se voltarem a Ele. Vamos ler o texto:

[1] Depois disto, o homem me fez voltar à entrada do templo, e eis que saíam águas de debaixo do limiar do templo, para o oriente; porque a face da casa dava para o oriente, e as águas vinham de baixo, do lado direito da casa, do lado sul do altar.
[2] Ele me levou pela porta do norte e me fez dar uma volta por fora, até à porta exterior, que olha para o oriente; e eis que corriam as águas ao lado direito.
[3] Saiu aquele homem para o oriente, tendo na mão um cordel de medir; mediu mil côvados e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos tornozelos.
[4] Mediu mais mil e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos joelhos; mediu mais mil e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos lombos.
[5] Mediu ainda outros mil, e era já um rio que eu não podia atravessar, porque as águas tinham crescido, águas que se deviam passar a nado, rio pelo qual não se podia passar.
[6] E me disse: Viste isto, filho do homem? Então, me levou e me tornou a trazer à margem do rio.
[7] Tendo eu voltado, eis que à margem do rio havia grande abundância de árvores, de um e de outro lado.
[8] Então, me disse: Estas águas saem para a região oriental, e descem à campina, e entram no mar Morto, cujas águas ficarão saudáveis.
[9] Toda criatura vivente que vive em enxames viverá por onde quer que passe este rio, e haverá muitíssimo peixe, e, aonde chegarem estas águas, tornarão saudáveis as do mar, e tudo viverá por onde quer que passe este rio.
[10] Junto a ele se acharão pescadores; desde En-Gedi até En-Eglaim haverá lugar para se estenderem redes; o seu peixe, segundo as suas espécies, será como o peixe do mar Grande, em multidão excessiva.
[11] Mas os seus charcos e os seus pântanos não serão feitos saudáveis; serão deixados para o sal.
[12] Junto ao rio, às ribanceiras, de um e de outro lado, nascerá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto; nos seus meses, produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; o seu fruto servirá de alimento, e a sua folha, de remédio.

En-Gedi (Ein Gedi, 'en-gedhï, fonte da cabra' ou 'fonte do cabrito') é um oásis de água fresca a oeste do Mar Morto, no deserto da Judéia. A fertilidade dessa área, em meio a uma região tão estéril, tornava-a local ideal para os fora-da-lei, para encontrar alimento (Ct 1: 14) e como lugar de esconderijo (Davi, por exemplo: 1 Sm 23: 29; 1 Sm 24: 1-3). Seu antigo nome era Hazazom-Tamar, 'fendas das palmeiras' (Gn 14: 7; 2 Cr 20: 2), porque era banhada por uma quente e constante corrente, e foi outrora célebre pelas suas palmeiras e vinhas (Ct 1: 14). En-Gedi (Js 15: 62; Ct 1: 14; Ez 47: 10) é a moderna Ain Jidi, ao ocidente do mar Morto, e a meio caminho entre as extremidades norte e sul. No deserto, atrás do desfiladeiro, há inumeráveis cavernas, nas quais se refugiaram Davi e os seus companheiros. Por En-Gedi passava a estrada que os Moabitas e Amonitas seguiram quando foram atacar Josafá (2 Cr 20: 1-2). A fonte ainda existe, surgindo uma fina nascente de água numa espécie de terraço e vai formando uma corrente que vem pelo monte, de uma altura de cento e vinte metros acima do nível do

mar Morto, onde deságua. Ali começava uma escarpa íngreme, ‘a ladeira de Ziz’ (2 Cr 20: 16), que parece ter sido o atual desfiladeiro que é ainda atravessado.

A cascata de Davi em En-Gedi, Israel

A cascata da Sulamita em En-Gedi, Israel

O Parque Nacional de Ein Gedi foi fundado em 1972 e é uma das mais importantes reservas naturais de Israel. Ele tem dois ribeiros principais alimentados por nascentes

que correm durante todo o ano: Nachal David (o ribeiro de David) e Nachal Arugot (o ribeiro de Arugot). Também há outras duas nascentes que correm na reserva: a Shulamit (a cascata da Sulamita) e a cascata de Ein Gedi. O ribeiro (wadi) de Arugot corre de oeste para leste na Cisjordânia, com 31 km de comprimento. Ele deságua no Mar Morto ao sul de Ein Gedi. As três seções do wadi são chamadas de Wadi el-Jihar, Wadi el-Ghar e Wadi Areijeh em árabe. Arugot, em hebraico, é o plural de Arugah, que significa 'terraço ou canteiro no jardim', e deriva do árabe, Areijeh. Ghar significa 'caverna'.

A cascata de Arugot em En-Gedi, Israel

En-Eglaim ('ên-'eghlayim, 'fonte das duas novilhas' ou 'fonte dos dois bezerros') é um local mencionado em uma visão do profeta Ezequiel. De acordo com sua visão, o Mar Morto (um lago salgado no qual os peixes não podem viver) seria um dia cheio de água doce e os pescadores lançariam suas redes 'de En-Gedi a En-Eglaim'. De acordo com Thomas Kelly Cheyne (1899), uma teoria provável seria que o lugar referido é perto de onde o Rio Jordão se esvazia no Mar Morto, resultando em peixes de água doce sendo arrastados para o Mar Morto e morrendo do conteúdo de sal excessivo. Cheyne sugeriu Ain Hajleh (Ain Hajlah) como uma possível localização, pensando que o hebraico Eglaim poderia ser uma versão posterior em um texto que originalmente se lê 'Hoglah', como no nome de lugar 'Beth-Hoglah'. O local exato ainda não foi identificado, embora as propostas incluam Ain Hajlah, Ain Al-Fashka (Ein Feshkha) e Eglaim ('eghlayim, Is 15: 8, uma aldeia em Moabe).

Beth-Hoglah (ou Ain Hajlah) ficava no território de Benjamim, na fronteira com Judá. Ain Hajlah ou Ein Hajla significa 'Fonte da Perdiz'.

Ein Feshkha (hebraico: עינות צוקים, Einot Tzukim; lit. 'as fontes do penhasco') ou Ain Al-Fashka é uma reserva natural e sítio arqueológico de 2.500 hectares na costa noroeste do Mar Morto, cerca de 3 km ao sul de Qumran na Cisjordânia e 30 km ao

norte de En-Gedi. Ain Al-Fashka está localizado ao norte de Râs Feshkhah, o 'promontório de Feshkhah'. Dentro da reserva está um grupo de nascentes de água salobra. A reserva natural é composta por um trecho aberto com piscinas de água mineral para banhos, rodeadas de folhagem alta e um trecho fechado à visitação para proteção da fauna e flora nativas (fonte: wikipedia.org).

Possível localização de En-Eglaim

Muitas pessoas lêem este texto de Ezequiel, bem como muitas profecias do AT, buscando seu cumprimento de maneira física, material e palpável; entretanto, se esquecem que esta é uma das profecias que já foram cumpridas da parte de Deus na presença de Jesus, especialmente quando vinha a Jerusalém para ensinar ou curar. Ele era o templo de Deus com os homens e as águas que fluíam dele era o Espírito Santo. Ezequiel diz que o templo estava voltado para o oriente e as águas fluíam do sul da casa: "Depois disto, o homem me fez voltar à entrada do templo, e eis que saíam águas de debaixo do limiar do templo, para o oriente; porque a face da casa dava para o oriente, e as águas vinham de baixo, do lado direito da casa, do lado sul do altar" (v.1). Na NTLH está escrito: "O homem me levou de volta até a entrada do Templo. Debaixo da entrada, saía água que corria na direção do leste, pois o Templo dava frente para esse lado. A água corria por baixo do lado sul do Templo, ao sul do altar".

Jesus estava sempre voltado às coisas espirituais ('a face da casa dava para o oriente' – ARA), pois Sua missão era espiritual. O oriente simboliza o mundo espiritual, as coisas espirituais. No AT, a crença era que Deus entrava no templo sempre pelo lado do oriente (Ez 43: 1-2; 4; Ez 44: 2). Ezequiel também diz que as águas vinham de baixo, do lado direito da casa, do lado sul do altar, e fluíam na direção leste.

O sul representa a nossa própria vida, nossa humanidade e imperfeição, em confronto com a majestade e plenitude de Deus, ou seja, o norte (o norte, na bíblia, significa: o trono de Deus, o que norteia nossa vida, Sua palavra e Sua vida plena para nós). Então, Jesus encarnado recebia a unção do Espírito e a deixava fluir livremente, sem medo de se esgotar, pois Ele sabia que, como um ser humano igual a nós, ela não vinha dele, e sim de quem era maior e estava no alto, o Pai. E deixava fluir essa vida e essa cura para os que sofriam as tribulações na terra, na vida natural, porém, não conseguiam alcançar os favores de Deus pela sua própria força de vontade ou piedade, nem por qualquer sacrifício ('altar'); apenas o Seu sacrifício, feito definitivamente por nós, abriria a porta para o trono de Deus (norte). O altar de que o profeta fala é o altar de bronze ou o altar do holocausto, onde se sacrificavam os animais como propiciação pelos pecados.

Então, ele prossegue dizendo: "Estas águas saem para a região oriental, e descem à campina, e entram no mar Morto, cujas águas ficarão saudáveis" (v.8). Elas fluíam para o sul pela região árida e rochosa entre Jerusalém e o mar Morto, ao longo do vale do Jordão, até o mar Morto.

O mar Morto é a porção de água com maior concentração salina no mundo (aproximadamente 25% de sal) e atualmente não pode sustentar a vida de nenhuma espécie de animal aquático. Ele é o ponto de mais baixa altitude no planeta (450 m abaixo do nível do mar), e tem 450 m de profundidade. Sua evaporação chega a matar os pássaros que o sobrevoam. Ele recebe as águas do Jordão, mas não tem saída para as mesmas.

O profeta estava falando que este mar que estava morto mostraria vida de todas as espécies nas suas águas e nas suas margens (peixes e vegetação), desde En-Gedi até En-Eglaim. A quantidade de peixes seria grande, e a vegetação seria sempre produtiva (v.12) por causa desse rio cujas águas saem do santuário (v.1). Portanto, as águas do Mar Morto seriam saudáveis (v.8-9) e propícias a todas as formas de vida. Mas os pântanos seriam deixados para o sal, não se tornariam saudáveis (v.11). As águas cada vez mais abundantes sobre o profeta (v.3-5) simbolizam o Espírito Santo e sua unção cada vez maior sobre ele, e elas saíam do templo para renovar muitas vidas (v. 7-10; 12). A água viva de Deus (cf. Jo 7: 37-39, onde o evangelista escreve: "como diz a Escritura") tem poder para restaurar e ressuscitar a vida.

Em outras palavras, o Espírito Santo se assemelha a um rio de águas que fluem do trono de Deus para todo aquele que crer em Jesus, e esse rio tem poder de renovar, restaurar e ressuscitar a vida, mesmo em lugares desérticos e secos ou em um mar morto, como é o Mar Morto em Israel. Peixes podem simbolizar aqui as almas vivificadas pela palavra de Deus; 'toda sorte de árvore que dá fruto' podem simbolizar os filhos de Deus, que frutificam pela presença das águas do Espírito Santo, e os frutos que eles dão para o reino de Deus são contínuos (o ano inteiro) e servem de alimento para as almas famintas; e suas folhas provêem cura para os necessitados e doentes pelos seus pecados.

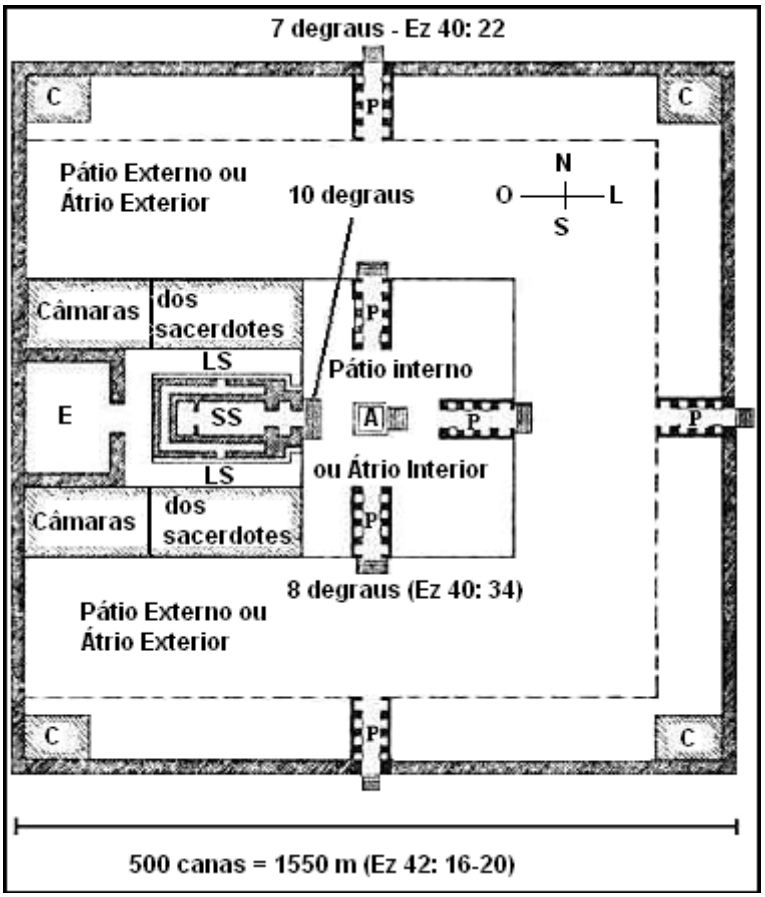
Nós podemos ver que o rio (v. 9) é suficiente para todas as criaturas ao mesmo tempo, o que significa que o Senhor não limita Sua bênção nem Sua unção sobre quem quer que O busque e beba de Sua palavra de vida. É interessante o uso do adjetivo 'saudáveis' em referência a tudo que é alcançado e dessedentado pelas águas que fluem do santuário, pois quando não existe água não existe vida nem saúde, tudo morre e tudo seca; todas as criaturas e plantas perecem. Assim é um coração que rejeita a palavra de Deus, Seu espírito e Seu ensino e que se apega apenas às coisas terrenas e pequenas: é doente, seco, endurecido, frio, sem ter nada de bom para dar a ninguém, enfim, morto. Não sorri, não vê beleza em nada, não tem mais motivação para viver.

O Espírito Santo é um presente dado por Deus a todos os que aceitam o senhorio de Jesus e desejam um motivo para estarem na terra, que desejam servi-lo e multiplicar o que recebem dele. Assim, tanto para as pessoas que crêem em Deus, mas ainda não confessaram Jesus como Senhor de suas vidas, quanto para aquelas que já têm uma comunhão mais profunda com Ele, mas precisam mais da Sua força, o Espírito Santo se torna uma bênção disponível da parte de Deus. Porém, para os que O rejeitam e para os que se rebelam contra Ele, a única coisa que lhes sobra é a esterilidade, 'o sal', que, quando em excesso, desidrata e remove a vida ("Mas os seus charcos e os seus pântanos não serão feitos saudáveis; serão deixados para o sal" – 11).

Receba essa mensagem do Senhor:

"Meu Espírito é água pura e cristalina que flui do meu coração para o teu, te levando sempre para frente, irrigando as terras secas e vivificando os peixes que vivem dela. Minha palavra é água que refrigera e cura, que renova e restaura. Nada pode impedir o seu fluir na tua vida. Abre a tua boca com fé e segurança, pois eu a encherei e tu me glorificarás; assim tu verás que ela jamais te faltará. Busca a cada dia o entendimento, a sabedoria e a revelação do meu Espírito e, quando leres a minha

palavra, ela será viva para ti. Tenho desejado te falar, tenho coisas novas a te revelar, tenho tesouros a te mostrar, tenho bênçãos a derramar sobre teu ser, pois te fiz um vaso de honra para ser luz para os cegos, refrigério para os aflitos e desesperançados e instrumento de libertação para os cativos; também para levar a alegria e a paz, para exortar, confortar e ensinar. Quando fazes isso por outros, quando fazes pelos meus pequeninos, tu recebes unção dobrada. Eu sou teu galardão e tua herança".



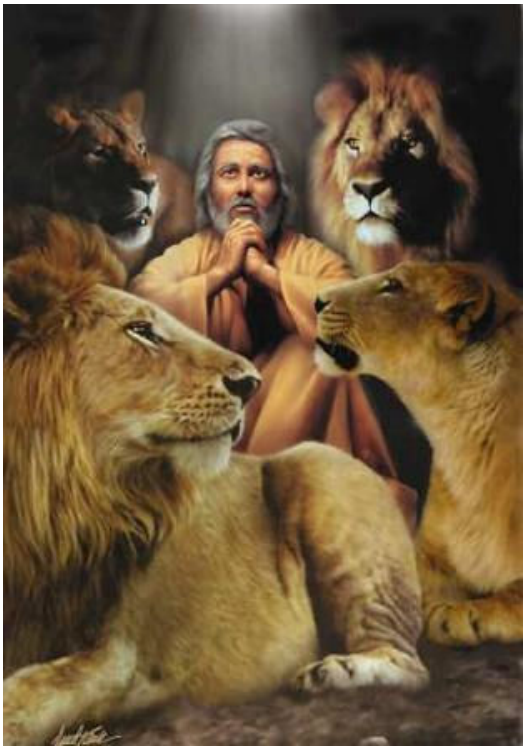
Plano do templo de Ezequiel (Ez 40; 41 e 42):
A = altar
E = edifício mencionado em Ez 41: 12
P = portas
C = cozinhas
SS = santuário (Lugar Santo e o Santo dos Santos)
LS = lugar separado; 'área separada' (ARA) ou 'pátio do templo' (NIV – Ez 42: 13)
Câmaras dos sacerdotes – 3 andares
Ez 40: 5; Ez 43: 13: côvado (1 côvado e 4 dedos) = 51,8 cm; cana = 3,11 metros

Os exilados na Babilônia foram reanimados em sua tristeza (Sl 137) com a visão de um novo templo (Ez 40–43), que foi concedida a Ezequiel (572 AC – Ez 40: 1). Nunca foi edificado. O segundo templo, o de Esdras (templo reconstruído em 536 AC), foi uma tentativa de reconstruir o que tinha sido edificado por Salomão.

Os aprendizados principais com Ezequiel se resumem novamente na *justiça e no juízo de Deus contra o pecado e na esperança e no incentivo* aos que estão

arrependidos, enfraquecidos e humilhados, trazendo-os de volta a um estado de comunhão perfeita com Ele. A Palavra de Deus nos diz que *Deus é amor*, mas também nos diz que é *justo e fiel*, não podendo negar a si mesmo. Portanto, como atalaias nós devemos deixar claro ao povo que o Senhor ama o pecador, entretanto, abomina o pecado e, quando não existe arrependimento, Ele o leva à Sua disciplina, o entrega nas mãos do inimigo até que veja por si mesmo quem é o seu verdadeiro Senhor e Libertador. Ele respeita o livre-arbítrio dado ao homem para escolher o seu caminho, por isso diz que a responsabilidade é pessoal. Quando o homem reconhece Seu senhorio e se volta para Ele, aí passa a experimentar a restauração de sua alma (os muros de sua cidade) e a reconstrução do seu templo interior (seu espírito). Assim, pode ter livre acesso ao *Santo dos Santos* (a intimidade com o coração de Deus), uma verdadeira comunhão entre Pai e filho, entre esposo e esposa, sem a desconfiança da traição e sem as mentiras causadas pelo pecado. Ao falarmos de Jesus para alguém estamos falando do poder do Seu sacrifício na cruz do Calvário, nos resgatando do 'exílio' causado pelas nossas impiedades e iniqüidades, e trazendo uma real transformação a todo o nosso ser, além de nos dar a certeza da nossa adoção como filhos de Deus (Rm 8: 15). A mesma autoridade que o Senhor nos dá para expulsar demônios, também nos dá para mostrar aos nossos irmãos a natureza do diabo dentro da carne, devendo ser entregue nas mãos do Filho de Deus para ser verdadeiramente extirpada, e a alma ser realmente curada. Como Ezequiel, apesar das oposições e dos cativeiros que nos cercam, nós devemos continuar como atalaias, mostrando aos nossos semelhantes o *caminho da Salvação*. Assim procedendo, tendo a visão espiritual das coisas, não a carnal, poderemos nos alegrar com a futura restauração não só nas nossas próprias vidas como nas vidas de nossos irmãos.

"Ponho as minhas palavras na tua boca e te protejo com a sombra da minha mão, para que eu estenda novos céus, funde nova terra e diga a Sião: Tu és o meu povo" (Is 51: 16).



Daniel

Revelação do poder e da superioridade de Deus sobre os demais deuses / Julgar causas difíceis

“Porquanto espírito excelente, conhecimento e inteligência, interpretação de sonhos, declaração de enigmas e solução de casos difíceis se acharam neste Daniel, a quem o rei pusera o nome de Beltessazar; chame-se, pois, a Daniel, e ele dará a interpretação” (Dn 5: 12).

“Só eu, Daniel, tive aquela visão; os homens que estavam comigo nada viram; não obstante, caiu sobre eles grande temor, e fugiram e se esconderam” (Dn 10: 7).

“Ele me disse: Daniel, homem muito amado, está atento às palavras que te vou dizer; levanta-te sobre os pés, porque eis que te sou enviado” (Dn 10: 11a).

Daniel

Dentre os quatro profetas maiores, Daniel é diferente de todos os outros no que se refere às revelações divinas. Deus lhe deu visões e sonhos, não só referentes aos reis babilônicos, aos quais ele estava servindo, como em relação ao futuro longínquo do Seu povo escolhido. Suas visões ainda são um pouco difíceis de interpretar pelo fato de conterem revelações apocalípticas. É interessante a palavra que Deus diz em Dn 12: 4; 9: "Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e *sela* o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará... Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão *encerradas e seladas* até ao tempo do fim". Isso quer dizer: as profecias serão cumpridas integralmente, sem serem mudadas, ao mesmo tempo em que elas estão de certa forma encobertas aos olhos dos homens para que não desvendem completamente os segredos pertencentes exclusivamente a Deus, até vir o tempo determinado por Ele. Podemos ver esta verdade nos dias de hoje, quando muitos têm especulado sobre os acontecimentos futuros, entretanto, ainda não conseguem descobri-los totalmente. A revelação de Deus é para poucos, para os Seus filhos que Lhe são fiéis e tementes, pois ao falarmos dos Seus mistérios, devemos ter o temor de falarmos apenas o que vem realmente através do Seu Espírito.

Daniel *(Dãniyye'l ou Dâni'el, Deus é meu juiz)* era descendente de família real ou nobre e foi levado cativo para a Babilônia por Nabucodonosor no terceiro ano de reinado de Jeoaquim, rei de Judá, por volta de 605 AC (a História fala sobre três etapas do exílio de Judá: 605, 597, 586 AC), tendo sido treinado para serviço do monarca babilônico em companhia de três companheiros: Hananias, Misael e Azarias, respectivamente chamados pelos babilônios de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (Dn 1: 1-7). O livro provavelmente foi escrito entre 536 e 530 AC, pouco depois de Ciro conquistar a Babilônia em 539 AC. Resumidamente, fala da *fidelidade de Deus e Seu poder sobre os líderes e os impérios,* sempre comprovando Sua superioridade sobre todos os demais deuses. Daniel ganhou reputação interpretando as visões alheias e, depois, como intérprete de suas próprias visões nas quais predisse o tempo futuro do reino messiânico, tanto a primeira como a segunda vinda de Jesus. Ele ocupou os principais postos governamentais sob Nabucodonosor, Belsazar, Dario (o medo) e Ciro, tendo sua última visão às margens do rio Tigre. Dario, o medo, que sucedeu Belsazar, descendente de Nabucodonosor, subiu ao poder com sessenta e dois anos de idade, nomeado por Ciro, o persa, como governador da província da Babilônia. Esse *Dario, o medo*, é outra pessoa, diferente de *Dario II* (Ne 12: 22) que governou a Babilônia e a Pérsia de 424 a 404 AC, depois de Artaxerxes (ver abaixo a relação dos reis persas). É diferente também de *Dario I, sucessor de Cambises*, que governou de 522 a 486 AC, quando se deu início à construção do templo de Jerusalém (520 a 516 AC). A ordem para sua reconstrução já tinha sido dada por Ciro por volta de 536 AC, dois anos depois do primeiro retorno dos exilados a Jerusalém (538 AC), mas sua reconstrução foi prorrogada por fragilidade dos judeus perante os poderes governamentais ao redor. O 2º retorno a Jerusalém (Esdras) foi em 458 AC e a reconstrução das muralhas de Jerusalém, por volta de 445 AC (3º retorno: Neemias).

Os reis Babilônicos (Período Neo-Babilônico) foram:

• Nabopolassar: 626–605 AC

• Nabucodonosor II: 605–562 AC

• Evil-Merodaque (Evil-Marduque, Amel-Marduque, Amel-Marduk): 562–560 AC

• Neriglissar ou Nergal-sharezer (cunhado de Evil-Merodaque, a quem ele assassinou para tomar o poder): 559–556 AC. O nome Acadiano de Neriglissar é

Nergal-šar-uṣur, que significa 'O deus Nergal preserva/defende o rei'. Seu nome é mencionado como um dos oficiais de alta patente do rei Nabucodonosor II no livro de Jeremias 39: 13 ('Nergal-Sarezer').

• Labashi Marduque (Labashi-Marduk, Labaši-Marduk, filho de Neriglissar): reinou por nove meses (556 AC), e foi deposto pelos sacerdotes.

• Nabonido (Nabonadius): 556–539 AC, e cujo filho, Belsazar, agiu como co-regente. Nabonido era casado com Nitócris, filha de Nabucodonosor.

• Em 539 AC, Ciro II ou Ciro o Grande invade a Babilônia e incorpora este reino ao império Medo-Persa, fazendo dele uma satrapia sob o governo de Dario, o Medo.

Os reis persas, após a queda da Babilônia, foram:

• Ciro, o imperador da Pérsia (Ciro II ou Ciro o grande), que ordena a volta dos judeus em 538 AC (1º retorno dos exilados), ao invadir a Babilônia. Reinou (559–530 AC) como rei dos Persas, Medos, Lídios e Babilônicos.

• Cambises II (filho de Ciro): 530–522 AC.

• Dario I (cunhado de Cambises II): 522–486 AC. No seu reinado começou a ser reconstruído o templo (520–516 AC). Tinha iniciado em 536 AC (2º ano do reinado de Ciro na Babilônia e parado até 520 AC – 2º ano Dario I). Segundo a Concordância de Strong, Dārayavahuš (Strong #1867), vem da origem persa: Darejavesh, um título (em vez de nome) de vários reis persas. Segundo Evandro de Souza Lopes ('Os nomes bíblicos e seus significados, CPAD, 8ª edição 2002'), Dario vem do nome persa 'Dozenda dara'; em hebraico: dono, senhor; em grego: o poderoso, rico. Outras fontes dão seu significado como: 'Aquele que segura, o que mantém'.

• Xerxes I (Assuero): 486–465 AC (filho de Dario I). Xerxes (= belicoso, grande guerreiro, leão) é uma transliteração grega do seu nome persa depois de sua ascensão, Jshāyār Shah, que significa 'governante de heróis'. Na bíblia é mencionado como 'Assuero' (Achashverosh ou Achshrush, em Hebraico = príncipe, chefe, cabeça, leão); equivalente hebraico do persa Khshayarshan = rei leão; sendo escrito como Ahashuerus, em Caldeu; ou Axashverosh, em grego. Segundo a Concordância de Strong (Strong #325), 'Assuero' (Achashverosh ou Achshrush) é o título (em vez do nome) de um rei persa.

• Artaxerxes I: 465–424 AC (filho de Xerxes I, mas não o primogênito). Houve um 2º retorno de exilados a Jerusalém com Esdras em 458 AC para ministrar no templo reconstruído. Reconstrução das muralhas de Jerusalém: 445 AC (3º retorno: Neemias).

• Xerxes II (filho de Artaxerxes I) e que reinou 1 ½ mês e foi assassinado por seu irmão Secydianus ou Sogdianus (a forma do nome é incerta). Este, por sua vez, foi morto por Ochus, sátrapa da Hircânia (região ao sudeste do Mar Cáspio, no atual Irã), que subiu ao poder e adotou o nome de Dario II.

• Dario II (Ne 12: 22) governou a Babilônia e a Pérsia (424–404 AC); era chamado Dario, o persa. Seu nome de nascimento era Ochus; depois, adotou o nome de Dario (persa: Dārayavahuš, por isso, as fontes gregas o chamam de Dario Nothos, 'Bastardo').

• Artaxerxes II Mnemon, que significa: 'cujo reino é através da verdade' (404–358 AC). Era filho de Dario II.

• Artaxerxes III ou Ochus (3º filho de Artaxerxes II): 358–338 AC.

• Artaxerxes IV ou Arses (filho mais novo de Artaxerxes III): 338–336 AC

• Dario III (bisneto de Dario II e primo de Arses): 336–330 AC quando Alexandre, o grande, o derrotou na Macedônia. Originalmente chamado de Artashata; em latim: Codomannus, e em grego antigo: Kodomanos (Κοδομανός) foi o último rei da Dinastia Aquemênida da Pérsia. Dario (Dārayavahuš, em persa) foi o nome que ele adotou após subir ao trono.

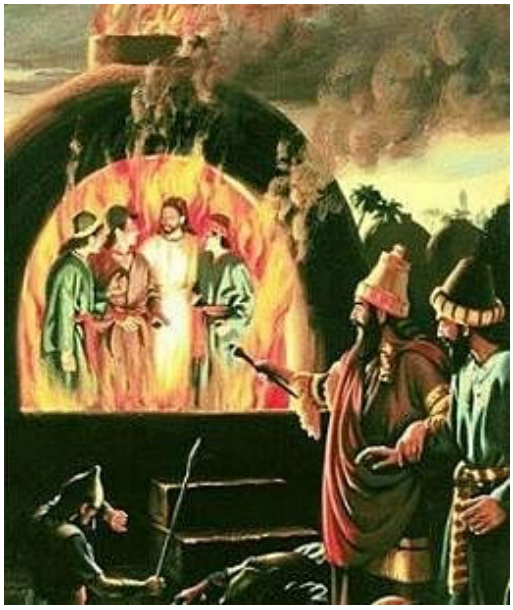
Para facilitar o aprendizado sobre Daniel, vamos falar separadamente sobre cada capítulo.

No capítulo primeiro vamos ver Daniel sendo exilado para a Babilônia na companhia dos seus três amigos, onde ficam sob a custódia do chefe dos eunucos, Aspenaz, para serem alimentados com as iguarias da mesa do rei por três anos, até estarem preparados para assistir diante dele. Podemos ver certa semelhança com Ester que também foi levada ao palácio de Assuero junto com muitas moças de Susã, entre as quais foi escolhida para ser esposa do monarca e foi preparada por um ano. Daniel decidiu não se contaminar com a alimentação que lhe foi dada e Deus fez com que ele achasse graça diante do chefe dos eunucos, permitindo que se alimentasse apenas com legumes e água por dez dias (Dn 1: 14-15). Vendo a vitória dos três jovens após o teste dos dez dias, foi-lhes permitido continuar com essa dieta até completar os três anos de espera para serem levados ao rei (Dn 1: 16-18). Após o prazo determinado, Daniel, Hananias, Misael e Azarias foram trazidos à presença de Nabucodonosor juntamente com todos os outros jovens. A bíblia fala que Deus os dotou com conhecimento e inteligência em toda cultura e sabedoria, mas a Daniel acrescentou a capacidade de interpretar sonhos e visões. Conversando com eles, Nabucodonosor os escolheu dentre todos os outros rapazes e passaram a estar na presença do rei. Eles eram mais capacitados do que todos os magos e encantadores que havia em todo o reino (Dn 1: 19-21).

No capítulo 2 vemos Daniel interpretando o sonho de Nabucodonosor sobre a estátua que tinha quatro partes. O rei já tinha dado decreto de morte a todos os sábios por não poderem revelar seu sonho. Entretanto, entrando em oração, Daniel recebeu de Deus a revelação do mistério. Ele foi, então, trazido à presença do rei. A estátua vista no sonho tinha a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris, de bronze; as pernas de ferro e os pés, em parte de ferro, em parte de barro (Dn 2: 32-33). O sonho se completava com a visão de Nabucodonosor de uma pedra que feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou (Dn 2: 34-35) fazendo o mesmo com os demais materiais (bronze, prata e ouro) e que foram dispersos pelo vento. A pedra se transformou numa grande montanha que encheu toda a terra (v.35).

Daniel interpretou o sonho e Nabucodonosor ficou sabendo que ele era a cabeça de ouro, as demais partes eram os reinos que o sucederiam (Média-Pérsia – a prata, Grécia – o bronze e Roma – o ferro). A pedra é uma referência a Jesus e à Sua igreja crescendo e avançando sobre a terra, dominando os demais reinos (v. 44-45), como o Império Romano foi dividido em muitas nações (ferro e barro). Aqui há uma referência apocalíptica sobre Roma que culminará nos seus dez reis contemporâneos (Dn 2: 41-44; Ap 17: 12), os quais serão destruídos por Cristo por ocasião de sua segunda vinda (Dn 2: 45). Ao interpretar o sonho de Nabucodonosor, Daniel foi engrandecido e colocado por governador de toda a província, como chefe supremo de todos os sábios da Babilônia (à semelhança de José, diante de Faraó). A bíblia menciona o termo sátrapas, principalmente neste livro de Daniel. Sátrapas, em hebraico: 'ahashdarpenïm, e em persa: khshathrapâvan, significa: "protetor do reino". Eram vice-reis investidos de considerável poder, e possuíam suas próprias cortes. Daniel foi elevado à categoria deles em matéria de poder.

No capítulo 3, vemos mais uma arbitrariedade do rei babilônico, mandando forjar uma estátua de ouro com a imagem do seu deus e obrigando a todos os cidadãos a se prostrarem diante dela para adorá-la. Todos se submeteram, entretanto, Hananias (Sadraque), Misael (Mesaque) e Azarias (Abede-Nego) não se prostraram, preferindo ser queimados na fornalha de fogo que havia sido preparada para os que se opusessem ao rei. Ao serem os jovens lançados na fornalha, o rei se espantou, pois viu quatro homens soltos andando dentro dela (Dn 3: 25) sem que as chamas tivessem poder algum sobre eles (Dn 3: 27). Tirando-os da fornalha, o rei admitiu o poder do Deus dos judeus sobre qualquer outro deus e fez com que os três jovens prosperassem na província.



No capítulo 4, Nabucodonosor tem outro sonho, desta vez com uma enorme árvore que lança seus ramos entre as nações; ela cresce, se eleva e dá muitos frutos. Entretanto, um ser angélico dá uma ordem para que seja cortada, deixando apenas a cepa com as raízes, que seja atada com cadeias de ferro e bronze e deixada apenas ali no campo, recebendo o orvalho do céu, até que se passem sobre ela sete tempos (7 anos). O ser angélico também ordena que o coração do rei seja de animal, não mais de homem. Daniel (chamado de Beltessazar), mais uma vez, dá a interpretação de que a árvore se

trata do próprio rei que se engrandeceu e se orgulhou de sua força, desprezando o domínio de Deus. Ele seria expulso de entre os homens, como a árvore cortada vista no sonho, até que ele reconhecesse a soberania do Deus Altíssimo sobre o reino dos homens. Dessa forma, Nabucodonosor enlouqueceu; sua mente e sua aparência se tornaram como a de um animal, tamanha a sua tragédia, até que, após ter se passado o tempo da profecia, voltou-lhe o juízo e ele engrandeceu a Deus pela Sua majestade e poder sobre todos os reinos da terra. Reconheceu que Deus pode humilhar aos que andam na soberba.

O 5º capítulo diz respeito a Belsazar, neto de Nabucodonosor, que dá um banquete para mil pessoas, mas com irreverência e falta de temor a Deus, decide beber vinho nos utensílios que haviam sido trazidos do templo de Israel. No mesmo instante, diz a bíblia, ele vê uma mão de homem escrevendo algumas palavras na parede do palácio e se assusta com a visão. Teme e treme diante daquilo, até que Daniel é trazido à sua presença para interpretar o enigma. O profeta o lembra de seu avô, Nabucodonosor, cujo coração se elevou e o seu espírito se tornou soberbo diante de Deus, por isso foi derribado do seu trono e sua glória se acabou. Também o lembrou que seu avô foi tratado como um animal até que conheceu que Deus, o Altíssimo, tem domínio sobre o reino dos homens e a quem quer constitui sobre ele. As palavras escritas na parede eram *MENE, MENE, TEQUEL, PARSIM*. *MENE, MENE* significa: *Cortou Deus o teu reino e deu cabo dele. TEQUEL* significa: *pesado foi o rei na balança e achado em falta. PARSIM* (plural de *PERES; aramaico: UPARSIM*) quer dizer: *dividido foi o reino e dado aos medos e aos persas.* Belsazar honrou Daniel colocando sobre ele um manto púrpura, um colar de ouro e ordenou que se proclamasse em todo o reino que ele seria o terceiro no governo. Foi quando o reino da Babilônia caiu e foi entregue nas mãos dos medos e dos persas, na pessoa de Dario, o medo, escolhido por Ciro como governador.

Algum tempo se passou e, no capítulo 6, vemos Daniel confrontado com mais um desafio, pois os outros sátrapas, governadores e príncipes, com inveja do seu comportamento correto, forjaram uma lei na qual estava escrita que, por um mês, todo o cidadão que pedisse qualquer coisa a qualquer deus ou qualquer homem que não o rei fosse lançado na cova dos leões. O rei assinou o decreto, irrevogável segundo a lei dos Medos. Com isso, acusaram Daniel de estar orando ao seu Deus, o que ele fazia regularmente três vezes por dia. Como o decreto já havia sido selado, o rei não viu

alternativa a não ser lançar Daniel na cova dos leões. Ficou triste e não dormiu. Pela manhã, ao chegar à boca da caverna, chamou pelo profeta que lhe respondeu que estava vivo porque Deus havia enviado um anjo para fechar a boca dos leões, pois foi encontrado inocente diante dEle. O rei se alegrou e mandou tirar o profeta da cova, lançando nela todos aqueles que tinham tramado contra sua vida, inclusive suas mulheres e filhos. Todos morreram devorados pelos animais. O Deus de Daniel foi novamente engrandecido diante de toda aquela nação e o profeta prosperou em terra estrangeira mais uma vez.

A partir do capítulo 7 começam a ser descritas as visões de Daniel. O sétimo capítulo traz uma revelação divina ao profeta muito parecida com o sonho de Nabucodonosor em relação às nações que viriam após a queda de Babilônia. Neste capítulo, o profeta tem a visão de quatro animais.

O primeiro é semelhante ao *leão e tinha asas de águia* (Dn 7: 4), que foram arrancadas; ele foi levantado da terra e se transformou à imagem de homem e lhe foi dada a mente de homem. Esse animal simbolizava a Babilônia. O segundo animal era como um *urso* e em sua boca trazia *três costelas;* todos lhe diziam: 'Levanta-te, devora muita carne'. Este animal simbolizava os reinos da Média e da Pérsia. As três costelas se referem ao Egito, Babilônia e Lídia, apreendidos pelo Império Medo-Persa. Eles eram chamados de 'costelas' porque o fortaleceram; e 'entre os dentes' porque foram moídos, triturados pelos Medos e Persas. O terceiro era parecido com um *leopardo e nas costas tinha quatro asas de ave*, assim como *quatro cabeças*. Simboliza a Grécia. O quarto animal a ser visto por Daniel tinha a *aparência espantosa e terrível*, com *grandes dentes de ferro* (Dn 7: 7), devorando tudo ao seu redor e portando em sua cabeça dez chifres (Dn 7: 7; 19). Simboliza Roma. No versículo 8 (Ap 13: 5-6), Daniel fala que dentre os chifres surgiu um pequeno chifre que não só destruiu três deles, como apresentava olhos nele e uma boca que falava com insolência. Aqui, pode-se ver uma alusão ao Anticristo e, a partir desse versículo, algumas referências de teor apocalíptico (v. 20; 24) onde os dez reis contemporâneos voltam a ser descritos, e que serão destruídos na segunda vinda de Jesus. É interessante perceber a visão de Cristo glorificado descrita por Daniel *(Ancião de Dias)* em Dn 7: 9; 13; Dn 10: 5-6, semelhante à descrita por João em Ap 1: 13-15; Ap 19: 6; 12; Ap 14: 14; Ap 1: 7 (vindo com as nuvens). Em Dn 7: 18 a palavra escrita é semelhante à escrita por João em Ap 17: 14; Ap 11: 15, ou seja, o Anticristo pelejará contra os santos (Dn 7: 25, referente a três anos e meio), mas esses possuirão o reino. Os dez reis contemporâneos são interpretados por alguns estudiosos como os povos bárbaros que ocuparam a Terra após a queda do Império Romano do Ocidente (476 DC): Alamanos (Alemanha); Francos (França); Burgúndios (Suíça); Anglo-Saxões (Inglaterra); Visigodos (Espanha); Suevos (Portugal); Lombardos (Rússia e divisões); Vândalos (África do Norte; Mediterrâneo); Hérulos (Itália); Ostrogodos (Áustria).

No capítulo 8 Daniel tem outra visão concordante com as anteriores em que descreve a imagem de um carneiro e de um bode. O *carneiro* simboliza a Média e a Pérsia (2 chifres) e o *bode,* a Grécia. O bode também tinha um chifre entre os olhos. O chifre simboliza *poder*. O interessante nesta visão é que Daniel vê um chifre pequeno que nasce no lugar do maior que foi quebrado. Este chifre não diz mais respeito ao Anticristo (Dn 7: 8; 24), mas a Antíoco Epifânio (Dn 8: 9-11), perseguidor selêucida de Israel.

Aqui quero fazer um parêntesis para colocar a relação das nações e dos reis que dominaram Israel depois da queda da Pérsia. Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, após conquistar seu grande império, levou aos seus domínios a cultura e o idioma grego, assentando assim as bases da civilização helenística, que provocou uma mudança fundamental na cultura mundial. Quando, no ano de 323 AC, Alexandre morreu com apenas 33 anos, seu império começou a desmoronar e foi dividido entre seus generais. Dois deles ficaram com a parte oriental: Ptolomeu I Sóter, fundador da dinastia Ptolomaica (323-198 BC) com o Egito; Seleucos I ou Seleuco I Nicator, fundador da dinastia Selêucida (198-166 BC), com a região da Síria, Iraque, Pérsia, Afeganistão, Paquistão e partes da Índia. Assim, Israel, trocou várias vezes de mãos. Durante os primeiros cem anos, ficou sob domínio egípcio e, no final do século II AC, passou para domínio selêucida, contra o qual os judeus empreenderiam uma revolta. Enquanto Israel

estava sob domínio de Ptolomeu II, era permitido aos judeus viver de acordo com a sua fé. O próprio rei considerava a *Torá (os primeiros 5 livros da bíblia, também chamado de Pentateuco, onde está a Lei)* um patrimônio cultural e obrigara setenta e dois sábios judeus (por volta de 250 AC) a traduzi-la para o grego (Septuaginta ou Versão dos Setenta).

Quando sobe ao poder o rei Selêucida Antíoco IV, a situação dos judeus piora sensivelmente. O monarca estava determinado a dobrar os habitantes que se mostravam irredutíveis em não aceitar a cultura grega. Instituiu-se como lei a destruição dos exemplares das Escrituras, e a lei foi cumprida com extrema desumanidade. Os judeus oprimidos se rebelaram sob o comando de Judas Macabeu. O nome de sua família era Hasmon, por isso eram conhecidos como Hasmoneanos, e viviam num vilarejo chamado Modiín. O líder era Matatias, pai de cinco filhos: João, Simão, Judas (o macabeu), Eleazar e Jônatas. A revolta explodiu quando um grupo de gregos reuniu os habitantes do vilarejo na praça onde fora erguido um altar com ídolos. O general grego exigiu que João fizesse oferendas naquele lugar. Este, porém, recusou-se veementemente e sua atitude fez irromper a revolta. No decorrer da guerra, falece Matatias, já em idade avançada, sendo seu filho, Judas Macabeu, nomeado general. Adotou a estratégia de guerrilhas, pegando o inimigo em ataques-surpresa. Judas queria retomar Jerusalém para purificar o templo. Mas, ao chegar lá, encontraram apenas desolação, ruínas, ídolos e estátuas por toda parte. Jesus se refere a este fato, quando Antíoco IV cometeu sacrilégio matando um porco (animal imundo) no altar, com as palavras: "... Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar [quem lê entenda]..." (Mt 24: 15; Mc 13: 14, extraído de Dn 9: 27; Dn 11: 31; Dn 12: 11), fato que se repetiria com a destruição do templo pelos romanos em 70 DC. A tabela abaixo ilustra os fatos:

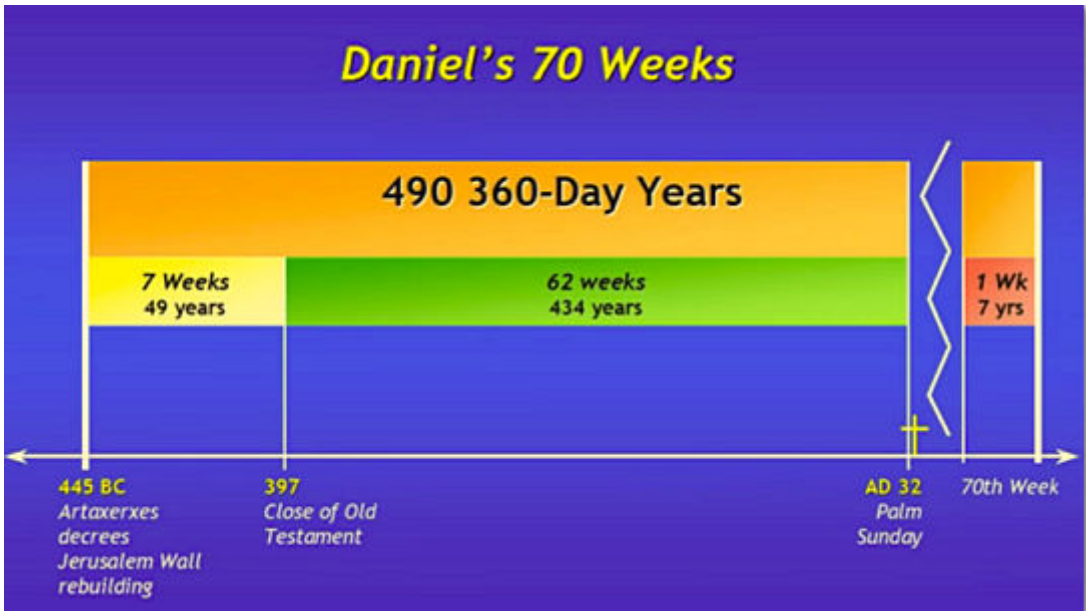
400 AC	Alexandre, o Grande, governa a Palestina; domínio macedônico – 333-323 AC Domínio dos Ptolomeus sobre a Palestina – 323-198 AC
200 AC	• Domínio dos Selêucidas sobre a Palestina – 198-167 AC • Revolução de Judas Macabeu e domínio da família de Judas e seus descendentes, os asmoneus (hasmoneus), sobre a Palestina – 167-63 AC • Conquista de Jerusalém por Pompeu, general romano, anexando a Palestina ao Império Romano – 63 AC • Reinado de Herodes, o Grande, sobre a Palestina, por nomeação de Roma – 37 a 4 AC.

Após ter a visão descrita no capítulo 8, Daniel fica enfermo (Dn 8: 27) e sua revelação lhe veio mais tarde.

No capítulo 9, Daniel intercede a Deus por si e pelo povo, reconhecendo o seu pecado e, portanto, a causa do cativeiro de setenta anos. Aqui lhe é dada uma revelação através do anjo Gabriel (Dn 9: 21 cf. Dn 8: 16), enviado por Deus a ele, a respeito das setenta semanas que estavam determinadas sobre o povo de Israel (Dn 9: 24). As setenta semanas representam um tempo (segundo alguns teólogos, os anos depois da construção dos muros de Jerusalém em 445 AC, mais o período de silêncio de Deus após o profeta Malaquias – 400 anos), até a morte e ascensão de Jesus Cristo, tendo os seis alvos divinos cumpridos com a Sua morte na cruz:

1) Fazer cessar a transgressão.
2) Dar fim aos pecados.
3) Expiar a iniqüidade.

4) Trazer a justiça eterna.
5) Selar a visão e a profecia (em Jesus terminaram as profecias sobre a restauração messiânica sobre Israel).
6) Ungir o *Santo dos Santos*.



Na imagem acima (cf. Dn 9: 25) o anjo separa as sete semanas (quarenta e nove anos, que vai da construção de Jerusalém até o início do Período Intertestamentário, e os outros quatrocentos e trinta e quatro anos, ou seja, sessenta e duas semanas, até a morte e ascensão de Jesus). O espaço com a linha em ziguezague, em branco, corresponde ao período entre a 1ª e a 2ª vinda de Cristo, o período da igreja, onde houve a destruição do templo por Tito em 70 DC. E a última semana (sete anos) no final da figura corresponde à Grande Tribulação e completará as setenta semanas (quatrocentos e noventa anos) descritas pelo profeta em Dn 9: 24. Portanto, essa visão não só diz respeito à primeira vinda de Cristo como também à Sua segunda vinda.

No versículo 26, existe uma referência a Tito (79 a 81 DC), que destruiria novamente o templo de Jerusalém por volta de 70 DC, no governo de Vespasiano, seu pai. O evangelho de Cristo foi pregado exclusivamente aos judeus até 33 DC, completando as sessenta e nove semanas de Daniel 9: 24-26, quando surgiram os primeiros mártires como Tiago e Estevão. Depois que Jerusalém foi destruída pelos romanos (Tito), o tempo de aliança de Deus com os Judeus foi consumado e teve início o tempo do reino de Deus para os gentios (Mt 21: 43; Lc 21: 24; Rm 11: 25). Assim, a aliança com Israel só será restaurada na segunda vinda de Cristo, quando através do arrependimento, eles começarem a clamar o nome de Jesus (Lc 13: 34-35; Mt 23: 39; At 1: 6-7; Rm 11: 26-27). "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. E em verdade vos digo que não mais me vereis até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!" (Lc 13: 34-35).

Mas o versículo 27 (Dn 9: 27) é uma referência clara ao Anticristo escatológico.

Daniel teve mais uma visão no capítulo 10 [Dn 10: 1: "No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia", ou seja, 536 AC, como rei da Babilônia também]. Alguns teólogos pensam numa data cronológica anterior por causa de Dn 9: 1 ["No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus", ou seja 539 AC], pois dizem que houve uma confusão do escritor, colocando Dario, o Medo, no lugar de Dario II (o Persa), sucessor de Artaxerxes, e que reinou depois de Xerxes (Assuero). Mas não houve confusão alguma: em Dn 9: 1 trata-se de Dario, o Medo, tio materno de Ciro e que foi colocado como governador da província da Babilônia, enquanto ele, Ciro, governava o império persa em Pasárgada. O que acontece é tanto o nome "Dario" como "Assuero" é dado pela Concordância de Strong como sendo um título (em vez do nome) de um rei persa. 'Dario', Dārayavahuš (Strong #1867), vem da origem persa 'Dareyavesh'; ou 'Dozenda dara' [segundo Evandro de Souza Lopes, 'Os nomes bíblicos e seus significados, CPAD, 8ª edição 2002'], e que em hebraico significa: dono, senhor; em grego: o poderoso, rico. Outras fontes dão seu significado como: 'Aquele que segura, o que mantém'. E 'Assuero' (Achashverosh ou Achshrush – Strong #325), em Hebraico significa: príncipe, chefe, cabeça, leão; em persa, Khshayarshan, rei leão.

Aqui em Daniel 10, ele tem uma visão, mais ou menos dez dias depois da Páscoa dos judeus, que nos faz pensar na revelação que buscou em relação aos últimos tempos, descrita no capítulo 8, pois o anjo aparece mais uma vez, lhe falando da dificuldade que teve para vencer sobre o principado da Pérsia, ajudado por Miguel, o príncipe de guerra do Senhor, e que, após isso, ele lutaria contra o príncipe da Grécia. A interpretação (Dn 11 – https://www.searaagape.com.br/revelacaodedanielcapitulo11.html) é o que falamos acima sobre o domínio macedônico de Alexandre, o Grande (v. 3) e dos domínios posteriores dos Ptolomeus e Selêucidas – Dn 11: 4-34:
https://www.searaagape.com.br/periodointertestamentario_seleucidaseptolomeus.html

Em Dn 11: 2, o quarto rei se refere a Xerxes (Assuero).

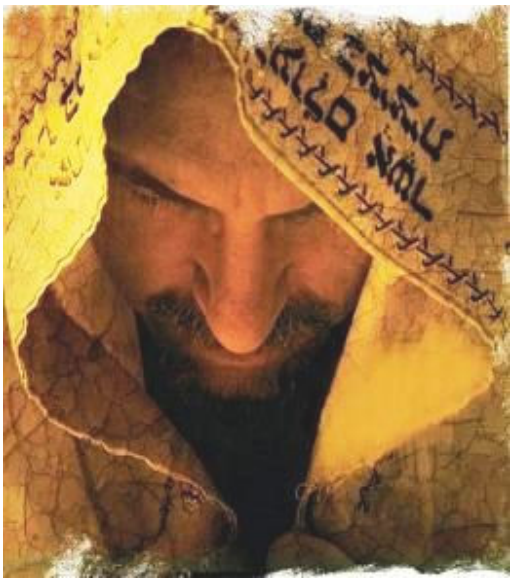
O capítulo 12 continua o tema, quando se levantará o arcanjo Miguel para separar os santos, os que estão inscritos no *Livro da Vida do Cordeiro*. Voltando ao início do capítulo, as palavras deste livro foram seladas por ordem de Deus para serem cumpridas, ao mesmo tempo em que nos dá a impressão de ele ser ainda para nós um livro selado sob muitos aspectos. O capítulo 12 termina com uma grande promessa de vida eterna para Daniel: "Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e, no fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança". Em outras palavras, Daniel ressuscitará para a vida eterna junto com todos os servos de Deus.

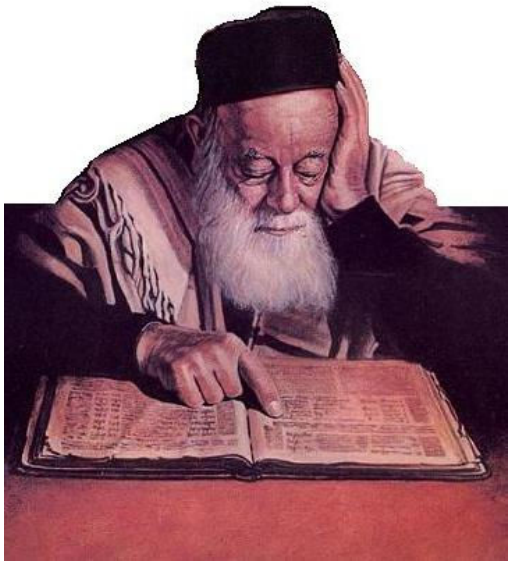
Apesar de descrever todo o livro desse profeta e o teor apocalíptico de suas revelações, voltaremos, agora, para o nosso objetivo que é tirar da sua experiência de vida os aprendizados importantes para nós, como servos e profetas do Senhor. Podemos ter dois grandes aprendizados com Daniel: *a revelação do poder e da superioridade de Deus sobre os demais deuses e Sua capacitação que nos é conferida para julgar causas difíceis e interpretar sonhos e visões*. Daniel pode ser comparado sob certos aspectos a José, pois este também tinha sonhos proféticos e capacidade para interpretá-los, o que não somente o colocou em destaque e posição de honra diante dos gentios, como também engrandeceu sobremaneira o nome de YHWH diante de todos os povos. Entretanto, Daniel veio numa época da humanidade em que o Senhor estava fazendo uma grande obra na vida do Seu povo, por isso suas visões e suas experiências proféticas foram mais fortes e profundas. Daniel foi reconhecido como verdadeiro profeta de Deus. É interessante percebermos que seu dom foi usado, multiplicado e intensificado no decorrer da sua vida, pois já estava preparado para recebê-lo e usá-lo corretamente.

Assim, nós, profetas do Senhor, ao liberarmos Sua palavra e Suas revelações estamos trazendo, na verdade, a revelação de Sua própria pessoa aos que ainda não O conhecem. Apesar de termos manifestações diferentes dos dons espirituais, pois a nenhum de nós é dada a mesma capacidade nem a mesma forma de vermos e entendermos as verdades divinas, o que o Espírito nos pede é que não enterremos o nosso talento, pelo contrário, que o coloquemos na presença de Deus para ser usado e multiplicado para o bem e para o engrandecimento do Seu Corpo na terra. Nós podemos mostrar através das nossas lutas e desafios que o nosso Deus é um Deus verdadeiro, de livramentos constantes, de soluções e de revelações infinitas e é capaz de nos conferir poderes para realizarmos de maneira mais completa Sua obra entre os povos. Para termos dons espirituais como Daniel e os demais profetas, é necessário que nos aproximemos do Senhor cada vez mais e que nossa fidelidade a Ele seja mantida intacta. Não que tenhamos por nós mesmos a capacidade nem a vontade humana de fazer isso, mas quando o nosso compromisso com Ele é sincero, Seu próprio Espírito nos mantém no caminho da perseverança e da santidade até que, como Daniel, nós possamos chegar ao final da nossa jornada na eternidade e ter nossos nomes achados no *Livro da Vida* (Dn 12: 1; Ap 13: 8; Ap 17: 8; Ap 21: 27). Mesmo que as lutas pareçam cansá-lo, meu irmão, não desista, persevere e se mantenha fiel a Jesus e Ele jamais o negará, pelo contrário, confirmará o seu nome diante do Pai e dos Seus anjos. Que o dom que Ele lhe deu esteja sempre debaixo do domínio do Espírito Santo e seja aperfeiçoado e selado sobre você para jamais ser roubado.

Referência bibliográfica:
• O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.

"Os lábios justos são o contentamento do rei, e ele ama o que fala coisas retas" (Pv 16: 13).





Oséias, Joel, Amós, Obadias

Não desistir de exortar o povo à aliança
e ao compromisso com o Senhor

“Pois misericórdia quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (Os 6: 6).

Oséias:

Oséias, profeta de Israel, do reino do Norte, exerceu seu ministério profético de 755 a 715 AC, abarcando o seu exílio em 722 AC. O livro conta o amor de Oséias por Gômer, sua esposa infiel (Os 1: 1; Os 3: 5), que ilustra o amor de Deus por nós, mesmo quando Lhe somos infiéis. Jeroboão II (782-753 AC) foi um rei ímpio cujo domínio produziu uma sociedade materialista, imoral e injusta. Os seis reis que se seguiram nos próximos vinte e cinco anos contribuíram para a queda de Israel em 722 AC. Oséias anuncia a corrupção, o orgulho e a idolatria de Israel (Os 4: 1; Os 8: 14). Descreve a certeza do julgamento (Os 9: 1; Os 10: 5), o triunfo do amor e da misericórdia de Deus (Os 11: 1-11; Os 14: 1-9, o povo arrependido), e a infidelidade e a rebelião de Israel que resultarão em julgamento e destruição (Os 11: 12; Os 13: 16). Como foi dito, seu livro mostra seu amor pela nação e pela humanidade, assim como seu amor pela esposa. Seu sofrimento se transformou num espelho de sofrimento de Deus, expresso no grito: "Como te deixaria, ó Efraim?" (Os 11: 8). Como todos os seus irmãos do passado, Oséias encontrou a paz no Senhor através do seu sofrimento, ou seja, no desencontro com a esposa encontrou Deus.

A época do seu exercício profético foi um período de instabilidade política (mais ou menos sete reis estiveram no poder), sendo que Israel vacilava entre a Assíria e o Egito, menos em direção a Deus (Os 5: 13; Os 7: 11; Os 12: 1). Porém, a vacilação jamais poderia salvar a nação, que terminou com a queda de Samaria, em 722 AC. Oséias deixou bem claro o que Deus pedia ao povo (Os 6: 6: *Hesedh ou Chesed*, misericórdia). No passado, a misericórdia de Deus tinha chamado Israel (Os 11: 1). No presente, Sua misericórdia era a esperança de Israel que estava sem direção moral (Os 5: 4; Os 11: 7) e precisava de uma conversão sincera. No fim, o amor de Deus sobre Seu povo seria mais bem sucedido do que o do profeta para com Gômer. Tanto Oséias quanto Amós apresentam o exílio como algo que aguardava Israel no futuro como castigo pelo seu pecado.

Os nomes dos seus filhos: **1)** *Jezreel* [*Yizr^{e}'e'el*, Os 1: 4 significa: *'Deus semeia'*, um contraste com o símbolo desse nome que seria a condenação de Israel quanto à casa real, pois Jezreel era uma cidade de Issacar onde o exército acampou antes da batalha de Gilboa; também foi o lugar da tragédia de Nabote e sua vinha; ali Jorão, o rei, foi assassinado por Jeú como foi profetizado por Elias para exterminar a casa de Acabe; portanto, Jezreel era um *símbolo do juízo de Deus* sobre a nação, além de ser um *prenúncio do Dia do Juízo final*: Os 1: 11]; **2)** *Desfavorecida* (Os 1: 6, *Lo-Ruama = Deus não terá misericórdia*) e **3)** *Lo-Ami* (Os 1: 9, *Não-Meu-Povo*) mostram o descontentamento de Deus com todo o Seu povo, a ponto de rejeitá-lo como Seu povo *(Lo-Ami).* Gômer foi deixada sozinha pelo profeta até que não mais se apegasse à sua idolatria e concupiscência do passado. Era a mesma disciplina que YHWH estava usando, abandonando aqueles que não toleravam Suas condições até que despertassem para a realidade espiritual. A falta de conhecimento que Israel tinha dEle resultara em todas as formas de iniqüidade. Oséias comprou Gômer de volta de seu possuidor, como segunda esposa ou concubina (Os 3: 2-3).

Joel:

O livro de Joel foi escrito numa época desconhecida. O período do seu ministério também é interrogado. Pode ter sido quando o rei Joás (835-796 AC) ainda era uma criança. Joel significa 'YHWH é Deus'. Profetiza a descida do Espírito Santo e vincula a obra de Deus no AT ao nascimento da Igreja no NT. Mostra o desejo intenso que Deus tem de manter intimidade com todo o Seu povo. Joel o conclamou a se voltar para Ele. Descreve uma praga de gafanhotos (Jl 1: 1-20) que atacavam sucessivamente em bandos de dimensões espantosas e devoravam as cascas das figueiras, os campos de trigo, vinhas e pomares, extinguindo os materiais para os sacrifícios dos sacerdotes. Em Jl 1: 9; 13, o profeta fala que o sacrifício foi cortado da Casa do Senhor, mais especificamente, a oferta de manjares e a libação do vinho. A oferta de manjares era feita com flor de farinha, ou seja, a farinha fina, de melhor qualidade, e com azeite de oliva. Havendo um período de seca e fome, com más colheitas e com a praga de gafanhotos devorando figueiras, campos de trigo, vinhas e pomares (macieiras, palmeiras e romeiras) fica entendido porque o sacrifício de oferta de manjares foi cortado do templo. Em Jl 1: 18; 20 a bíblia diz que os animais também estavam sofrendo por falta de pasto, por causa das queimadas que aconteciam no período da seca (Jl 1: 19). A praga é símbolo da ira divina e Seu castigo contra o pecado. Os desastres da natureza mencionados no capítulo 1 são uma linguagem figurada em relação aos inimigos estrangeiros que assolariam Judá (Jl 2: 1-11). A invasão dos gafanhotos torna a terra numa desolação.

Os judeus deveriam se lamentar no dia da indignação de Deus, ou seja, no dia do Seu julgamento (Jl 1: 13-16). O profeta menciona 'O Dia do Senhor' várias vezes: Jl 1: 15; Jl 2: 1; Jl 2: 11; Jl 2: 31; Jl 3: 14, ou seja, o dia no qual Ele se levanta para executar Seu juízo. Entretanto, nunca é tarde para o arrependimento, e uma nova chamada para a adoração especial no templo é lançada, tanto para os sacerdotes como para o povo (Jl 1: 13-16 cf. Jl 2: 12-17). Deus quer conversão sincera para poder agir. A devastação dos gafanhotos será, então, substituída pela abundância que o Senhor proporcionará (Jl 2: 18-27) através do derramamento do Espírito (Jl 2: 28-32), cumprido no dia de Pentecostes (At 2: 17-21); as manifestações da natureza podem ter um significado apocalíptico (Jl 2: 30-32; cf. Ap 6: 12-13). Assim, depois do arrependimento virá a restauração do povo. Joel também relata os juízos de Deus contra as nações inimigas (Jl 3: 13 cf. Ap 14: 14-20; Ap 19: 15).

Em Jl 3: 8 o Senhor menciona o nome de um povo, os sabeus (Shba'iy ou Shba'), se referindo aos primeiros progenitores de um distrito da Etiópia. Shba'iy é uma variação da palavra hebraica Cba'iy, ou Cba' (Is 45: 14), se referindo aos descendentes de Cuxe, filho de Cam, que estabeleceu sua nação (Seba ou Sebá; em Hebraico, s^{e}bha' ou sh^{e}bha'), que mais tarde veio a ser a Etiópia. Seba está relacionado com Sabá, também filho de Cuxe, que se estabeleceu ao sul da Arábia. Seba (s^{e}bha') e Sabá (sh^{e}bha') são as formas (árabe antiga e hebraica) do povo do reino de Sabá. A bíblia fala sobre 'vender os filhos dos tírios e dos filisteus para os sabeus' (Jl 3: 4-8, com enfoque no v. 8) – Dario II e Artaxerxes II (404-358 AC), seu filho, e principalmente Alexandre, o Grande, reduziram os poderes fenícios e filisteus. Segundo o historiador Flávio Josefo, após a captura de Tiro e Gaza por este último conquistador, multidões de filisteus e trinta mil tírios e foram vendidos como escravos. Assim, Deus fala aos judeus (Jl 3: 8), da mesma forma, para venderem estes escravos estrangeiros para os Sabeus.

Outra citação interessante está em Jl 3: 18, onde o profeta fala de uma fonte de água que sairá da Casa do Senhor e regará o vale de Sitim (ou vale das acácias). Sitim (Nm 25: 1; Js 2: 1; Mq 6: 5) era lugar de idolatria e imoralidade, defronte de Jericó, nas

planícies de Moabe, a leste do Jordão. Isso quer dizer que após o arrependimento sincero, o povo que antes era depravado receberá a água doadora de vida no Dia do Senhor (A primeira vinda de Cristo). A acácia é um arbusto que só cresce em regiões áridas; portanto, isso também significa que mesmo o deserto, um lugar árido de vida, será regado pela bênção (água) de Jerusalém. Por isso, Ezequiel (Ez 47: 1-12) descreve as águas saindo do limiar da casa como fluindo para o Mar Morto e purificando-o. Também em Zc 14: 8 as águas fluem de um lado para o Mediterrâneo, do outro lado para o Mar Morto, perto do qual Sitim estava situado, significando o evangelho brotando como uma fonte de água ininterrupta para todo o mundo, para conversão de judeus e gentios.

É interessante perceber que tanto Oséias como Joel mencionam a chuva temporã e a serôdia. Vamos aos textos:

• Os 6: 1-3: "Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantará, e viveremos diante dele. Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra".

Ao morrer na cruz Jesus realizou uma grande vitória sobre as trevas. Mas a vitória foi mais além, quando após Sua morte, Ele ficou no túmulo por três dias, como Jonas na barriga do peixe, ressuscitou daquele lugar e mostrou-se novamente vivo, para salvar nossa alma da morte pelo resto da eternidade. É interessante lermos em Os 6: 1-2 uma referência à cruz: "Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a ligará. Depois de dois dias, nos revigorará; ao terceiro dia, nos levantará, e viveremos diante dele". Podemos comparar esta citação à de Lc 24: 46 e 1 Co 15: 3-4 que confirmam a Sua ressurreição. Aqui em Oséias nós temos uma revelação importante: o ontem na nossa vida, quando estávamos no 'Egito' (mundo) e não conhecíamos Jesus, foi um momento que Deus nos feriu e nos despedaçou para podermos nos achegar a Ele e sermos resgatados e sarados. "Depois de dois dias nos revigorará" fala do hoje (do segundo dia) em que temos Jesus e somos revigorados pelo Seu poder e pela Sua graça que operam em nós. E o terceiro dia se refere ao nosso futuro, que logicamente está ligado à nossa escolha de hoje de andarmos com Ele e O servirmos, ou seja, à ressurreição e à vida eterna. Por isso, é importante vivermos todo dia o nosso hoje na Sua presença, pois, assim, nosso passado será apenas um testemunho de vitória, cura e libertação; já nenhuma acusação pesa mais sobre a nossa vida. O nosso presente é momento de vitória e ressurreição dos problemas do ontem, e o nosso futuro será sempre glorioso, pois foi gerado e moldado pelas nossas atitudes do presente. Viveremos eternamente com Ele. Segundo a interpretação judaica até o 1º século, o 1º dia correspondia ao tempo de pecado; o 2º dia, o dia do perdão de Deus, e o 3º, ao tempo da redenção do povo de Deus.

Depois desses versículos de Oséias, o Senhor diz para nós prosseguirmos em conhecê-lO, pois com certeza, a Sua vinda é certa. Isso não só se refere à Sua primeira vinda, quando Ele derramaria o Espírito Santo sobre os que cressem nEle ('chuva'), mas à Sua segunda vinda ('chuva serôdia que rega a terra').

Na bíblia, os termos 'chuva temporã' e 'serôdia' são usados como símbolo do derramamento do Espírito Santo e estão relacionados com a estação das chuvas anuais da Palestina. A chuva temporã caía durante o outono (mês de Outubro, início do inverno) no tempo de semear a terra garantindo assim, a colheita do inverno. Era o período do plantio. Essa chuva era necessária para a semente germinar, para fazer brotar a semente. A chuva serôdia caía durante as primeiras semanas da primavera (mês de Abril, início do verão) antes da colheita, e era necessária para fazer com que a plantação

amadurecesse para a colheita. Em outras palavras, era o período do amadurecimento e colheita dos frutos. Simbolicamente, a chuva temporã significa o derramamento do Espírito Santo que aconteceu no início da igreja primitiva (Atos 2: 1-47). Essa manifestação do Espírito Santo veio para germinar a semente do evangelho que estava sendo semeada. Em outras palavras: a chuva temporã capacitou os apóstolos para realizar a obra prodigiosa de Deus. A chuva serôdia representa o derramamento do Espírito Santo que se manifestará nos últimos dias da história da humanidade e irá preparar a terra para a colheita que Cristo realizará na Sua 2ª vinda (Oséias 6: 3; Oséias 10: 12; Jl 2: 23):

• Os 6: 3: "Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra".

• Os 10: 12: "Então, eu disse: semeai para vós outros em justiça, ceifai segundo a misericórdia; arai o campo de pousio [= interrupção do cultivo da terra por um ou mais anos para que se torne fértil]; porque é tempo de buscar ao Senhor, até que ele venha, e chova a justiça sobre vós" – cf. Jr 4: 3: "Porque assim diz o Senhor aos homens de Judá e Jerusalém: Lavrai para vós outros campo novo e não semeeis entre espinhos".

• Jl 2: 23: "Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no Senhor, vosso Deus, porque ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia".

Por isso, precisamos receber a chuva temporã, que o Espírito Santo derramou e quer continuar a derramar sobre nós, para que possamos receber a chuva serôdia para o Arrebatamento, ou seja, uma força especial para pregar o evangelho como a última chance de arrependimento dada ao homem antes do juízo divino. É para separar definitivamente os que se destinam à Salvação.

Como um resumo de tudo isso, nós podemos dizer que devemos deixar o Espírito Santo trabalhar em nossa alma como numa terra que precisa ser lavrada e semeada para poder dar fruto, mesmo que pareçamos feridos por Deus. Ele mesmo curará a nossa ferida, pois ela foi necessária para o nosso crescimento. Em segundo lugar, devemos estar abertos ao Seu avivamento, buscando os dons do Espírito Santo e sendo instrumentos em Suas mãos para continuar a obra que foi iniciada por Jesus.

Amós:

Amós (*'carregador de fardo'*; diferente de 'Amoz', *'ãmôç,* que significa: *'forte, firme'*), viveu (Am 1: 1) durante os reinados de Uzias, rei de Judá (781-740 AC) e Jeroboão II, rei de Samaria (782-753 AC). Provavelmente, Amós atuou no meio do caminho entre os reinados paralelos desses dois reis, entre 760 e 750 AC, antes do exílio de Israel em 722 AC. Nascido em Tecoa, ao sul de Jerusalém (Am 1: 1), ele era um pastor de Judá, além de "colhedor de sicômoros" (Am 7: 14-15), o que significava que ele não pertencia à classe da qual os profetas usualmente se originavam, nem foi treinado para o ofício profético nas escolas dos profetas. Era, sim, um profeta sem credenciais conhecidas, a não ser o fato de que tinha uma palavra da parte de Deus.

Amós fala sobre o descontentamento de Deus contra a exploração dos mais pobres e indefesos (Am 2: 6-7), assim como critica o materialismo e o baixo nível moral de Israel, que tinha absorvido isso dos seus vizinhos pagãos (Am 2: 8-16). A justiça se inclinava para os que podiam pagar subornos. Embora seguissem os rituais religiosos, permaneciam interiormente na impiedade e na imoralidade, tentando mascarar as injustiças do dia a dia, e Deus rejeitava esses rituais (Am 4: 4-5; Am 5: 21-27). Ele

proclama Seu julgamento contra os povos circundantes, contra Judá e Samaria pelos pecados contra as leis morais que alicerçam a sociedade (Am 6: 1-14) e fala também sobre o Dia do Senhor, quando a Assíria haveria de ser Sua vara para ferir Israel (Am 9: 1-10). As visões que Amós teve são símbolos do juízo de Deus (gafanhotos: Am 7: 1-7; fogo: Am 7: 4-6; prumo: Am 7: 7-9; um cesto de frutos de verão: Am 8: 1-14). A mensagem central de sua profecia é a soberania divina sobre todas as coisas (natureza, nações, seres humanos). Amós também considerava a justiça o atributo moral mais importante da natureza do Senhor sobre a injustiça, a imoralidade e a desonestidade. O livro termina com uma profecia sobre a futura conversão dos gentios (Am 9: 11-12 cf. At 15: 16-18) – em Am 9: 11-12 está escrito: "Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi (*) [NIV, 'a tenda caída de Davi'], repararei as suas brechas; e, levantando-o das suas ruínas, restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade; para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas"... cf. At 15: 14-18: "... expôs Simão *[Pedro]* como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome. Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito: Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei. Para que os demais homens busquem o Senhor, e também todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde séculos".

(*) Levantar a tenda caída de Davi [o tabernáculo caído de Davi] é uma referência profética sobre o reino espiritual de Jesus, onde Israel e Judá estariam juntos e poderiam viver livres diante do Senhor, adorando-O sem rituais desnecessários e vazios, e um reinado do qual os gentios também poderiam ter o direito de participar, pois Jesus seria o pastor de todos. 'A tenda caída de Davi' significava a humilhação em que estava a Casa de Davi, sem governante à altura para que Deus pudesse manter Sua promessa de um descendente davídico no trono. E isso tinha acontecido por causa da idolatria e da rebeldia de Israel, que contaminou a casa de Judá, provocando sobre ela também a ira de Deus. Porém, Jesus veio trazendo um reino espiritual para todos os que O aceitassem como Senhor e Salvador. Nós, gentios, somos o Israel espiritual de Deus. O que no passado (AT) era físico, agora é espiritual (Ef 6: 12; 2 Co 10: 3-6).

Há uma referência interessante em Am. 8: 11-13 sobre a 'sede da palavra de Deus' nos últimos dias, o que nos faz pensar não somente no provável teor apocalíptico da profecia como também no Período Intertestamentário, em que o povo viveu um longo período de silêncio de Deus, que já não falava mais pela boca dos Seus profetas. Também este trecho é considerado pelos estudiosos como o momento do cativeiro na Assíria ou a rejeição dos Judeus a Cristo, que fez com que Sua palavra e Sua graça fossem retiradas deles e passadas aos gentios.

Obadias:

Obadias *('Obhadhyãhii ou 'Obhadhyâ = 'servo de YHWH' ou 'adorador de YHWH')* provém da mesma raiz hebraica de *Obede ('que adora a YHWH'),* e provavelmente profetizou entre 605 e 583 AC (no tempo do exílio de Israel) e foi profeta de Judá. Na verdade, há pouquíssimas informações concordantes a respeito de Obadias. Fala sobre a rixa entre Israel e Edom (parente distante de Israel por meio de Esaú), pois quando o reino de Judá foi invadido e conquistado pela Babilônia, Edom não só não o ajudou como ajudou o inimigo a saqueá-lo, entregando os israelitas em suas mãos. Deus condenou os edomitas pela arrogância e pela traição, portanto, seriam

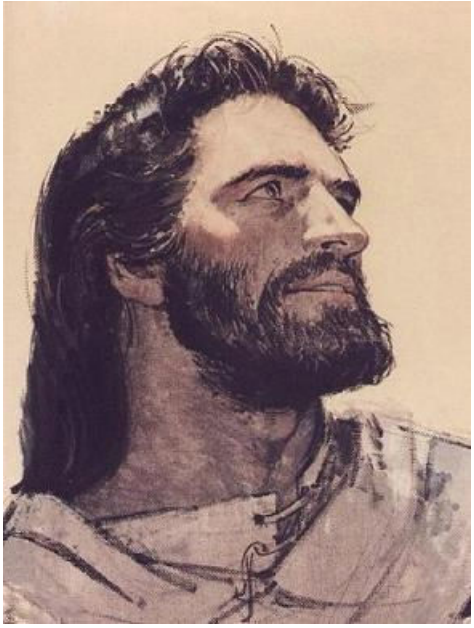
julgados pela sua desumanidade para com Israel (Ob 10-11). Obadias prega, além do julgamento de Edom, o julgamento universal e a restauração da nação escolhida.

Observando o perfil profético desses quatro homens de Deus, podemos tirar a conclusão de que todos eles proclamaram a impiedade do seu povo e o conclamaram mais uma vez à aliança e ao compromisso com o Senhor, reforçando neles a idéia do inevitável juízo divino sobre todo o tipo de pecado. Mesmo tendo vivido muito tempo depois de outros irmãos que trouxeram a Israel a mesma mensagem de YHWH, e que foi rejeitada e desobedecida, esses profetas obedeceram à voz do Altíssimo para exortar novamente o Seu povo; eles não desistiram de clamar, continuaram a profetizar a Palavra de justiça, juízo, misericórdia e restauração, como uma forma de dizer que o Criador sempre nos dá uma nova chance de reavaliar a nossa vida, de repensar sobre as nossas atitudes e de exercer nosso livre-arbítrio, escolhendo entre a salvação e a punição. Por isso, o profeta de Deus *não deve desistir de exortar*, mesmo já tendo proclamado a mesma mensagem anteriormente, até que Ele execute aquilo que prometeu. Deve também chamar seus irmãos à aliança e à comunhão com seu Criador, assumindo o perfeito compromisso de ser Seu instrumento na terra. Muitas vezes, é o exemplo de vida do profeta a melhor maneira de testemunhar que o que prega é real e verdadeiro e de poder revelar ao mundo o seu Deus.

Referência bibliográfica:

• O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.

"Porque a minha boca proclamará a verdade; os meus lábios abominam a impiedade" (Pv 8: 7).



Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias

O zelo do Senhor pelo Seu povo e pela Sua santidade

“Sim, as minhas palavras fazem o bem ao que anda retamente” (Mq 2: 7b).

“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6: 8).

“O Senhor é bom, é fortaleza no dia da angústia e conhece os que nele se refugiam” (Na 1: 7).

Miquéias:

Miquéias *(Mikhâ,* forma abreviada de *Mikhãy^{e}hii*, *quem é como YHWH?)* profetizou por volta de 742 a 687 AC, durante os reinados de três reis de Judá: Jotão, Acaz e Ezequias. Nasceu em Moresete (Mq 1: 1), referindo-se a Moresete-Gate, nas terras baixas de Judá. Foi contemporâneo mais jovem de Isaías. Escreveu para os habitantes de Judá, a fim de adverti-los de que o juízo divino era iminente por haverem rejeitado a Deus e à Sua lei (condenação contra os príncipes e os profetas – Mq 3: 1-12). Haveria a punição de Israel e sua restauração, a glória e a paz vindoura sobre Jerusalém, o sofrimento e a restauração de Sião, a corrupção da sociedade (Mq 7: 1-6) e a afirmação final de confiança em Deus (Mq 7: 7). Seu estilo vigoroso e a consistente revelação de julgamento divino andam junto com a compaixão e a esperança de Deus. Profetizou contra Jerusalém (Mq 4: 10) e, assim como Amós e Isaías, se levantou contra a exploração dos pobres sitiantes e agricultores pelos proprietários de terras (Mq 2: 1-5). Salientava a retidão e a moralidade essenciais da natureza divina. Assim como Amós, Oséias e Isaías, Miquéias achava que Deus usaria uma nação pagã para castigar Seu próprio povo culpado. Predisse claramente as depredações efetuadas por Salmaneser V (727-722 AC) no reino do norte, bem como a destruição final de Samaria e Judá (posteriormente) por causa da idolatria e da corrupção social. Também esperava pelo Messias que nasceria em Belém (Mq 2: 13; Mq 5: 2-5) e traria restauração à nação. Salientava que a graça salvadora de Deus não podia ser obtida por mérito (Mq 6: 6-8), na forma de ofertas pretensiosas de sacrifícios e formalidades, mas pela humildade, misericórdia e justiça como uma experiência diária na vida do indivíduo.

Naum:

Naum significa ‘consolação, consolo, compassivo’. Período profético: 663-612 AC. Naum faz lembrar que Deus detém o controle da História e que não permitirá que o mal prevaleça para sempre (Na 1: 1-3). Ele nasceu em Elcos (Judá). A captura de Tebas (Nô-Amom – Na 3: 8-10) já havia ocorrido em 661 AC, sob Assurbanipal (669-627 AC), rei da Assíria, após três anos de cerco. Nínive, a capital da Assíria, caiu em 612 AC, quando foi conquistada pela Babilônia e pela Média, mais ou menos cem a cento e cinqüenta anos depois de Jonas entregar a mensagem de Deus a ela. Naum descreve o julgamento vindouro pelo zelo de Deus, que consiste em levar avante os Seus propósitos tanto para fazer prevalecer o Seu próprio reino como para castigar os Seus adversários. Naum descreve também o inimigo que porá cerco a Nínive (Na 3: 1-19), os Medos, que vieram da planície da Pérsia e voltavam sua atenção contra os Assírios da planície da Mesopotâmia. Nínive, uma grande cidade comercial (Na 3: 16) da Assíria e sua última capital, seria saqueada. Sua impiedade seria castigada. Era sanguinária e cruel, cheia de mentira e roubo (Na 3: 1), uma cidade guerreira e tinha matado muitas nações por meio de suas prostituições e feitiçarias (Na 3: 4). O termo hebraico para Nínive (nïn^{e}weh ou Nīnewē – נינוה), em grego: nineue (Νινευη), em latim: Nineve, em árabe: Naīnuwa, uma ‘cidade excessivamente grande’, é uma tradução do assírio ninua, em babilônico antigo ninuwa, que por sua vez é transliteração do nome sumério mais antigo ainda, Nina, nome da deusa Istar, deusa da fertilidade, do amor e da guerra, a deidade protetora daquela cidade e cujo nome era escrito com um sinal representando

um peixe dentro de um ventre. Nina era o nome assírio antigo da 'Rainha dos Céus' (Jr 44: 17; 18; 19; 25), portanto, local de muita abominação e idolatria, feitiçaria e prostituição.

Habacuque:

Habacuque, profeta de Judá, profetizou mais ou menos entre 610 a 597 AC, durante o reinado do rei Jeoaquim (609-598 AC). Fala a Deus como um intercessor do povo pedindo que acabasse com a corrupção de Judá (Hc 1: 1-4). Clama a Deus por causa da iniqüidade que vê ao seu redor e pergunta por quanto tempo ela continuaria sem ser castigada. Deus lhe responde que está preparando os caldeus e descreve a ferocidade dos seus exércitos e seu desprezo por todos os que se atrevessem a barrar seu caminho (Hc 1: 5-11). O profeta espera que Deus resolva seu conflito interno em relação às suas cogitações: como um Deus Santo permitiria também tanta atrocidade por parte dos caldeus? (Hc 1: 12-17). Então ele fica atento *("torre de vigia")* e a resposta vem confirmando que o orgulho dos caldeus os destruirá e a fidelidade do justo será sua salvação (Hc 2: 1-5). Seu nome está ligado à raiz hebraica que quer dizer: *abraço (h-b-q)* ou com o nome da planta assíria, *hambakuku*. A forma grega é *Hambakoum*. Pouca informação, na verdade, se encontra sobre o profeta. No último capítulo, sua oração é em forma de cântico, como fez Débora, não só descrevendo o juízo de Deus sobre Seu povo e sobre Seus inimigos, como afirmando sua fé nEle até que toda a Sua vontade se cumpra.

O versículo 2 da oração de Habacuque (Hc 3: 1-19) tem sido muito usado por muitos servos de Deus como uma inspiração para suplicar a Ele pelo avivamento, mas podemos ver também que essa oração nos mostra a majestade e o poder do Senhor julgando as nossas causas e respondendo ao inimigo com a mesma violência que ele usou contra nós. Deus salvará sempre os Seus ungidos, mesmo que tenha sido levado a discipliná-los pelas suas transgressões. Da mesma forma que o profeta Habacuque sentindo-se alarmado e impotente diante daquilo que não poderia mudar (Hc 3: 2), vendo e prevendo a destruição e a desolação, nós também podemos manter firme a nossa fé no Senhor, tendo a certeza de que toda provação será superada, e no final de tudo Ele fará justiça e nos trará a honra, pois Ele mesmo nos ajudou a permanecer firmes na Sua promessa e na Sua palavra (Hc 3: 17-19) e nos fez superar os obstáculos, colocando-nos num patamar de entendimento maior ('e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente').

Sofonias:

Sofonias *('YHWH ocultou')* profetizou durante o reinado do rei Josias, em Judá, em 640 a 609 AC, mas antes da destruição da cidade de Nínive em 612 AC. Após o falecimento de Ezequias a religião judaica deteriorou, sendo reavivada a adoração idólatra através de seu filho Manassés. Sofonias, provavelmente, nasceu durante o período das atrocidades perpetradas por este último rei, o qual, de conformidade com a tradição, serrou pelo meio o profeta Isaías (Hb 11: 37). Sofonias era aparentado com Josias, o bisneto de Ezequias (Sf 1: 1 – filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias; este era outro filho de Ezequias e irmão de Manassés). Josias subiu ao trono com a idade de oito anos (640 AC) e foi muito influenciado por Hilquias, o sumo sacerdote da época que assessorou o rei e inclinando-o à piedade. Josias, com dezoito

anos, ordenou a renovação do templo; durante o processo de restauração religiosa, o Livro da Lei foi encontrado e mudou a vida da nação. Sofonias escreveu para o povo de Judá, advertindo-o do juízo de Deus pelos pecados e assegurando que o juízo divino abriria o caminho para uma nova sociedade, na qual a justiça prevaleceria e toda a humanidade adoraria ao Senhor (Sf 3: 1-20). Após a purificação do povo, ficaria apenas um remanescente humilde que confiaria no Senhor, pois as sentenças de acusação seriam retiradas por Ele (Sf 3: 12). Fala sobre "o resto de Baal" em Jerusalém (Sf 1: 4 cf. Os 2: 16-17) bem como outros costumes idólatras que foram abandonados (Sf 1: 5; 2 Rs 23: 4-20; 24; 2 Cr 34: 1-7) após o descobrimento do Livro da Lei (2 Rs 22: 8-10; 2 Rs 23: 21; 2 Cr 34: 14-18). Entre esses costumes estava o de adorar os corpos celestes ou seres angélicos ("exército do céu") e a adoração a Milcom ou Moloque, Deus dos amonitas (Sf 1: 5). Sofonias se preocupa com o Dia do Senhor, através do julgamento de todas as coisas, julgamento das nações estrangeiras (Filístia, Moabe e Amom, Egito e Assíria), assim como Judá e Jerusalém. Com o juízo de Deus, Sofonias quis ilustrar que Ele precisava fazer Seu povo atravessar as chamas da aflição, a fim de prepará-lo para ser uma bênção que se estenderia à humanidade inteira.

Portanto, ao falar desses quatro profetas, estamos falando do *zelo do Senhor pelo Seu povo*, apesar do seu pecado, punindo também aqueles que zombam do seu sofrimento e do *Seu zelo pela Sua própria santidade*, pois quando Seus escolhidos cometem iniqüidades e atrocidades, Seu nome santo é envergonhado. O que Ele pede de nós é a humildade e a verdadeira adoração. Dessa forma, o profeta deve ser um instrumento de *zelo do Senhor* onde há pecado, irreverência, abominação, falta de temor e desconhecimento do Deus verdadeiro. Não deve permitir que o mundo o influencie ou que as coisas do maligno e da carne o seduzam e o desviem da verdade, pois tudo isso deixa uma mácula no nosso espírito e fere o Espírito Santo que está em nós. Devemos saber que o amor e a misericórdia do Senhor estarão sempre disponíveis para todos aqueles que se arrependem sinceramente do seu erro e que a Sua restauração é completa, removendo de nós toda a acusação do inimigo. É Ele que nos justifica perante os que nos humilharam e nos eleva perante os que desejaram nos ver cair. Quando estamos no centro da Sua vontade, Sua proteção e a Sua justiça estão sobre nós. Devemos interceder como Habacuque por aqueles que estão no erro, mas não carregar o fardo pelos seus pecados e pela sua rebeldia e idolatria. Quando o pecador rejeita a correção através da boca do intercessor e do profeta, é hora de parar de orar e deixar a vontade soberana de Deus entrar em ação para disciplinar, convencer do erro, do pecado, da justiça, do juízo e, assim, vindicar Sua própria santidade.

Referência bibliográfica:
• O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.

"Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim, a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei" (Ez 22: 30).

"Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar" (Hc 2: 14).

Ageu

Força para reconstruir

Zacarias

A salvação vem do Messias

Malaquias

Ensinar o sacerdócio santo

“Então, Ageu, o enviado do Senhor, falou ao povo, segundo a mensagem do Senhor, dizendo: Eu sou convosco, diz o Senhor” (Ag 1: 13).

“Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Para obter ele a glória, enviou-me às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho” (Zc 2: 8).

“Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do Senhor dos Exércitos” (Ml 2: 7).

Ageu:

Ageu profetizou em 520 AC (Ag 1: 1 – Ag 2: 10, em 112 dias). Seu nome significa: *alegria, festa*. Embora os judeus tivessem iniciado a reedificação do templo dezesseis anos antes dessa profecia (por volta de 536 AC), a oposição dos povos vizinhos conseguia intimidá-los e levá-los a abandonar a obra de reconstrução. Ageu estimula o povo a reconstruir, no segundo ano do reinado de Dario I, isto é, em 520 AC (Ag 1: 1; Ed 4: 24; Ed 5: 1-2). Ageu e Zacarias são os primeiros profetas referidos depois do retorno dos primeiros exilados em 538 AC. A ordem de reconstrução já havia sido dada por Ciro em 539 AC, quando teve início o império persa. O templo começou a ser edificado em 536 AC, porém, parou por dezesseis anos e era por isso que Ageu clamava. Sua conclusão foi em 516 AC (Ed 6: 15 cf. Ag 2: 18 – seu início). Segundo a História, o segundo retorno dos exilados a Jerusalém (sob comando de Esdras) foi em 458 AC, e a reconstrução das muralhas de Jerusalém, em 445 AC (3º retorno: Neemias). Ageu testemunhou a crescente apatia durante aquele período e, ao chegar à idade apropriada, o Espírito de Deus sobre ele operou com o dom da profecia. Em Ageu há quatro profecias:

• 1: 1-11, sexto mês, primeiro dia. Dirige-se a Zorobabel e a Josué, líderes do povo, falando da *negligência* dos dezesseis anos passados, durante os quais o povo deveria vir reedificando o templo (Ed 3 e 4). Ao contrário, haviam preferido construir casas para si, experimentando desastres naturais que destruíam as colheitas e mantinham o povo na pobreza. Assim, Deus os lembrava de colocá-lO em primeiro lugar em suas vidas. Em vinte e quatro dias o povo reagiu à profecia.

• 2: 1-9, sétimo mês, vigésimo primeiro dia. *Palavras de encorajamento* àqueles que sentiam que o novo templo era pobre em comparação com o antigo. A glória da segunda casa seria maior do que a da primeira. *"As coisas preciosas",* descritas no versículo 7 se refere às contribuições dos gentios, que ajudariam a adornar o templo (Herodes, por exemplo, que o reconstruiu, mesmo à custa de impostos sobre Judeus e Gentios súditos de Roma). Os gentios começaram a ser atraídos ao judaísmo e tiveram permissão de ocupar seus átrios externos, quando vinham para adorar e trazer suas ofertas. A profecia se cumpriu em Jesus (Ef 2: 17-22).

• 2: 10-19, nono mês, vigésimo quarto dia. As ruínas do templo estavam imundas e *contaminavam a nação e as coisas em que tocavam*. Por isso, colocar o fundamento novo faria toda a diferença e daquele instante em diante a obra do povo seria abençoada (Ed 3: 10). Em 536 AC realizou-se a cerimônia de inauguração. Podemos extrapolar nosso raciocínio para os dias de hoje dizendo que as coisas impuras do mundo não devem ser oferecidas a Deus (Ag 2: 14). Nem o sacerdote pode torná-las santas. Deus pode santificar o pecador através do sangue de Jesus, mas não santifica a sujeira mundana (o pecado).

• 2: 20-23, nono mês, vigésimo quarto dia. Promessa especial a Zorobabel, o governador de Judá, de que seria conservado em segurança, apesar das perturbações que assolavam o império persa.

Zacarias:

'Zacarias' significa 'O Senhor se lembra'. Da mesma forma que Ageu, Zacarias também profetizou entre 520 a 480 AC, durante o reinado de Dario I. Era profeta e sacerdote e nasceu no exílio. Quando jovem, voltou da Babilônia para Jerusalém. Motivou o povo a restaurar o templo e fez predição sobre o Messias (Zc 3: 8-10; Zc 9: 9; Zc 10: 4). Mencionado com Ageu em Ed 5: 1; Ed 6: 14, ele foi um entusiasta a favor da reconstrução do templo em 520 AC. De 536 a 520 AC a reconstrução foi negligenciada. Zacarias era jovem quando começou a profetizar (Zc 2: 4). A segunda parte do livro se refere às suas profecias no período em que já era idoso. A primeira visão se refere aos cavaleiros angélicos, que são informados que Deus restaurará Jerusalém. A segunda fala sobre os quatro chifres e os quatro ferreiros. A terceira visão, a Jerusalém reconstruída será como uma aldeia sem muros, pois o Senhor trará a ela muitas pessoas; será pátria tanto de judeus como de gentios (Zc 2: 1-13). A quarta visão: Josué, o sumo sacerdote, acusado por Satanás, é vindicado por Deus, recebendo acesso à Sua presença e aparece como símbolo do Messias-Renovo (Zc 3: 1-10). A quinta é o candelabro de sete hastes, alimentado por duas hastes com azeite saído de duas oliveiras, o que pode ser um encorajamento para Zorobabel e Josué (Zc 4: 1-14) ou se referir às duas testemunhas mártires colocadas em Ap 11: 4 (teor apocalíptico na profecia de Zacarias). Em Zc 4: 14 está escrito: "Então, ele *(o anjo que falava com o profeta)* disse: São os dois ungidos, que assistem junto ao Senhor de toda a terra". Na NVI está escrito em Zc 4: 14: "São os dois homens que foram ungidos para servir ao Soberano de toda a terra"; no original, em hebraico, está escrito: "... os dois que trazem óleo e servem". A sexta, um imenso rolo voante, leva palavras de Deus que condenam o pecado (Zc 5: 1-4). A sétima: uma mulher em um efa (simbolizando o pecado) é removida para a terra imunda da Babilônia, o lugar do exílio (Zc 5: 5-11). A oitava mostra quatro carruagens que saem pela terra afora como executoras de Deus (Zc 6: 1-8). Josué é coroado como símbolo do Messias-Renovo que edifica o templo e governa na qualidade de Rei-Sacerdote (Zc 6: 9-15). Em algumas delas, podemos ver a referência clara ao Messias e em outras, podemos cogitar o teor apocalíptico das visões (por exemplo, Zc 14: 1-15). Zacarias também fala do jejum que não agrada a Deus (Zc 7: 1-7 cf. Is 58: 1-14).

Em Zc 7: 3-5 está escrito: "... perguntaram os sacerdotes, que estavam na Casa do Senhor dos Exércitos aos profetas: Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês, como temos feito por tantos anos? Então, a palavra do Senhor dos Exércitos me veio a mim, dizendo: Fala a todo o povo desta terra e aos sacerdotes: Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, acaso foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?"

Em Zc 8: 19, nós podemos ver quatro meses de jejum observados pelos Judeus, instituídos pós-exílio, que marcavam os desastres da história judaica. A bíblia diz: "Assim diz o Senhor dos Exércitos: O jejum do quarto mês, e o do quinto mês, e o do sétimo, e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz".

Vamos explicar a qual situação Deus estava se referindo:

Quarto mês (2 Rs 25: 3 – a cidade de Jerusalém foi tomada pelos Babilônios)

Quinto mês (2 Rs 25: 8 – o templo foi queimado)

Sétimo mês (Jr 41: 1 – Gedalias foi morto). Gedalias (Jr 40: 5), filho de Aicão, filho de Safã, foi a quem o rei da Babilônia nomeou governador das cidades de Judá. Este jejum não deve ser confundido com o jejum da Expiação (Êx 30: 10; Lv 16: 29-34; Lv 23: 26-32), 'Yom Kippur'.

Décimo mês (2 Rs 25: 1; Ez 24: 1 – quando o exército Babilônico sitiou a cidade).

As demais profecias do período final de Zacarias trazem o cunho messiânico com Sua Salvação para o povo verdadeiramente arrependido (em relação aos antigos judeus, temos aqui a impressão que o primeiro entusiasmo cedera lugar à frieza, à formalidade, à liderança fraca e ao temor de ataque da Grécia).

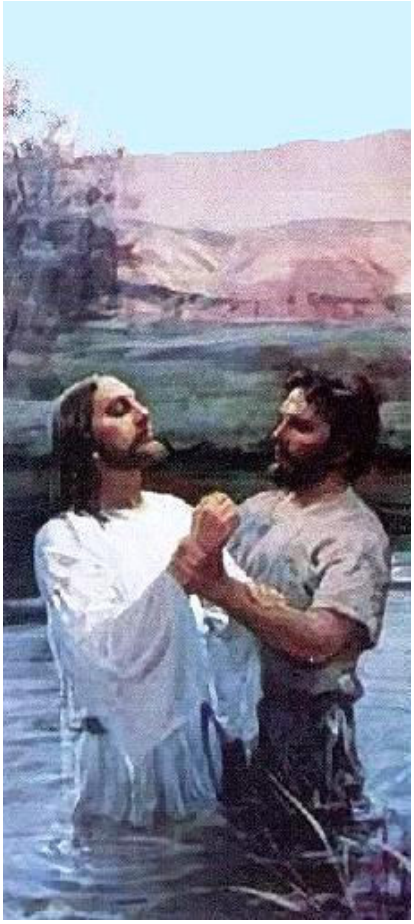
Malaquias:

Malaquias profetizou por volta de 450-400 AC, depois de Israel ter voltado do cativeiro babilônico, depois da reconstrução do templo de Jerusalém (516 AC). Combate o comodismo e a indiferença no meio do povo. Ajuda a reavaliar o relacionamento com Deus. Seu nome significa *"Meu mensageiro"*. A Lei já havia sido quase esquecida, tanto pelos sacerdotes que ofereciam alimento impuro (animais com defeito), quanto pelo povo que se casava com mulheres de religião estrangeira. Não havia mais zelo pelas coisas do Senhor, negligenciando os dízimos. Através dele, o Senhor deixa claro o dever do sacerdote. Seu livro pode ser dividido em duas partes: 1) pecado de Israel e julgamento que sobrevirá aos ímpios e 2) da bem-aventurança que virá sobre aqueles que se arrependem (aqui podemos ver também referências quanto ao Messias e quanto a João Batista: Ml 3: 1-5; Ml 4: 2 e Ml 4: 5-6). A partir de sua morte, Israel entrou no "período de silêncio de Deus", previsto por Am 8: 11-13, onde a nação foi entregue nas mãos de reis pagãos devido à sua negligência pelas coisas sagradas até que se arrependesse e fosse preparada para receber a salvação através do Messias. A vinda de Jesus seria terrível para os ímpios, mas traria consolo e alegria para os piedosos (Ml 4: 1).

O que podemos ver na vida desses três últimos profetas de Deus é a *força da palavra profética que nos ajuda a reconstruir* o que foi destruído em nossa vida, além do que Ele nos lembra do que é *"sacerdócio santo",* do que precisamos fazer para agradar-Lhe como nosso Senhor. Ele não deseja nos ver apáticos em relação ao nosso chamado nem à Sua obra, pois isso poderia desanimar toda a Sua Igreja. Cada um de nós tem a responsabilidade de perseverar no próprio caminho e zelar pelos dons espirituais que nos foram dados para que possamos ser um canal de Suas bênçãos para outras vidas. Assim sendo, através do nosso testemunho vivo, estaremos profetizando e trazendo a salvação do Messias para todos os que se acham em trevas. Em nossa boca, Suas palavras são vivas e são verdadeiros tijolos que ajudam nossos semelhantes a reconstruir seus 'templos'. Por isso, como profetas, nós devemos obedecer em tudo à voz do Espírito de Deus, tanto para exortar, repreender, convencer do erro e eliminar o pecado, como para trazer o consolo e o incentivo àqueles que o Senhor envia a nós. Mesmo condenando o mal e trazendo à luz os erros da carne, estaremos contribuindo para a 'edificação de muros e reparação de brechas' (cf. Is 58: 12).

Referência bibliográfica:
• O Novo Dicionário da Bíblia – J. D. Douglas – edições vida nova, 2ª edição 1995.

"Ouvi, pois falarei coisas excelentes; os meus lábios profetizarão coisas retas" (Pv 8: 6).



João Batista

Ser atalaia e proclamar o arrependimento, preparando o caminho para o Senhor

“Tu, menino serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor, preparando-lhe os caminhos da salvação, no redimi-lo dos seus pecados, graças à entranhável misericórdia de nosso Deus, pela qual nos visitará o sol nascente das alturas, para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e dirigir os nossos pés pelo caminho da paz” (Lc 1: 76-79).

“Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 3: 2).

João Batista

João Batista era primo de Jesus e foi por Ele considerado o último e maior membro da sucessão profética, além de ser comparado por Jesus com Elias:

• Lc 16: 16: "A lei e os profetas vigoraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o evangelho do reino de Deus, e todo o homem se esforça por entrar nele".

• Mt 11: 10-14: "Este é de quem está escrito: Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti. Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir".

Jesus disse que entre os nascidos de mulher não houve ninguém maior do que João, pois ele veio no amanhecer do evangelho e teve um privilégio maior do que todos os profetas do AT, que foi ver a presença do Messias, mas não viu a ressurreição de Jesus nem fez milagres em Seu nome como os apóstolos fizeram.

• Mt 17: 12-13: "Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer nas mãos deles. Então os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista".

Aliás, em Ml 3: 1 e Ml 4: 5-6 já havia sido profetizado sobre João, que viria para preparar o caminho para o Messias de Israel: "Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos Exércitos... Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição".

João (*Yôhãnãn*, significa: *YHWH é gracioso*) foi anunciado ao seu pai Zacarias, que era sacerdote do turno de Abias, no templo de Jerusalém, quando esse estava oferecendo o sacrifício da tarde. O anjo Gabriel lhe apareceu e lhe disse que Deus tinha ouvido suas orações e lhe daria um filho a quem poria o nome de João e ele seria profeta, preparando o povo para receber a redenção do Senhor através do Messias esperado. Zacarias e sua esposa Isabel já eram idosos e tinham esperado por um filho durante toda a vida, mas somente agora seriam pais. O susto e a incredulidade invadiram o coração do sacerdote, pois já não cria que pudesse ser pai com idade avançada, além do que Isabel, sua esposa, era estéril. Pelas palavras do anjo, Zacarias ficou mudo, até que João nasceu e foi circuncidado. Ele entoou um cântico ao Senhor, não somente exaltando o Seu poder, como também profetizando sobre o próprio filho (Lc 1: 5-25; 57-80). João era primo de Jesus, pois sua mãe, Isabel, era prima de Maria, mãe de Jesus.

A Bíblia registra que João Batista comia gafanhotos e mel silvestre (Grego: ἀκρίδες καὶ μέλι ἄγριον, romanizado: akrides kai meli agrion) enquanto vivia no deserto (Mt 3: 4; Mc 1: 8). A palavra grega ἀκρίδες (akrides) é o plural de ἀκρίς (akris), gafanhoto (Strong #G200). Algumas tentativas foram feitas no sentido de explicar a palavra grega como 'alfarroba', o que, portanto, seria uma comida vegetariana, mas o significado claro da palavra grega 'akrides' é 'gafanhotos', que corresponde ao hebraico arbeh (אַרְבֶּה, de rabah – Strong #697), locusta, gafanhoto (Êx 10: 4; Jl 1: 4). A alfarrobeira é uma árvore da família das leguminosas, cujo fruto é uma vagem de polpa doce, muito

usada para tratar infecções intestinais nos lactentes e cuja madeira vermelha e dura é usada em marcenaria.

Segundo a bíblia, João cresceu no deserto, longe da civilização, seguindo as regras estabelecidas para os Nazireus (consagrados ao Senhor), pois foi dedicado ao Senhor por toda a sua vida. Permaneceu no deserto até que o Espírito Santo começou a usá-lo como profeta, anunciando arrependimento entre o povo e preparando seus corações para receberem a Palavra por meio de Jesus. Seus sermões eram duros e as palavras bastante vigorosas, o que causava choque entre os mais eruditos como os fariseus e escribas. João trazia certa confusão a eles, pois achavam ser ele o próprio Messias anunciado. Ele, porém, testificava que era apenas o seu predecessor (Mt 3: 2-12; Lc 3: 15-17). Através dele, o povo era batizado no batismo de arrependimento e preparado para receber as verdades do reino de Deus através de Jesus. Este mesmo foi batizado por seu primo no rio Jordão (Lc 3: 21-22). João Batista batizava a princípio, provavelmente em Betânia (outra Betânia que não a de Lázaro) na região de Peréia, governada por Herodes (Jo 1: 28; Jo 10: 40) ou em Enom (ainõn, em árabe, ‘ain = fontes) perto de Salim, no lado ocidental do rio Jordão, mais ou menos treze quilômetros ao sul de Citópolis na região de Decápolis – Jo 3: 23.

João Batista foi preso por Herodes Antipas, ao ser repreendido pelo profeta a respeito do seu relacionamento impuro com a cunhada e, a partir daí, Jesus começou Seu ministério, a princípio se dirigindo para o norte de Israel onde se estabeleceu em Cafarnaum, cidade à margem do mar da Galiléia. No cárcere, o próprio João ouviu sobre os feitos de Jesus e enviou discípulos para confirmarem ser Ele mesmo o Messias profetizado. Eles voltaram com uma resposta que testificava dos Seus milagres entre o povo, o que deixou bem claro a Seu primo de quem se tratava (Mt 11: 2-6).

João Batista foi morto pelas mãos de Herodes. Sua cabeça foi entregue numa bandeja nas mãos do rei por pedido da filha de Herodias, sua cunhada, com quem vivia o relacionamento condenado pelo profeta (Mt 14: 1-12; Mc 6: 14-19).

Segundo a tradição cristã, o nascimento de João Batista ocorreu no vilarejo de Ain Karem (Em hebraico, Ein Kerem ou Ain Karem = ‘Fonte da Vinha’; em Árabe: ‘Ein Kārem ou ’Ayn Karim = ‘Fonte generosa’), a sudoeste de Jerusalém. De acordo com a bíblia, Maria foi procurar Isabel e Zacarias numa cidade da região montanhosa de Judá (Lc 1: 39-40). A distância entre Jerusalém e Ein Karem era de cinco milhas (8,05 quilômetros; uma medida calculada pelo imperador Teodósio em 530 DC). Hoje, duas igrejas com o mesmo nome (Igreja de São João Batista) ocupam este lugar. Uma delas é uma igreja católica construída na segunda metade do século XIX sobre os remanescentes das igrejas bizantinas anteriores e dos Cruzados. Nesta igreja nós podemos ver restos de um antigo piso de mosaico e uma caverna onde, de acordo com a tradição cristã, João Batista nasceu. Ela foi transformada em estábulo pelos muçulmanos por mais de quatro séculos, até que os franciscanos, em fins do séc. XVII (1674) conseguiram tomar posse do lugar. Ao lado dela há um mosteiro. A outra igreja é uma igreja ortodoxa oriental construída em 1894, também nos restos de uma igreja antiga. Uma igreja moderna, a Igreja da Visitação, foi construída em 1955 por um arquiteto italiano, também sobre restos de igreja antiga construída contra uma encosta de rocha, a sudoeste da Igreja de São João Batista. Pode ser um segundo local do nascimento de João Batista (segundo alguns livros apócrifos). Foi construída para honrar a visita de Maria a Isabel, mãe de João Batista, e, segundo a tradição católica, foi ali que Maria fez o seu cântico de louvor a Deus. Em Neemias (Ne 3: 14) e Jeremias (Jr 6: 1) a cidade é chamada de Bete-Haquerém (‘Casa da vinha’). O nome Ein Kerem ou Ain Karem parece que só foi registrado após a conquista islâmica de Jerusalém em 637 DC pelo Califado Ortodoxo Rashidah (‘Califado Bem-Guiado’) na pessoa do Califa

Omar (r. 634–644), embora alguns relatos anteriores mencionem uma aldeia chamada ‘Enqarim’, como o local da moradia de Isabel, esposa de Zacarias.

Como homem de Deus, pregou o arrependimento entre o povo, repetindo o que durante séculos foi realizado pela boca dos seus irmãos, os profetas. Mais do que tudo, sua pregação foi decisiva para que Israel estivesse entregue nas mãos do próprio Filho de Deus que faria com os homens uma nova aliança, de uma vez por todas, para não mais ser quebrada. Sua semeadura não foi em vão. Assim, nós como profetas, devemos ser como João Batista para alguns que andam no erro há muito tempo e precisam tomar uma posição definitiva em suas vidas, deixando vir a redenção através de Jesus. Nossa boca deve proclamar a verdade, quer os homens ouçam ou deixem de ouvir. Assim, os corações que já estiverem quebrantados poderão receber a salvação através da nossa pregação; receberão palavras de consolo e estímulo. Os que ainda estiverem endurecidos e resistentes à Sua verdade e vontade receberão palavras fortes de exortação que colocarão diante de si a decisão de escolherem o próprio caminho: a salvação ou a perdição. Foi Jesus mesmo que disse: “eu conheço aqueles que escolhi” (Jo 13: 18). E Paulo fala: “Cada um dará conta de si mesmo a Deus” (Rm 14: 12).

“Voz que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”. (Mt 3: 3b).